

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

EUGENIA E IDENTIDADE NACIONAL NOS ESCRITOS DE MONTEIRO LOBATO

ARLINDO FERRETTI JUNIOR

ORIENTADOR: PROFESSOR DR. EULER RENATO WESTPHAL

COORIENTADORA: PROFESSORA DRA. ROBERTA BARROS MEIRA

JOINVILLE - SC

2020

ARLINDO FERRETTI JUNIOR

EUGENIA E IDENTIDADE NACIONAL NOS ESCRITOS DE MONTEIRO LOBATO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville – Univille - como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Professor Dr. Euler Renato Westphal.

Coorientadora: Professora Dra. Roberta Barros Meira.

JOINVILLE

2020

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

F387e	<p>Ferretti Junior, Arlindo Eugenia e identidade nacional nos escritos de Monteiro Lobato/ Arlindo Ferretti Junior; orientador Dr. Euler Renato Westphal; coorientadora Dra. Roberta Barros Meira. – Joinville: UNIVILLE, 2020.</p> <p>129 p.: il. ; 30 cm</p> <p>Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural – Universidade da Região de Joinville)</p> <p>1. Eugenia. 2. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 4. Características nacionais. 3. Patrimônio cultural. I. Westphal, Euler Renato. (orient.). II. Meira, Roberta Barros (coorient.) III. Título.</p> <p>CDD 363.92</p>
-------	---

Termo de Aprovação

“Eugenia e Identidade Nacional nos Escritos de Monteiro Lobato”

por

Arlindo Ferretti Junior

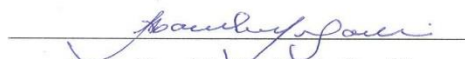
Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Prof. Dr. Euler Renato Westphal
Orientador (UNIVILLE)



Prof. Dra. Roberta Barros Meira
Coorientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Mariluci Neis Carelli
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Euler Renato Westphal
Orientador (UNIVILLE)



Prof. Dra. Roberta Barros Meira
Coorientadora (UNIVILLE)



Prof. Dr. Itamar Luís Gelain
(Centro Universitário Católica de SC)



Prof. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes
(UNIVILLE)

Joinville, 12 de fevereiro de 2020.

À minha esposa, Ana,
que me livra de mim mesmo todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus vivo e verdadeiro, cuja essência é identificada em Jesus Cristo. Feito homem, morreu como fiador absoluto das nossas dívidas, e ressuscitou como salvador das almas que neste mundo peregrinam. A Ele dou graças pela misericórdia concedidas nas obras da criação e no sacrifício salvífico da Cruz. Seu amor por mim se expressa naqueles que comigo desfrutam da alegria, me abraçam na angústia, e me guiam nas dificuldades.

Não sou, no entanto, - apesar de o ser plenamente - apenas um inveterado devedor. Este que morreu e ressuscitou há dois mil anos, e me permitiu viver. Meus débitos também se estendem a homens que viveram há poucas décadas ou séculos. As lições de Viktor Frankl, Alexander Soljenítsin e Gilbert Keith Chesterton, particularmente nestes últimos dois anos, têm empreendido uma dura luta contra minha aspereza de espírito. Me regozijo com suas pequenas vitórias nessa empreitada, e espero que eles possam articular em mim uma consciência mais prudente.

Mas eu não conheceria a Jesus de maneira tão íntima, ou sequer teria a oportunidade de esbarrar com essas distintas personalidades, se não fosse pela família e pela comunidade que Deus me deu. Meu caráter foi forjado primeiramente por um homem e uma mulher de joelhos no chão e mãos na lida diária. Minha mãe me persuadiu sobre meu gosto pela leitura. Meu pai me deu segurança, e garantiu que, ainda que enfrentando dificuldades e fracassos, eu teria sempre uma oportunidade de recomeçar. Minhas irmãs, cunhados e sobrinhos, junto à família que ganhei por meio do meu casamento, me fazem entender o que o gordo inglês quis dizer, quando escreveu que um verdadeiro soldado não luta por ódio ao que está à sua frente, mas por amor ao que está atrás de si.

Meus amigos da vida, colegas de graduação e mestrado, obrigado. Vocês me ensinaram muito. Nossas discussões me permitiram repensar ou reforçar reflexões fundamentais para a minha formação como pessoa. Quando ríamos juntos, vocês me permitiram compreender que a existência não se resume a ideias bestas sobre organização social e economia. Aos meus mestres, do ensino fundamental à pós-graduação, externo minha gratidão pela dedicação. Ao professor Afonso Imhof, que muito mais me ensinou nos bancos de concreto da Univille do que a sala de aula poderia permitir, presto meu agradecimento especial.

Aos meus nobres orientadores: gostaria de descobrir uma forma adequada de lhes oferecer tributo. Professor Euler e professora Roberta, desenvolvemos um longo trajeto, e por

sua paciência, apoio, diligência e aconselhamento, cheguei até aqui. Se este trabalho ficou adequado aos padrões científicos, isso é devido a vocês. Se há nele qualquer falha, que o ônus recaia sobre mim. Aos professores que compuseram minha banca, professora Dr. Taiza Mara Rauen Moraes, e professor Dr. Itamar Luis Gelain, meus sinceros agradecimentos pela disponibilidade e pelos comentários e sugestões, que procurei integrar a esta versão final.

Presto meus agradecimentos à equipe do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz, e aos funcionários do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas, que me receberam e auxiliaram de maneira acolhedora. É motivo de felicidade perceber que documentos tão importantes para a história do país estão nas mãos de pessoas e instituições que, mais do que dedicadas, são apaixonadas pelo trabalho que realizam. Neste sentido, agradeço também aos funcionários da Univille, em especial a Secretaria do PPGPCS, que muito colaboraram, através do esclarecimento de questões e solução de problemas que apareceram no decorrer do curso. Aproveito também para prestar minha mais sincera gratidão ao contribuinte brasileiro, que, por intermédio da Capes, financiou esta pesquisa.

Agradeço também ao professor Dan Stone, da Royal Holloway University of London, por ter me disponibilizado um esboço de um capítulo de seu livro seminal, já esgotado nas livrarias. Por questão de tempo não me aprofundei nas discussões por ele realizadas, mas suas provocações me ajudaram a pensar especialmente o último capítulo. Ao professor Vanderlei Sebastião de Souza, da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-PR), agradeço não só pelas transcrições de certas cartas, prontamente cedidas quando as solicitei, mas também por sua ampla contribuição para a História da Ciência no Brasil, motivo pelo qual recebeu repetidas menções nestes humildes escritos. À doutora Geandra Denardi Munareto, por fim, reitero minha gratidão, por gentilmente fornecer parte das fotografias das correspondências que não pude encontrar nos arquivos consultados.

À mulher que o Criador, por sua perfeita vontade, me permitiu amar, palavras seriam insuficientes. Sem seu suporte, carinho e amor, eu seria ainda metade. Esse pedaço cambaleante de carne humana sem rumo estaria, provavelmente, condenado a viver consigo mesmo, nas garras do seu próprio eu. Poucas coisas são psicologicamente mais venenosas do que o “amor a si”, do que procurar “se bastar”. Temos aprendido, você e eu, que a vida se dá no confronto e no servir. Que Deus me dê forças para te amar como Cristo amou a Igreja. Obrigado por tudo, meu bem.

Nossa geração é realista porque chegamos a conhecer o ser humano como ele de fato é. Afinal, ele é aquele ser que inventou as câmaras de gás de Auschwitz; mas ele é também aquele ser que entrou naquelas câmaras de gás de cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai-nosso ou o Shem Yisraet.

Viktor Frankl

RESUMO

A presente dissertação tem como foco central a presença de discursos eugenistas nos escritos de Monteiro Lobato, principalmente nas mobilizações destes discursos na construção de seus projetos de nacionalidade. A fim de elaborar esta análise, foram escolhidos os textos que correspondem a produção lobatiana direcionada ao público adulto, apresentada e discutida em relação a sua volumosa produção epistolar. Assumimos, a partir de Antonio Candido (2006) e Todorov (2010), que a Literatura é uma das formas pelas quais os indivíduos – e com eles a sociedade e a cultura – se expressam e arranjam sua visão de mundo. A discussão envolvendo ciência e identidade nacional era pauta comum nos anos que cercam a Primeira República (1889-1930), recorte temporal aqui abordado. A Eugenia é entendida, dentre outros autores, a partir de Turda (2010) e Salanskis (2013). A discussão desta pretensa ciência no Brasil é aqui estudada tomando como referência diferentes autores, a exemplo de Souza (2008) e Stepan (2004). Procurou-se delinear também algumas das articulações feitas por Lobato dos escritos nietzschianos, que buscou legitimar, assim, suas posições em diferentes âmbitos. Nesse sentido, esta pesquisa tem caráter bibliográfico-documental, com uma abordagem qualitativa. A partir do material analisado foi possível perceber a influência de leituras científicas ostensivas, que, convertendo-se em dogmas, acabaram por reger parte dos escritos do autor paulista.

Palavras-chave: Eugenia, Identidade Nacional, Monteiro Lobato, Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the presence of eugenicists discourses in Monteiro Lobato's writings, especially in the mobilizations of these discourses in the construction of his nationality projects. In order to elaborate this analysis, the texts that correspond to the lobatian production directed to the adult public were chosen, presented and discussed in relation to its voluminous epistolary production. We assume, from Antonio Candido (2006) and Todorov (2010), that Literature is one of the ways in which individuals - and with them the society and culture that surrounds them - express themselves and arrange their world view. The discussion involving science and national identity was a common agenda in the years surrounding the First Republic (1889-1930), a temporal cut-off here discussed. Eugenics is understood, among other authors, from Turda (2010) and Salanskis (2013). The discussion of this supposed science in Brazil is studied here taking as reference different authors, such as Souza (2008) and Stepan (2004). It is also attempted to outline some of the articulations made by Lobato of Nietzschean writings, seeking to legitimize his positions in different fields. In this sense, this research has a bibliographic-documental character, with a qualitative approach. From the material analyzed it was possible to perceive the influence of ostensible scientific readings, which, becoming dogmas, ended up governing part of the writings of the author from São Paulo.

Keywords: Eugenics, National Identity, Monteiro Lobato, Cultural Heritage.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O JECA NO LABORATÓRIO: NATUREZA, CIÊNCIA E IDENTIDADE NACIONAL EM MONTEIRO LOBATO	28
2.1 Introdução	28
2.2 O homem por trás do texto	31
2.3 O lugar em que habita o homem.....	35
2.4 O Jeca Tatu	39
2.5 A redenção do jeca	41
2.6 “Jeca sou eu”	44
2.7 Considerações finais	46
2.8 Referências	48
3 “ACIMA DA AMÉRICA ESTÁ O SANGUE”: A EUGENIA NOS ESCRITOS DE MONTEIRO LOBATO	53
3.1 Introdução	53
3.2 Um Brasil exposto ao Laboratório.....	56
3.3 O homem e seu tempo	61
3.4 Um romance eugenista	64
3.5 Monteiro Lobato e Mr. Slang na América.....	70
3.6 Considerações Finais	73
3.7 Referências	75
4 “VADE TECUM”: ENLACES EUGENISTAS ENTRE MONTEIRO LOBATO E FRIEDRICH NIETZSCHE	80
4.1 Introdução.....	80
4.2 Nietzsche no Brasil	82
4.3 Nietzsche, Seleção e Eugenia	85
4.4 Um banho em Nietzsche.....	89
4.5 Enlaces eugenistas: Nietzsche e Lobato	94
4.6 Considerações Finais	100
4.7 Referências	102
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS	113
ANEXOS	118
ANEXO I – CORRESPONDÊNCIAS: LOBATO E KEHL	119

1 INTRODUÇÃO

José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948) viveu no frenético momento de afirmação da República, da construção de identidades nacionais, e da consolidação de instituições científicas no território brasileiro. Manteve amizades e trocou cartas com importantes nomes da Ciência do cenário tupiniquim. Além disso também produziu uma grande quantidade de artigos e livros, nos quais deixa evidentes, por vezes de forma bastante didática, suas visões de mundo.

Nascido na cidade de Taubaté, Lobato iniciou sua carreira como escritor ainda na sua jornada de estudante em São Paulo. Na época, já se reunia com amigos e publicava em vários jornais de pequeno porte. Sua inserção no espaço de discussão pública nacional se deu, marcadamente, com o artigo denominado “Uma Velha Praga”, publicado em 12 de novembro de 1914, no jornal O Estado de S. Paulo (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001; VALENTE, 2010). No texto, assim como ao longo de sua carreira, Lobato é incisivo em seus posicionamentos, tecendo duras críticas aos moradores do interior do país. Delineia-se, a partir daí, o ferrenho polemista da sociedade brasileira, que só abandonará o posto com a morte.

O objetivo desta dissertação é analisar algumas das passagens de caráter eugenista nos escritos do autor, relacionando-as às discussões sobre os projetos de identidade por ele suscitados. Tal pretensão é perseguida através de uma abordagem qualitativa de documentos e bibliografia. Foram fontes desta dissertação os escritos categorizados como “Literatura Geral”, na coleção *Obras Completas de Monteiro Lobato*¹, publicada pela Editora Brasiliense. Foram acessadas também algumas das correspondências de Lobato, disponíveis no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC, Rio de Janeiro), e no acervo arquivístico da Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ,

¹ Na listagem de 1965 (Cf. LOBATO, 1965), os volumes são, na ordem que aparecem, os seguintes: *Urupês, Cidades Mortas, Negrinha, Idéias de Jeca Tatu, A Onda Verde e O Presidente Negro, Na Antevéspera, O Escândalo do Petróleo e Ferro, Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital, América, Mundo da Lua e Miscelânea, A Barca de Gleyre* (2 tomos), *Prefácios e Entrevistas, Literatura do Minarete, Conferências, Artigos e Crônicas, Cartas Escolhidas* (2 tomos), *Críticas e Outras Notas*. Nem todos os volumes acessados, no entanto, foram impressos para esta coleção, a exemplo de *Urupês, Cidades Mortas, Negrinha e O Macaco que se fez Homem*, lidos e analisados na edição da Editora Globo (Biblioteca Azul) denominada *Contos Completos*.

Rio de Janeiro)². O recorte cronológico desta pesquisa, portanto, encontra seu início já no começo do século XX, quando contos como “Cidades Mortas”, de 1906 (Cf. LOBATO, 2014a), ganham vida. Figura ativa no cenário nacional, Lobato manteve-se nessa posição durante toda a sua vida, e as fontes consultadas estendem-se, por isso, até poucos dias antes de sua morte, na entrevista que concedeu ao jornalista Murilo Antunes Alves, em 2 de julho de 1948 (Cf. LOBATO, 1961a).

O trabalho de pesquisa, que encontra nestas linhas alguns de seus desenlaços, tem – como tem toda realização humana –, alguns pressupostos. Entendemos que os documentos históricos não são neutros³, assim como não são neutros os olhares lançados sobre eles. Assim, concordando com o que nos diz Arnold Hauser (2011) a respeito da arte, entendemos que não há nada natural ou orgânico nos textos de Lobato. Estes, como constructos sociais, revelam indícios da mentalidade de uma época e de um indivíduo. Partimos, portanto, do princípio que “todos os atos de consciência e todas as conquistas culturais ocorrem de forma condicionada historicamente e tem sua validade limitada ao tempo” (HAUSER, 2011, p. 73)⁴.

É investigando estes condicionamentos que se pretende, com este trabalho, desvelar parte da história intelectual brasileira a partir dos escritos do autor paulista. Isso porque a literatura, enquanto “discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas” (PESAVENTO, 2006, p. 11), fornece informações relevantes para a construção de narrativas históricas. A linguagem, nos diz Todorov (2010, p. 53), “[...] é

² Algumas questões relevantes a respeito das fontes utilizadas para a execução da presente pesquisa: a) quanto ao acesso: a maior parte das obras literárias utilizadas neste trabalho foi publicada na coleção Obras Completas de Monteiro Lobato, publicada a partir de 1946, com o autor ainda em vida, tendo recebido sucessivas edições; b) quanto ao conteúdo: alguns dos volumes são compostos por artigos publicados pelo autor em outros meios e podem ter alterações em seu conteúdo, por escolha do autor ou de editores, bem como por erros de transcrição (para alguns exemplos de alterações de artigos publicados em diferentes meios, conferir Valente (2010)); c) das cartas: boa parte das correspondências utilizadas foram publicadas na coleção supracitada. Informações sensíveis podem ter sido retiradas na composição das obras. Também foram consultadas transcrições disponíveis em produções de terceiros. As cartas trocadas com Renato Kehl, disponíveis na FIOCRUZ/COC – RJ foram consultadas *in loco*, assim como as cartas trocadas com Artur Neiva, localizadas no CPDOC/FGV – RJ. As primeiras não foram encontradas em sua integralidade em outros trabalhos consultados, e por isso encontram-se transcritas e anexadas a esta dissertação.

³ O historiador francês Jacques Le Goff sintetiza bem esse ponto, ao nos dizer, em um de seus mais célebres textos, que o documento não é inócuo, mas é “antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram [...]” (LE GOFF, 1990, p. 547)

⁴ No original: “All attitudes of consciousness and all cultural achievements occur in forms which are historically conditioned and which have a validity limited by time.” Todas as traduções diretas foram feitas pelo autor.

impregnada de pensamentos, ações e julgamentos colocados sobre nós; divide a realidade de uma maneira particular, e imperceptivelmente nos transmite uma visão de mundo.”⁵ Compreendendo a linguagem como mecanismo de desenvolvimento dos campos de disputas de poder no âmbito do patrimônio cultural e da identidade nacional, é possível notar a possibilidade de se debruçar sobre a história da Eugenia no Brasil, também a partir da relação entre escritores, cientistas e dos movimentos de recriação do ser brasileiro.

Assim, assumindo a perspectiva do sociólogo Antônio Candido (2006, p. 31), para quem a literatura “[...] pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; [e] o quarto elemento [...]: seu efeito”, esta pesquisa busca encontrar nos *comunicados* de Lobato, elementos intrínsecos à sua condição de artista. Os conceitos adotados respaldam posições críticas assumidas por Hauser (2011), Todorov (2010) e Candido (2006), segundo as quais, em síntese, a literatura se constitui como importante repositório de informações sobre o autor e seu contexto.

Partindo deste arsenal teórico, podemos compreender que existem, nos textos lobatianos, possibilidades vastas de abordar a história do Brasil. Como argumentamos, em concordância com os teóricos apontados, é certo que alguns dos elementos invocados pelo autor, além de evidenciarem o espírito de seu tempo⁶, nos auxiliam a vislumbrar vestígios de sua individualidade. É nesta dinâmica que as considerações interpretativas se fazem possíveis. As linhas que seguem foram escritas a fim de esclarecer aspectos deste contexto geral, no qual se inclui não apenas a figura de Lobato, mas também as discussões nas quais ele participa, os princípios dos quais se apropria, e os conceitos que instrumentaliza.

Os séculos XIX e XX destacam-se por conta das profundas transformações para as quais serviram de cenário. Concentram-se, neste período dramático que o historiador britânico Eric Hobsbawm (2014) chamou de “Era dos Extremos”, grandes conflitos mundiais pautados em disputas imperialistas, endurecimentos nacionalistas e práticas associadas ao extermínio em massa de indivíduos por motivações de classe, raça e

⁵ No original: “[...] it is impregnated with thoughts, actions and judgements that are handed down to us; it divides reality up in a particular way, and imperceptibly transmits to us a vision of the world”.

⁶ O que Hegel denominou *Zeitgeist*, e que traduzimos comumente por *espírito do tempo*, é a ideia de que, em cada momento histórico, diferentes formas de vida social, ordem política, conhecimento, religião e arte, se manifestam com uma certa hegemonia. O termo é aqui utilizado em seu sentido mais amplo, como contexto de ideias (Cf. SCRUTON, 2007a, 2007b).

religião. Os crimes contra a humanidade são marcas indeléveis de um século de totalitarismos e de banalização do mal, como descreveu Hannah Arendt (2013) em sua cobertura do julgamento de Eichmann.

O papel do Estado neste período é extremamente importante, uma vez que este se configurava como plataforma para a expansão do capitalismo – ou do socialismo soviético, após 1918. Para garantir, no entanto, a sobrevivência deste processo de propagação ideológica, era necessário que algumas ferramentas fossem utilizadas, de forma a sustentar e legitimar discursos de poder. No que diz respeito às problemáticas da identidade nacional, é preponderante no período uma leitura “biologizante” das relações sociais, da cultura e dos indivíduos. Como indica o historiador romeno Marius Turda (2010a, p. 5), “as nações eram cada vez mais retratadas como organismos vivos, funcionando de acordo com leis biológicas, e incorporando qualidades genéticas que simbolizavam virtudes raciais inatas, passadas de geração em geração”⁷.

A Eugenia cresce neste contexto. Compreendida como a “ciência da pureza racial”, foi concebida de maneira sólida a partir dos escritos de Francis Galton, primo de Charles Darwin, já na década de 1870. Em uma de suas mais antigas definições, Galton (1883, p. 30) nos informa que a Eugenia é a ciência responsável por buscar as “[...] condições sob as quais os homens superiores são produzidos”⁸. Num cenário de ascensão da ciência e de compreensão da nação como um “corpo” que deve ser zelado, estes ideais expandem-se e alcançam diversos países, incluindo o Brasil.

É sabido que a ideia de melhoramento do *corpo* da *pólis* remonta a filosofia platônica. Como indica o historiador e filósofo Eric Voegelin (2000), o discípulo de Sócrates buscava um ideal de sociedade capaz de diluir os núcleos tradicionais de poder, possibilitando a formação de uma unidade pura. No quinto livro de “A República”, Sócrates, personagem principal do diálogo, afirma:

É preciso [...] que homens superiores se encontrem com as mulheres superiores o maior número de vezes possível, e inversamente, os inferiores com as inferiores, e que se crie descendência daqueles, e destes não [...] (PLATÃO, 1987, p. 227)

⁷ No original: “[...] nations were increasingly being portrayed as living organisms, functioning according to biological laws, and embodying great genetic qualities symbolizing innate racial virtues transmitted from generation to generation”.

⁸ No original: “[...] conditions under which men of a high type are produced [...].” A origem do termo é o grego *eugenes*, comumente traduzido por “bem nascer” ou “de nobre nascimento”.

De forma semelhante, Galton propunha que os casamentos entre os grupos “superiores” deveriam ser incentivados e favorecidos desde cedo, assumindo que os casamentos daqueles que eram vistos como inferiores, reduzir-se-iam naturalmente (GALTON, 1883)⁹. Assim, a Eugenia era uma pretensa ciência que se declarava capaz de melhorar a qualidade da população, de forma a garantir que os mais aptos pudessem sobreviver e que os menos capazes fossem eliminados (GALTON, 1883).

É importante que se chame a atenção para o fato de que não se deve confundir *Eugenia* com *Nazismo*. A Eugenia foi integrada ao programa genocida de Hitler, mas é equivocado afirmar, a partir disso, que ela possa ser exclusivamente alocada no espectro político ocupado por ele. Defenderam os princípios eugenistas indivíduos tão plurais quanto feministas, religiosos, conservadores e progressistas, assim como se opuseram a ele pessoas pertencentes a estes mesmos grupos (BLACK, 2003). Além disso, deve-se observar também que a Eugenia, como proposta por Galton, não demandava ações compulsórias por parte do Estado, como bem lembra o filósofo Emmanuel Salanskis (2013). É de Salanskis (2013, p. 176) a definição básica de Eugenia que é utilizada neste trabalho: “um controle social da reprodução a serviço de uma imagem normativa de homem”.

De acordo com Marius Turda (2010a), a ideia de Eugenia deve ser compreendida, de um prisma histórico, como um fenômeno que ultrapassa as limitações de uma teoria biológica, e se configura como parte de uma busca pelos ideais modernos de purificação e rejuvenescimento. Na concepção deste autor, portanto, a Eugenia é uma espécie de manifestação do programa da modernidade. Inserida num cenário de fortalecimento econômico e construção de identidades nacionais, essa “ciência” não pode ser entendida fora do contexto do qual emergiu: em meio ao temor proporcionado por um período de grandes transformações econômicas e sociais (ROLL-HANSEN, 2010). A legitimação de seu discurso científico não foi, à vista disso, um fenômeno isolado, pois deu-se com o auxílio de um movimento complexo, e que se tornava hegemônico: o cientificismo.

O filósofo búlgaro Tzvetan Todorov entende que o cientificismo é uma espécie de universalismo, isto é, a “ciência, ou o que é percebido como tal, deixa de ser o simples conhecimento do mundo existente e passa a ser geradora de valores, similar a religião;

⁹ Como observa David J. Galton, Platão é mais incisivo do que Francis Galton, em sua proposta. O pesquisador também faz notar que são ínfimas as referências do britânico aos gregos, assim como poucas obras eugenistas de outros autores mencionam os escritos do filósofo de Atenas (Cf. GALTON, 1998).

ela pode, assim, direcionar ações políticas e morais.” (TODOROV, 2002, p. 23)¹⁰. Na prática, como descreve o autor, o cientificismo seculariza a religião e posiciona na realidade material uma explicação que se pretende total sobre o mundo. No campo da biologia, e mais precisamente da medicina, segundo Euler Renato Westphal (2006, p. 105), pode-se perceber “uma relação muito próxima entre o declínio da simbologia religiosa e a ascendência da saúde como o elemento de explicação global do indivíduo e da sociedade na sua totalidade”.

Discutindo o cenário científico dos últimos dois séculos, Turda colocou em termos claros as correspondências entre religião e ciência, argumentando que os estudos sobre o fenômeno cientificista tem revelado a formação de um campo que exige “lealdade e sacrifícios de seus seguidores, como faz a religião, mas a imortalidade prometida não vem de uma Igreja celestial, senão do templo da ciência” (TURDA, 2010a, p. 14)¹¹. O novo *ethos* científico, emergente a partir do final do século XIX, corresponde, destarte, a um novo messianismo, fundado sob a égide do laboratório.

Voegelin (1948) nos informa que é possível observar traços formativos dessa abordagem já na segunda metade do século XVI, mas que é a partir dos novecentos que se torna mais evidente seu caráter autoritário, que restringe os questionamentos de natureza metafísica. Para este historiador, o cientificismo serviu de base para uma série de pensamentos modernos, como o positivismo e o neopositivismo, além de movimentos políticos de massa como comunismo e o nacional-socialismo (VOEGELIN, 1948, p. 463–464). Ocorre, nestes movimentos, o que Voegelin denominou imanentização do *eschaton*, ou “interpretação escatológica da história [que] resulta numa falsa imagem da realidade, e os erros relativos à estrutura da realidade têm efeitos práticos quando se faz da falsa concepção uma base para a ação política” (VOEGELIN, 1982, p. 121)¹².

¹⁰ No original: “science, or what is perceived as such, ceases to be a simple knowledge of the existing world and becomes a generator of values, similar to religion; it can therefore direct political and moral action.”

¹¹ No original: “one which demanded the same loyalty and sacrifice from its followers as religion, but its promised immortality came not from the heavenly church but from the temple of science.”

¹² No final do século XVIII, Edmund Burke, em sua crítica a Revolução Francesa, apontaria, de maneira sarcástica, os riscos da ascensão do “império da luz e da razão”: “All the pleasing illusions, which made power gentle and obedience liberal, which harmonized the different shades of life, and which, by a bland assimilation, incorporated into politics the sentiments which beautify and soften private Society, are to be dissolved by this new conquering empire of light and reason. [...] All the superadded ideas, furnished from the wardrobe of a moral imagination, which the hearth owns, and the understanding ratifies, as necessary to cover the defects of our

A dissolução da possibilidade de uma transcendência é ecoada nos escritos do inglês Charles Darwin. Ao desmobilizar o pressuposto divino da criação, sugerindo que o homem é mais um entre os outros animais, e, portanto, passa, como eles, por um processo natural de evolução, o autor consolidou uma visão de mundo materialista e naturalista. Como sintetiza o pesquisador Ernst Mayr (2001, p. 490, grifo do autor):

Ele alegou, primeiramente, que o mundo está *evoluindo*, ao invés de se manter constante; em segundo lugar, que novas espécies não são especialmente criadas, mas derivam de ancestrais comuns; e em terceiro lugar, que a adaptação de cada espécie é regulada continuamente pelo processo de seleção natural. Nas teorias de Darwin, a interferência divina e a ação de forças sobrenaturais no processo de evolução do mundo vivo são desnecessárias.¹³

O britânico não foi, todavia, o primeiro proponente de uma teoria da evolução¹⁴. Antes dele, Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), naturalista francês, havia elaborado sua concepção evolutiva, descrevendo um processo progressivo e linear de desenvolvimento, dos organismos mais simples para os mais complexos. Como alguns de seus contemporâneos, portanto, Lamarck defendia uma visão pautada na ortogênese, ou seja, na ideia de que há uma propensão natural do mecanismo evolutivo em direção a perfeição (MAYR, 1998, p. 69). Herbert Spencer (1820-1903) aproximava-se dos posicionamentos lamarckistas. Sua concepção pautava-se na ideia de uma gradual marcha em direção a complexidade. Esse processo positivo, aliás, não se restringiria aos organismos vivos, mas seria, para ele, uma lei natural também para as sociedades (EGAN, 2004, p. 15)¹⁵.

naked, shivering nature, and to raise it to dignity in our own estimation, are to be exploded as a ridiculous, absurd, and antiquated fashion.” (BURKE, 2003, p. 66)

¹³ No original: “He claimed, first, that the world is *evolving* rather than remaining constant; second, that new species are not specially created but derived from common ancestors; and third, that the adaptation of each species is continuously regulated by the process of natural selection. In Darwin’s theories, there is no need for divine interference or the action of supernatural forces in the whole process of the evolution of the living world.”

¹⁴ Observa-se que nem mesmo Lamarck, sobre o qual as linhas seguintes versam, foi o primeiro a propor uma visão evolutiva de sociedade. Ele é citado aqui por sua relevância na sintetização de alguns dos princípios que o precederam, e também porque Ernst Mayr (1998) o menciona como uma verdadeira ruptura com a tradição que o antecedeu.

¹⁵ Egan argumenta, nesta obra, que Spencer foi também um dos mais importantes precursores de uma visão renovada da educação, e que, partindo de sua concepção de progresso, entendia a criança como um ser ativo e integral, participante em seu processo de aprendizagem.

A hereditariedade em Lamarck ocorria por influência do ambiente, e a transmissão das características adquiridas encontrou, nos escritos deste cientista, sua aplicação. “Os processos fisiológicos, iniciados pela atividade comportamental (‘uso *versus* desuso’), combinados por uma herança dos caracteres adquiridos, eram para ele as causas das mudanças evolucionárias” (MAYR, 1998, p. 681). Em outras palavras: o comportamento dos indivíduos em relação ao meio promove alterações que são transmitidas para a prole. O exemplo clássico é o do pescoço da girafa, que na leitura lamarckiana teria crescido por conta do esforço para se alcançar o alimento nas copas das árvores (BOWLER, 2003, p. 237).

Apesar de ter descrito o processo evolutivo, e apresentado contundentes evidências para sua teoria, o mecanismo da hereditariedade não estava absolutamente claro para Darwin. Ele encontrou, no entanto, uma possível explicação na pangênese: uma série de cópias das células paternas e maternas, eram misturadas quando da reprodução sexuada. Com as eventuais mutações, que poderiam ser causadas pelo ambiente ou serem, ainda, randômicas, surgiria o novo organismo. Em certa medida, no campo da hereditariedade, Darwin era lamarckista (BOWLER, 2003, p. 160)¹⁶, e não negava a influência do meio no processo evolutivo. Ernst Mayr, no entanto, contesta uma proximidade mais profunda entre a perspectiva evolutiva de Darwin e a de Lamarck, alegando que a teoria darwinista não só rejeita, como também refuta um sentido teleológico para a evolução (MAYR, 1998, p. 560)¹⁷.

Ao mesmo tempo em que diferentes interpretações das teorias darwinistas e lamarckistas conviviam, na virada do século o trabalho do monge agostiniano Gregor Mendel foi redescoberto. Ele havia realizado uma série de experimentos com a intenção de identificar a forma pela qual certos traços eram passados de geração em geração (EDELSON, 1999, p. 43). O religioso, dedicado ao estudo da botânica, percebeu, ao cruzar variedades diferentes de ervilhas, que os resultados obedeciam a um padrão

¹⁶ Mayr (1998, p. 397) não parece concordar com Bowler neste sentido, e argumenta: “A diferença crucial entre Darwin e Lamarck, relativamente aos mecanismos da evolução, consiste em que, para Lamarck, o ambiente e suas mudanças detinham a prioridade. O ambiente produzia necessidades e atividades no organismo, e estas, por sua vez, operavam variações adaptativas. Para Darwin, a variação casual apresentava-se em primeiro lugar, e a atividade ordenada do ambiente (‘seleção natural’) vinha depois. Conseqüentemente, a variação não era causada pelo meio, nem direta, nem indiretamente”.

¹⁷ O professor James G. Lennox (1993), no entanto, argumenta em sentido contrário, apontando, por exemplo, para os usos do termo “final cause” nos escritos de Darwin. Essa questão é tangenciada no último artigo desta dissertação.

matemático. Suas conclusões resultaram no que chamamos de Leis de Mendel. A “Primeira Lei de Mendel”, ou “Princípio da Segregação”, estabeleceu que traços diferentes correspondem a diferentes elementos - denominados *genes* pela ciência contemporânea. A “Segunda Lei de Mendel” apregoa que estes diferentes elementos são independentes entre si. A terceira lei, por fim, indica que cada característica herdada é resultado da interação entre um par de elementos, da qual sempre se sobressai um elemento dominante (EDELSON, 1999, p. 47–48).

Partindo destas e de outras discussões, o cientificismo tomou forma de diversas maneiras ao longo dos últimos dois séculos. Uma série de cientistas procurou, por exemplo, por meio da antropometria, encontrar indícios, através da medição do corpo humano, que fossem suficientes para determinar não apenas a condição física, mas também o estado moral dos indivíduos. Paul Broca (1824-1880), por exemplo, foi um dos expoentes da craniometria. Para ele, a presença de cérebros maiores em alguns indivíduos mostrava a superioridade intelectual destes (GOULD, 1991, p. 80). O paleontólogo e historiador da ciência, Stephen Jay Gould, destaca o que considera uma das mais influentes doutrinas antropométricas: a antropologia criminal, fundada pelo médico italiano Cesare Lombroso:

Os criminosos são tipos atávicos, do ponto de vista da evolução, que perduram entre nós. Em nossa hereditariedade jazem germes em estado letárgico, provenientes de um passado ancestral. Em alguns indivíduos desafortunados, esse passado volta à vida. Essas pessoas se vêem levadas, devido à sua constituição inata, a se comportar como um macaco ou um selvagem normal, mas esse comportamento é considerado criminoso por nossa sociedade civilizada. Felizmente, podemos identificar os criminosos natos porque seu caráter simiesco se traduz por determinados sinais anatômicos (GOULD, 1991, p. 123).

Independentemente da forma que tomava, certo é que o ideário cientificista, neste contexto, insere-se no fluxo de reafirmação da ideia de raça como parâmetro definidor de hierarquias sociais e da unidade nacional (TURDA, 2010b). No campo científico, a partir do final do século XIX, o termo “raça” servia como uma síntese de fatores biológicos responsáveis por determinar a ligação estreita entre os indivíduos e a sociedade” (TURDA, 2010b, p. 3). Revigorar a nação era um objetivo compartilhado por diversos cientistas. Para realizar tal empreendimento, seria necessário evidenciar as diferenças entre aqueles que possuíam valor, e aqueles que poderiam - ou deveriam - ser descartados.

A Eugenia aparecia, então, como um dos possíveis remédios para melhorar a qualidade da espécie (TURDA, 2010a, p. 20).

Os pioneiros e principais mantenedores do pensamento e da prática eugenistas foram os cientistas britânicos e estadunidenses (Cf. KEVLES, 1995; Cf. BLACK, 2003). Em 1933, os nazistas colocaram em vigor suas leis de esterilização: nas terras do presidente Roosevelt, leis deste tipo já estavam sendo promulgadas pelo menos desde 1906 (BLACK, 2003, p. 133). Na Inglaterra, legislações para o encarceramento de indivíduos considerados inferiores foram ampliadas, por pressão eugenista, em 1913 (BLACK, 2003, p. 358). Um ano antes, realizou-se o Primeiro Congresso Internacional de Eugenia. Mais de setecentas pessoas, incluindo representantes do resto da Europa, dos Estados Unidos, da América Latina e da Ásia, encontraram-se em Londres (KEVLES, 1995, p. 63). Os congressos seguintes, em 1921 e 1932, aconteceram em Nova Iorque (SOUZA, 2012). A pluralidade dos indivíduos interessados em pensar a Eugenia, permite depreender também uma diversidade de concepções assumidas e construídas em cada espaço científico envolvido.

Nas terras brasileiras, a ciência eugenista tem destaque especial porque se manifesta num período de consolidação da República. A identidade nacional, portanto, passa a ser constituída num contexto onde a visão cientificista tem legitimidade para ditar o que é e o que não é o homem brasileiro. De acordo com Nancy Leys Stepan (STEPAN, 2004, p. 338), “[...] o surgimento da eugenia brasileira foi condicionado pela situação racial do país, nação racialmente híbrida [...]”. A autora ainda lembra que a eugenia foi amplamente discutida no hemisfério sul, como exemplificam as conferências e congressos realizados entre 1900 e 1940 (STEPAN, 2004, p. 333).

Ao promover uma visão de nação como “corpo” orgânico, as teorias raciais e cientificistas do século XIX e XX, como já afirmado, inseriram-se conseqüentemente nas discussões a respeito da identidade nacional. Objetivava-se determinar o diagnóstico para a nação e tratá-la como um verdadeiro paciente, eliminando os elementos considerados nocivos para sua saúde (TURDA, 2010a). A realidade brasileira, no entanto, evidenciava um problema grave para os que tivessem a intenção de gerar uma população pura. A composição demográfica nacional era predominantemente mestiça, como apontou Stepan. Nas palavras de Renato Ortiz (1985, p. 20–21), “o mestiço é para os pensadores do século XIX mais do que uma realidade concreta, ele representa uma categoria através da qual se exprime uma necessidade social – a elaboração de uma identidade nacional”.

Devido às concepções raciais, vários observadores estrangeiros viam o Brasil como uma nação em franco declínio. A concepção degeneracionista de pensadores como Louis Agassiz e Arthur de Gobineau (DA MATTA, 1986; SCHWARCZ, 2004), que visitaram o país, colocava em xeque as potencialidades deste corpo demográfico ser capaz de sustentar uma civilização. O médico brasileiro Raimundo Nina Rodrigues compartilhava desta percepção, afirmando que, apesar de ser possível encontrar mentes inteligentes entre os mestiços, “esta inteligência é geralmente superficial, incapaz de esforços, de uma ação continuada e durável, além do que esta vivacidade da inteligência longe de ser uma negação pode ser uma simples manifestação da degenerescência [...]” (2008, p. 1162). Tal percepção de mundo era defendida também pelo antropólogo Oliveira Vianna (2005, p. 173) que a compreendida como “lei antropológica” que recaia sobre os frutos das relações interraciais.

Para muitos destes cientistas, as noções de *raça* e de *nação* estavam intrinsecamente ligadas. Nos escritos de Gustave Le Bon, lê-se que o que dá a uma nação sua superioridade frente as outras é a sua composição antropológica (LE BON, 1881, 1888). Le Bon, considerava a história uma ciência exata¹⁸, e acreditava que as “características nacionais” são criadas em “populações homogêneas”, através do tempo em que estejam inseridas em um mesmo contexto cultural e institucional. Cada indivíduo, afirmava o francês, ao nascer, carrega consigo a herança “das experiências e ações de uma longa lista de ancestrais”¹⁹. Na prática, Le Bon vê como tipo racial não apenas o compartilhamento de características físicas, mas, acima de tudo, a reunião de “qualidades morais e intelectuais”, que só podem ser geradas quando os indivíduos ocupam um espaço comum e estão submetidos a uma cultura comum (LE BON, 1888, p. 3).

Em sua dissertação sobre a tela “A Redenção de Cam” (1895), de Modesto Brocos, Tatiana Lotierzo identifica um dos componentes legitimadores das teorias raciais no Brasil: a interpretação racista do livro de Gênesis, especialmente de seu capítulo 9. Nesta narrativa, Cam, filho de Noé, é castigado por testemunhar a nudez de seu pai. Na visão de uma série de autores explorados por Lotierzo, a cor de pele seria um sinal deste castigo e os africanos seriam descendentes de Cam. A justificativa para a inferiorização do continente “amaldiçoado”, no entanto, começou a ganhar novos contornos no século

¹⁸ “[...] we are getting used to considering historical phenomena as being subject to laws that are just as invariable as the ones that guide the course of the stars or the transformations of the body”. Ao estudo da História, Le Bon equipará o termo “embriologia social” (LE BON, 1888, p. 2).

¹⁹ “[...] the result of the experiences and actions of a whole long series of ancestors. Each individual who comes to light brings this heritage with him.” (LE BON, 1888, p. 5).

XVIII: “não apenas a interpretação escritural vai sendo deslocada, mas também a ideia de raça enquanto geração ou origem [...]” (LOTIERZO, 2013, p. 82). Aos poucos, constituía-se uma visão, que predominou na América Portuguesa, de que o branqueamento, ou seja, a transformação da população negra em branca, seria a única saída para a real superação dos males impostos por Deus ou pela natureza.

Havia no horizonte uma compreensão de que seria possível, então, através dos cruzamentos populacionais corretos, proporcionar a eliminação dos indivíduos degenerados²⁰. Em sua apresentação no Primeiro Congresso Internacional de Raças, em 1911, o cientista brasileiro João Batista de Lacerda, apontou a problemática da mestiçagem, mas não se ateve apenas ao seu caráter negativo ou ao pessimismo. Ele fez questão de indicar a contribuição dos mestiços para o avanço do Brasil, destacando a luta contra a escravidão, a produção literária e a bravura desta parcela da população na Guerra do Paraguai. “É devido ao suporte deles [mestiços], que a República foi erigida sobre as ruínas do Império” (LACERDA, 1911, p. 381)²¹. Apesar disso, Lacerda (1911) afirmava que em um século o branqueamento da população iria ser integral, e o Brasil se tornaria um dos centros civilizacionais do globo.

A origem do pensamento evolucionista nas terras brasileiras está localizada temporalmente no século XIX, quando adentrou o cenário científico e intelectual associado ao positivismo (SCHWARCZ, 2004, p. 14). Lilia Moritz Schwarcz afirma que neste período nasceram e se fortaleceram os principais centros científicos do Brasil, e por relacionarem-se a seu contexto epistemológico, estes acabaram absorvendo e interpretando o modelo teórico racista. Vale salientar que, segundo Schwarcz (2004, p. 17), por muito tempo os trabalhos acadêmicos desviaram-se da presença eugenista no Brasil, sob a justificativa superficial de que tudo não passava de mera reprodução das ideias estrangeiras.

A discussão sobre a circulação de ideias tem sido constantemente retomada por importantes pesquisadores. Como observa Eduardo Déves-Valdés (2017, p. 14), nos países recém-formados, considerados como regiões periféricas, aproximar-se do Centro, era algo extremamente almejado. Por outro lado, era preciso ser distinto, “ser nosotros mismos”. Nesse sentido, Ortiz (1985) igualmente ressalta que o modo pelo qual os

²⁰ Oliveira Vianna (2005) também acreditava na superação da degeneração através do branqueamento. Nina Rodrigues (2008), por sua vez, discordava, e rejeitava a unidade “presente ou futura” da população brasileira.

²¹ No original: “It was owing to their support that the Republic was erected on the ruins of the empire”.

cientistas brasileiros se apropriaram das teorias estrangeiras não pode ser limitado à mera cópia ou imitação. O autor faz notar que ao atribuir a estes intelectuais um papel passivo, além de faltarmos com parte dos fatos revelados pelas evidências históricas, esvaziamos a responsabilidade da comunidade nacional na condução deste processo. Uma das provas dessa autonomia nacional, está, para o autor, na manutenção dos ideais eugênicos no Brasil, mesmo depois do seu processo de decadência na Europa. A “escolha” das teorias científicas, defende ele, foi e é feita, no Brasil, a partir das demandas internas da sociedade.

O Brasil foi o primeiro país da região a ter um movimento eugenista institucionalizado. A Sociedade Eugênica de São Paulo realizou o encontro inaugural em 1918 (STEPAN, 2004). O grupo era organizado pelo farmacêutico Renato Ferraz Kehl, cuja atuação na área da Eugenia foi fundamental para o desenvolvimento dessa pretensa ciência no país. O papel preponderante de Kehl na Sociedade se revela no episódio de sua falência: em 1919, com a mudança do farmacêutico para o Rio de Janeiro, o grupo se diluiu (STEPAN, 2004). Apesar do compartilhamento de concepções, ressalta-se que a recepção da Eugenia no país não foi caracterizada por uma postura homogênea da intelectualidade.

Em geral, as concepções derivadas das ideias de Lamarck foram predominantes nas duas primeiras décadas do século XX. Dessa perspectiva surgiram os principais movimentos higienistas e sanitaristas. Acreditava-se que seria possível alterar as características da espécie humana a partir da alteração de seu meio, possibilitando adaptações guiadas pela ação positiva. No decorrer da década de 1920, emergiu no Brasil o mendelismo (STEPAN, 2004). Diferente, no entanto, do que se poderia esperar, a genética mendeliana não promoveu ideais hegemônicos de Eugenia negativa no país, que seriam expressos por legislações de esterilização compulsória, por exemplo (HOCHMAN; LIMA; MAIO, 2010).

Além de outros poucos nomes, foi Renato Kehl (1929) quem mais se aproximou destas ideias mais radicais, angariando firmes oposições de personagens como Edgard Roquette-Pinto e Octávio Domingues que, apesar de assumirem os limites do sanitarismo para a melhoria genética, reconheciam sua importância, e estimulavam sua execução (ROQUETTE-PINTO, 1929). Nestes dois polos, ainda que predominasse uma visão mendeliana (SOUZA, 2016), as conclusões eram divergentes, coisa que ficou evidente no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929. Neste evento, os partidários de Kehl propunham medidas mais restritivas, como por exemplo a limitação da imigração

por questões raciais. Os aliados de Roquette-Pinto defendiam uma seleção individual (Cf. SOUZA, 2016).

É neste contexto que Monteiro Lobato emerge como figura pensante no Brasil. O personagem Jeca Tatu, elaborado por ele nas linhas de “Uma Velha Praga” e batizado em “Urupês”, tornou-se símbolo do caboclo brasileiro. Pobre, preguiçoso e mestiço, o Jeca é o retrato da nação, sobre a qual se lançavam os intelectuais responsáveis, em tempo de determinismos e cientificismos, por legitimar o que é ser brasileiro. Num primeiro momento, o Jeca é uma indelével causa perdida (LOBATO, 2014b). Após as ações sanitárias ele se torna um potencial (LOBATO, 1956a). De forma geral, portanto, o brasileiro é um *está-por-ser*. Somente quando reconhecer sua ignorância e entregar-se aos caminhos da ciência, é que poderá, finalmente, *se tornar*. A melhoria da raça não deixa, como se vê, de ser um objetivo da classe pensante.

As constantes mudanças na percepção de Monteiro Lobato são notadas por Marco Antonio Stancik (2009). O autor indica que o movimento intelectual articulado por Lobato se dá num desvio da compreensão evolucionista e determinista, para uma noção higienista e sanitária²². Para Stancik (2009, p. 49), “essa mudança na perspectiva de Lobato – e de muitos dos defensores do saneamento – em relação ao brasileiro dos sertões deveu-se à divulgação das conclusões da expedição promovida pelo Instituto Oswaldo Cruz [...]”. Não à toa, o escritor promoverá uma quase divinização da ciência médica e da potencialidade transformadora do saneamento, revelada pelo Instituto (Cf. LOBATO, 1956a).

Preocupado com as questões nacionais, Lobato inseria-se nas discussões dos problemas sociais da cena brasileira. Sua literatura sobre as problemáticas da identidade nacional é riquíssima: do já mencionado “Urupês”, publicado em 1914, ao “Pica Pau Amarelo”, de 1939, sem que possam ser ignorados todos os outros textos escritos da sua juventude à sua morte. Monteiro Lobato se consolidou como um intérprete do Brasil. Suas obras configuram-se como importantes fontes para a compreensão da mentalidade e das concepções sobre o país em um período de gestação das noções de uma nacionalidade republicana.

²² Procuramos discutir tal mudança no segundo artigo desta dissertação. Embora uma “transição” seja apontada com frequência (Cf. STEPAN, 2004, p. 360; Cf. SOUZA, 2008), é possível notar que ela não se realiza de maneira completa, uma vez que é possível visualizar dualidades e oscilações nos escritos do autor.

Através da literatura e de seus artigos, publicados por diversos meios de comunicação, Monteiro Lobato expôs traços de seus projetos de nação. Para ele, era necessário pensar um Brasil independente e autônomo, menos pautado nas escolas europeias e mais ligado ao modelo de desenvolvimento norte-americano. Em “O Presidente Negro” (LOBATO, 1956b), sua única ficção científica, por exemplo, o escritor constrói uma sociedade utópica existente num futuro longínquo, mas que concentra, em sua composição, a atmosfera intelectual do início do século XX. Revelando parte de seu contexto, e possibilitando uma discussão a respeito de suas visões de Brasil e de brasilidade, seus escritos são, é certo, de grande interesse para a história da ciência e da identidade nacional brasileira.

Como indica Stuart Hall (2006), a construção de uma identidade nacional é um processo que depende de uma série de fatores inseridos no desenvolvimento histórico-social de uma população. As identidades são colocadas, em relação aos discursos que delas se fazem, “entre o passado e o futuro” (HALL, 2006, p. 56). É neste jogo temporal que a Eugenia se insere. Na medida em que se percebia a possibilidade de se manipular os resultados da composição humana, discursos sobre identidade foram reconfigurados. Consolida-se, em meio ao caldo cientificista, uma visão de que apenas através da função salvífica do laboratório é que seria possível consolidar o Brasil.

O desenvolvimento da identidade está profundamente associado à cultura da qual ela emerge, revelando-se na dialética entre a natureza e a ação humana (EAGLETON, 2003). Ainda que surja das movimentações criativas com relação ao meio, a cultura não é expressa ou articulada apenas no binômio homem-natureza. É na teia das relações humanas, através do discurso, que ela se materializa de maneira mais perceptível (GEERTZ, 1989). Pode-se depreender, desse raciocínio, que o significado das ações não é intrínseco à sua manifestação, mas diz respeito ao que ela simboliza, ou seja, da mensagem que ela emite, uma vez que tem sentido na comunicação (GEERTZ, 1989). No contexto de Lobato, os sentidos da comunicação não só fazem referência, como estão relacionados a um mundo “biologizado”.

As políticas nacionais de Patrimônio Histórico no Brasil são, em sua maioria, posteriores ao período abordado por este trabalho. É a partir da década de 1930 que, no governo de Getúlio Vargas, funda-se o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o SPHAN, precursor do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que estabeleceu a proteção do patrimônio nacional, não faz menção ao termo “identidade”. A legislação

vigente pela Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, no entanto, dá destaque ao termo, afirmando como patrimônio os elementos “[...] portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]” (BRASIL, 2016).

É relevante notar que a construção do campo do patrimônio no Brasil se dá com a participação direta de literatos e cientistas. Conforme discute Daniele Beltramini (2018, p. 15), “a ideia de patrimônio no Brasil, como em vários países da América Latina, surgiu da emergência da concepção do nacional, notadamente da década de 1930 [...]”. Um dos pioneiros nessa discussão foi o escritor Mário de Andrade, para quem o patrimônio era constituído por aspectos da cultura erudita e popular, memoráveis ou esquecidos. (BELTRAMINI, 2018). Vê-se, portanto, o papel de vanguarda dos intelectuais neste movimento de construção do país. A mesma pesquisadora nos diz que Andrade fez da literatura um suporte para a preservação do Patrimônio Cultural nacional.

A construção das identidades nacionais é um processo inimaginável sem a ação da memória. Como indica Jacques Le Goff (1990, p. 476), “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades hoje, na febre e na angústia”. É na escolha, disposição e legitimação das memórias, portanto, que os discursos sobre a identidade se evidenciam. A história, ao tomar a memória como seu alimento (LE GOFF, 1990), possibilita a elaboração de narrativas relevantes, capazes de fornecer uma compreensão mais acertada sobre os fenômenos da identidade.

Em um artigo em que discute a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil, Antonio Augusto Arantes (2011, p. 52, grifo do autor) propõe como ponto de partida a ideia de que o “[...] patrimônio cultural é realidade criada por meio da *atribuição seletiva de valores* (artístico, histórico, paisagístico, etnográfico, etc.) a artefatos ou práticas sociais”. Na medida em que o patrimônio se configura como uma “atribuição seletiva de valores”, também se pode dizer da identidade nacional que ela é fruto de uma série de escolhas feitas por setores da sociedade sobre um acervo de memória em constante mutação. Discussões e decisões de certas comunidades de intelectuais, bem como grupos de técnicos e políticos tem, neste sentido, papel fundamental.

A presente pesquisa, diante do exposto, propõe captar parte dos pensamentos que sondavam o período, visando investigar de que maneira o cientificismo, em uma de suas formas ativas, a Eugenia, contribuiu para a consolidação de visões e noções sobre o *ser brasileiro*. Assim, ainda que não se refira diretamente ao Patrimônio Cultural em sua

forma institucionalizada, este esforço se lança sobre um de seus fundamentos: a identidade.

Somando-se ao crescente número de pesquisas, após o silêncio revelado por Schwarcz linhas acima, este trabalho é motivado pela percepção, reiterada por diversos autores, de que vivemos tempos de retomada de discursos e posturas eugenistas (Cf. HABERMAS, 2004; SANDEL, 2015; WESTPHAL, 2015). Além disso, análises anacrônicas e reducionistas da obra de Monteiro Lobato, que em 2019 tornaram-se domínio público, têm recebido espaço na mídia (Cf. O GLOBO, 2010), e se configuram como um convite para um estudo mais atento de sua produção. Faz-se salutar, neste contexto, ampliar as discussões a respeito do tema, contribuindo para a produção científica nas áreas de História do Brasil, História da Ciência e da Literatura brasileira.

Este trabalho é constituído por três artigos, que, apesar de autônomos, complementam-se mutuamente. O primeiro escrito tem o intuito de analisar as maneiras pelas quais Monteiro Lobato retrata o homem brasileiro em sua produção literária e epistolar, procurando indícios que possam revelar os projetos de nação e de identidade nacional formulados em contato com as teorias raciais, predominantes no ideário científico brasileiro da Primeira República. A figura do Jeca Tatu é central nesta análise, por ter sido convertida em representação de um certo tipo de homem brasileiro. O título deste artigo é: *O Jeca no Laboratório: Natureza, Ciência e Identidade Nacional em Monteiro Lobato*.

O segundo artigo propõe um olhar mais atento sobre a presença dos princípios e conceitos eugenistas nas publicações de Monteiro Lobato, procurando revelar algumas das formas pelas quais as teorias raciais foram apropriadas neste recorte da literatura da Primeira República. O texto, intitulado “*Acima da América Está o Sangue*”: *a eugenia nos escritos de Monteiro Lobato*, articula uma discussão tendo como referências duas obras lobatianas, em especial: “O Presidente Negro” (1926) e “América” (1932), e dialoga com as correspondências consultadas. No campo científico, foram importantes interlocutores do autor os médicos Renato Kehl e Artur Neiva.

O terceiro texto, por fim, traz por título: “*Vade Tecum*”: *Enlaces Eugenistas entre Monteiro Lobato e Friedrich Nietzsche*, e tem por objetivo discutir a relação de Monteiro Lobato com a obra de Friedrich Nietzsche, filósofo por quem o autor expressou grande admiração. Partindo de passagens de obras e cartas do escritor paulista, são apontadas algumas das aproximações possíveis entre a interpretação da percepção nietzschiana de mundo, suas análises do cenário moral e científico do final do século XIX, e as posturas

sustentadas por Lobato no que tange às discussões sobre ciência e Eugenia. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 O JECA NO LABORATÓRIO: NATUREZA, CIÊNCIA E IDENTIDADE NACIONAL EM MONTEIRO LOBATO

RESUMO: O século XX foi marcado pela ascensão do cientificismo na esfera política, econômica e social. Seu legado é igualmente perceptível na literatura. O Brasil havia acabado de se tornar República, e grupos disputavam a importante missão de construir uma nova identidade nacional. Unidos das novas produções mundiais, escritores como José Bento Renato Monteiro Lobato, estabeleceram contato com importantes cientistas ligados a uma visão de mundo sustentada pelos laboratórios. É notável que, apesar de fonte bastante explorada no âmbito da história republicana, a Literatura fornece uma série de dados que pouco foram lidos a partir de uma perspectiva da História da Ciência. Este artigo procura discutir questões relativas à importância da figura do Jeca Tatu como peça fundamental no processo de criação de uma identidade nacional brasileira, que faz saltar aos olhos uma cultura rural que se esmaecia com a fúria da ciência e do progresso almejado pelo novo regime político. Para tanto, discutimos as representações do caipira brasileiro feitas pelo autor, principalmente nas páginas de “Urupês” (1914) e “Problema Vital” (1918). A análise das fontes revela que o escritor paulista se apropriou das discussões científicas em torno do homem e da natureza brasileira, para construir seus projetos de identidade nacional.

Palavras-Chave: Monteiro Lobato, Identidade Nacional, Ciência, Natureza.

2.1 Introdução

As fontes literárias são testemunhas-chave de seu tempo (Cf. NEVES, 1995; SEVCENKO, 1995). Através da letra do autor, o historiador pode acessar aspectos da realidade histórica na qual ele se insere. Embora venha recebendo crescente atenção do campo acadêmico, este tipo de fonte possui ainda uma série de informações latentes, como as que dizem respeito, por exemplo, a história da ciência. Assim como outros intelectuais, os literatos assumiram, durante os séculos XIX e XX, a visão científica como lente para enxergar o mundo (ORTIZ, 1985; SEVCENKO, 1995).

No caso brasileiro percebe-se o crescimento de uma visão de progresso que, principalmente a partir da República, passou a rejeitar as heranças imperiais, sustentando-se num arroubo modernizador. Partindo desta compreensão, este texto dedica-se a analisar a produção do escritor paulista José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948), com o objetivo de desvelar alguns dos imbricamentos que possibilitam narrar parte dos

esforços de se construir uma identidade nacional brasileira, sustentada nos contrastes entre cidade e campo, homem e natureza, ciência e conhecimento popular.

O recorte temporal deste trabalho é marcado pela ascensão do pensamento evolucionista. Deixando de lado a noção de igualdade universal, devida a tradição humanista cristã (Cf. HABERMAS, 2004; TODOROV, 2002), discursos sobre uma suposta hierarquização das “raças humanas” passaram a ser cada vez mais bem recebidos no seio político. Estes mesmos discursos, que reduzem o ser humano ao status de “coisa”, serviram não só para legitimar a exploração dos continentes africano e asiático, como também foram fundantes na ascensão dos programas genocidas dos séculos XIX e XX.

Imerso nesse cientificismo, Monteiro Lobato assumiu a missão de delinear um projeto de Brasil que fosse viável diante das novas ideias. O escritor, inicialmente pessimista a respeito das potencialidades do homem brasileiro, representado pelo caboclo paulista, encontrou na ciência a provável resolução das problemáticas que assolavam a República recém-nascida. Na medida em que acatou os conselhos da medicina sanitarista e converteu-se ao novo conjunto de crenças da modernidade, o Jeca Tatu²³ deixou de estar condenado ao atraso, e passou a ser tratado como modelo de brasilidade.

Essa discussão enquadra-se também no processo de fortalecimento da divisão entre o que deveria ser considerado conhecimento científico, e o que poderia ser relegado ao desvalorizado status de conhecimento popular. Gildo Magalhães dos Santos Filho (2004, p. 40–53) sinaliza que, principalmente a partir da primeira metade do século XX, a especialização dos conhecimentos reduziu a noção de integralidade do mundo. A realidade, neste sentido, passava a ser entendida como um ajuntamento de objetos independentes, e que só poderiam ser alcançados pelas áreas especializadas. Não se pode negar, por exemplo, a partir da segunda metade do século XIX, a importância do desenvolvimento da medicina e da engenharia no Brasil (COSTA, 1983, p. 28).

Como sintetizou Carlo Ginzburg (2004), nenhuma ilha é uma ilha, isto é: as relações de troca, nos mais variados âmbitos, sustentadas nas conexões internacionais,

²³ Apesar de *Caboclo* e *Caipira* serem tratados aqui como equivalentes, pois é dessa forma que aparecem em Lobato, é importante ressaltar que Antonio Candido (2010) os diferencia, referindo-se, pelo primeiro termo, à constituição racial, mestiça de índio e europeu, e pelo segundo, à expressão cultural. Nos escritos do sujeito deste trabalho, ambas as palavras se referem ao habitante das regiões de expansão bandeirante. O autor afirma que o Jeca representa o “Piraquara do Paraíba”, ou seja, o caboclo que vive às margens do Rio Paraíba do Sul (LOBATO, 2014b).

têm papel fundamental na formação do pensamento humano. Uma identidade brasileira, para que pudesse se inserir na nova configuração mundial, deveria ser erigida sob o primado da técnica e da ciência, que era o *leitmotiv* da elite técnico-científica ascendente (SEVCENKO, 1995). É nesse sentido que o preconceito e a discriminação adquirem novas raízes, inspiradas agora nos laboratórios. De fato, a ciência foi vista como a maneira mais segura de alcançar não apenas o progresso material, mas também uma população que se enquadrasse nos ideais das teorias raciais.

Lobato manteve relações diversas com alguns dos principais nomes da ciência no país. As cartas trocadas com importantes figuras do círculo eugenista e sanitarista brasileiro, revelam alguns dos interesses do autor pela ciência inaugurada por Francis Galton (1822-1911)²⁴. É notável também que Renato Kehl²⁵ tenha prefaciado a obra “Problema Vital”, lançada primeiramente com apoio da Liga Pró-Saneamento e da Sociedade Eugênica de São Paulo. Esse livro ilustra o diálogo que o escritor sustentava com a comunidade científica, contando também com menções elogiosas às ações de Oswaldo Cruz²⁶, Artur Neiva²⁷ e Belisário Penna²⁸ (LOBATO, 1956c).

Considerando os problemas éticos advindos da ascensão da ciência da manipulação genética, a retomada do ânimo racista, e a entrada da obra de Monteiro Lobato na categoria de domínio público em 2019, entendemos ser importante contribuir para os debates sobre estes temas. A literatura, como expressão artística da vida (CANDIDO, 2006), oferece uma importante possibilidade de se compreender este período da história do Brasil. Estudar a obra de Monteiro Lobato pode, como se pretendeu fazer aqui, contribuir para a ampliação dos debates no âmbito das relações entre a ciência, a natureza e a identidade nacional brasileira.

²⁴ Cientista britânico, primo de Charles Darwin, criador da “ciência” da Eugenia (Cf. KEVLES, 1995).

²⁵ Renato Ferraz Kehl (1889-1974), foi um intelectual brasileiro dedicado a propagação da Eugenia. Defendeu posturas mais radicais no campo do controle da reprodução humana, e participou da fundação da maior parte dos órgãos eugenistas que existiram no Brasil, como a Sociedade Eugênica de São Paulo e o Boletim da Eugenia (HOCHMAN *et al.*, 2010).

²⁶ Médico sanitarista de grande importância para a história da ciência no Brasil. Nasceu em 1872. Tornou-se conhecido por ter empreendido uma forte militância no campo da saúde pública, na epidemiologia e na medicina preventiva. Morreu em 1917 (BENCHIMOL, 2004).

²⁷ Médico, professor e etnógrafo brasileiro nascido em 1880. Dedicou-se aos cuidados sanitários e ao combate às doenças tropicais. Morreu em 1943 (HOCHMAN *et al.*, 2010).

²⁸ Belisário Augusto de Oliveira Penna (1868-1939) foi mais um dos médicos brasileiros que voltaram sua atenção ao homem do interior. Junto a Artur Neiva, realizou uma expedição fundamental para a compreensão da situação da saúde pública no país (HOCHMAN *et al.*, 2010).

2.2 O homem por trás do texto

José Bento Renato Monteiro Lobato, nascido em 18 de abril²⁹ de 1882, em Taubaté, no atual estado de São Paulo, é um dos mais conhecidos escritores brasileiros³⁰. Ainda que possua diferentes facetas, é no seu “inconformismo crônico” (AZEVEDO *et al.*, 2001, p. 30) que encontramos as motivações não só das críticas ácidas lançadas contra a sociedade brasileira, mas também do seu pioneirismo no campo das obras infantis. “A criança é a humanidade de amanhã” (LOBATO, 1964, p. 249), assegurava, urgindo pela conversão desta sentença em um axioma sincero. “Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. [...] É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos” (LOBATO, 1961a, p. 104).

Foi por incentivo do seu avô, o Visconde de Tremembé³¹, que se assentou nas cadeiras da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, embora seu sonho maior fosse tornar-se artista plástico³². Edgard Cavalheiro, biógrafo escolhido pelo próprio literato, sintetiza a passagem de Lobato pela Academia de Direito: “[...] uma conferência, um discurso, meia dúzia de artigos nos órgãos estudantis, e nada.” (1962a, p. 44). Mas, além do *nada*, começou ali a publicar textos em folhetos e jornais de tiragem irrisória. Ali também, entre uma e outra refeições no Café Guarany, formou algumas das suas mais duradouras amizades. Formado bacharel, começou a trabalhar, em 1907, na promotoria pública da cidade de Areias, no leste do estado (CAVALHEIRO, 1962a).

Com uma vida relativamente estável no pacato interior paulista, consumou sua união matrimonial com Maria Pureza da Natividade, a *Purezinha*, sua companheira e mãe

²⁹ A lei de número 10.402, de 8 de janeiro de 2002, instituiu, nesta data, o Dia Nacional do Livro Infantil. (BRASIL, 2002)

³⁰ Uma pesquisa realizada pelo IBOPE em 2015, sob solicitação do Instituto Pró-Livro, identificou que, para o universo de 5.012 indivíduos questionados, Monteiro Lobato é o escritor preferido. Quando a pergunta busca compreender quem é o escritor mais conhecido, Lobato fica atrás apenas de Machado de Assis (IBOPE INTELIGÊNCIA, 2016).

³¹ José Francisco Monteiro (1830 – 1911), Visconde e Barão de Tremembé, foi fazendeiro e administrador público na região de Taubaté. Atuou também como delegado de higiene, fiscalizando edificações consideradas prejudiciais para o bem comum (SOTO, 2000). Era casado com a senhora Maria Belmira de França, mas mantinha diversas relações fora da união. Reconheceu todos os filhos e netos derivados destas relações, cuidando pessoalmente da educação destes. A mãe de Monteiro Lobato, dona Olímpia, era fruto de sua relação com Anacleto Augusta do Amor Divino. A importância política do Visconde permitiu que este fornecesse estadia ao Imperador Dom Pedro II, em 1888 (CAVALHEIRO, 1962a).

³² Menções ao seu amor pelas belas artes são recorrentes: “Só a pintura me faz esquecer a vida” (LOBATO, 1961a, p. 168).

de seus quatro filhos: Martha, Edgard, Guilherme e Ruth (AZEVEDO *et al.*, 2001). Com a morte do Visconde, em 1911, Lobato abandona o exercício do Direito, e se muda para a Fazenda Buquira, recebida como herança. A fazenda localiza-se no município que, em nossos dias, recebe o nome do escritor. É nessa empreitada como fazendeiro que o autor começa a consolidar sua produção textual (VALENTE, 2010). Em 1914 publica, no jornal O Estado de São Paulo, dois textos centrais para a discussão proposta por este artigo: “Uma Velha Praga” e “Urupês” (LOBATO, 2014b), retratos de sua leitura inicial sobre o caboclo. Neste momento já está decepcionado com o fracasso produtivo de sua propriedade, e acaba vendendo as terras em 1917.

O ano de 1918 marca uma virada na vida de Lobato: com o dinheiro da venda da fazenda adquire a Revista do Brasil, e começa os seus empreendimentos na lida editorial. Sob sua gestão, a publicação se consolida como veículo de discussões dos mais variados âmbitos, congregando nomes como Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sérgio Milliet (DE LUCA, 1998). “Sou hoje um dos que decidem do destino das coisas literarias no país” (LOBATO, 1961a, p. 174), escreveu em 1918 ao amigo Godofredo Rangel³³. Nessa posição, no entanto, uma intensa carga de trabalho era necessária. Em 1920 escreve para revelar a saudade que sente de “lidar com leitões e pintos em vez de homens de letras” (LOBATO, 1961a, p. 217), e em 1921, também a Rangel, lamenta a falta de tempo para a produção literária (LOBATO, 1961a, p. 231).

A relevância da figura de Monteiro Lobato para o mercado brasileiro de livros é inegável. Fundou o que viria a ser a Companhia Editora Nacional, e deu início a um modelo de negócios até então inédito no país: distribuiu livros gratuitamente, forneceu unidades em consignação às livrarias, e abriu espaço para autores novatos. Em 1921, mais de trezentos vendedores distribuíam as obras editadas pela Monteiro Lobato & Cia. O acervo da empresa contava com milhares de volumes, e a editora, já renomeada para Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, em 1924, era a maior de sua área no país (AZEVEDO *et al.*, 2001). Apesar da dificuldade de achar tempo para escrever, a máquina de publicar estava agora em suas mãos, e o material que já havia escrito - e que começava

³³ José Godofredo de Moura Rangel (1884-1951) foi juiz, professor, tradutor e escritor brasileiro que, com Monteiro Lobato, manteve quatro décadas de correspondências, parcialmente reunidas nos dois volumes de *A Barca de Gleyre* (BEDÊ, 2007).

a lançar em formato livresco, viria, em breve, transcender os limites do território nacional³⁴. Mas não apenas de edições viveu Lobato.

Sob o governo de Getúlio Vargas o autor foi preso. A justificativa foi a falta de decoro em uma carta enviada ao presidente. Sua luta em favor da formação de uma indústria nacional do petróleo³⁵, na qual chegou a investir grandes somas de dinheiro, fundava-se na preocupação com o futuro do país. O escritor paulista havia atuado, ainda sob o governo Washington Luís (1926-1930), como adido comercial brasileiro em Nova Iorque. Lá entrou em contato com tecnologias de ponta na extração de petróleo, na indústria automobilística, e na produção ferrífera³⁶. Para ele, era necessário estimular um desenvolvimento nacional independente, desvinculado do Velho Mundo. Um modelo aproximado do estadunidense, imaginava, seria propício para a ascensão do Brasil ao ranking das potências mundiais sérias, principalmente através da redução do papel do Estado na economia (LOBATO, 1961b, p. 183).

Nas linhas de Lobato se encontram desde reflexões sobre os métodos de cultivo agrícola, os prejuízos ambientais de certas práticas no campo, até a sugestão de caminhos científicos para a resolução de problemas sociais. Contando já com a admiração do público, e o respeito de grande parte dos intelectuais nacionais, Lobato foi capaz de popularizar suas leituras de país. Seus livros infantis, aliás, já haviam sido distribuídos até mesmo pelo Estado, nas escolas públicas de São Paulo (ZILBERMAN, 2010). O caráter pedagógico, que pode ser visto inclusive em seus textos para adultos, reforça seu desejo de propagar concepções próprias para o público geral. Nas palavras de Alfredo Bosi (2003, p. 215), Lobato “empunhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente”.

³⁴ Podemos apontar a presença do autor em espanhol já em 1921, com a tradução de *Urupês* por Benjamin de Garay, como o próprio escritor informa em carta (LOBATO, 1961a, p. 232). Segundo levantamento realizado por Vanessa Gomes Franca (2017), vários de seus livros foram publicados em espanhol, com títulos como *Travesuras de Naricita Respingada*, *Tremendas cacerias de Pedrito* e *Presidente Negro*. No mesmo artigo, Franca discute as traduções para o russo, inglês, alemão, italiano e francês.

³⁵ Para Caio Prado Junior (1955, p. X), Lobato foi dos poucos “idealistas do progresso material” brasileiros. “O seu pensamento não ficou pairando no mundo dos sonhos e dos projetos e predicas. Transformou-se em ação; e seu ideal de melhorar a sorte do povo brasileiro, de regenerar o seu Jéca Tatú, materializou-se num negócio de grandes expectativas e amplas possibilidades”.

³⁶ A passagem de Lobato pelos Estados Unidos é bastante relevante para compreender a insistência do autor na luta pelos investimentos industriais (Cf. LOBATO, 1955).

Mas a idade, os problemas financeiros, as discussões políticas e, é possível supor, o profundo desânimo³⁷ motivado pelos sucessivos fracassos – acarretados não apenas pela falta de apoio estatal, antes ainda, pela repetida pressão contrária, realizada com a força da máquina pública -, reduziram a atuação lobatiana. As doenças, enfim, chegam para decretar o seu real definhamento físico. No domingo, 4 de julho de 1948, as rádios brasileiras noticiavam a morte do escritor, afetado por um ataque cardíaco. Já havia, há pouco, sofrido um espasmo, que o limitava nas tarefas que mais amava: ler e escrever. "À noite ainda é visto na Livraria Brasiliense, cercado de admiradores. Às quatro da madrugada a morte vem buscá-lo. Dormia quando novo espasmo vascular o silenciou para sempre" (CAVALHEIRO, 1962b, p. 253).

O Correio Paulistano (1948, p. 1) do dia 6 lamentava o ocorrido em sua primeira página, indicando que o evento veio “privar o país da mais expressiva personalidade de sua literatura contemporânea”. O Estado de São Paulo (1948, p. 5) demonstrava orgulho de ter servido de plataforma para o escritor. No ímpeto de revelar a relevância de sua produção, o artigo traz em seu primeiro parágrafo a constatação da eternização de Lobato: “Coisa estranha, porem: morto o escritor, não sentimos a impressão de sua ausência”. Figura imponente, Lobato consolidou-se, ao longo de sua vida, segundo resume Regina Zilberman (2010, p. 141), como um “[...] escritor de sucesso e empreendedor original, de modo que sua biografia e sua obra transformaram-se, de certo modo, na síntese das opções que o Brasil oferece a seus artistas e intelectuais [...]”.

A figura do Jeca, que será abordada neste texto também como um símbolo do projeto nacional de Lobato, embora tenha sido desenvolvida no afã do encontro com a realidade rural, ganhou diferentes formas e atribuições ao longo da trajetória do escritor. Atentamos especialmente para sua mobilização, a partir de 1918, na luta pelo saneamento do país, uma vez que, neste momento, a visão da penúria e indigência assentadas anteriormente como perpétuas, é de certa forma descontinuada pela introdução de uma esperança: a mensagem e o poder salvífico do laboratório. A seguir, através da análise de alguns dos textos do autor, procuramos revelar discursos relevantes para a discussão aqui pretendida, na conjugação da ciência, da natureza e da identidade nacional na figura do Jeca Tatu.

³⁷ "Depois que me vi condenado a 6 meses de prisão, e posto numa cadeia de assassinos e ladrões só porque teimei demais em dar petróleo á minha terra, morri um bom pedaço na alma" (LOBATO, 1961a, p. 336).

2.3 O lugar em que habita o homem

Durante a Primeira Guerra Mundial, Monteiro Lobato escreveu um conto denominado “Bucólica”. Neste texto o autor elabora uma certa oposição entre natureza e ser humano. Nas linhas se visualiza uma elevação dos aspectos naturais, através da valorização do ar fresco do campo, ao mesmo tempo em que se percebe um repúdio direcionado à vida nos espaços urbanos. “A gente das cidades”, indica o autor, “afeita a sorver um indecoroso gás feito de pó em suspensão num misto de mau azoto e pior oxigênio, ignora o prazer sadio que é sentir os pulmões borbulhantes deste fluido vital em estado de virgindade” (LOBATO, 2014b, p. 110).

Este “fluido vital”, virgem, é preservado pela ausência da interferência antrópica neste meio. A ideia de natureza livre da ação humana é introduzida pouco antes, quando o autor indica que a beleza das flores reside mesmo é na ausência da “domesticação do homem”. O texto, porém, movimenta-se em direção a um núcleo humano, e descamba para o luto pela vida da menina que, desassistida pela mãe, morreu sem ter seu último pedido atendido: a pobre garota desejava um copo de água. Quando os seres humanos aparecem, o belo cenário natural é esmaecido pela crueldade.

Essa oposição entre espaço rural e cidade, que ele constrói nas linhas de vários de seus textos, é uma característica importante do escritor. Campo e natureza intocada parecem contrapor, a todo momento, urbanização e presença humana. Podemos observar este fenômeno na declaração do protagonista da obra “O Presidente Negro”, que, ao respirar o ar puro, afirma:

Notei logo que a natureza não era ali trabalhada. Tudo vivia em estado selvagem, sem sombra de intervenção humana além da impressa nos caminhos. Nem gado nas pastagens, nem sombras de cultura – porteiras ou cercas. Um pedaço de natureza virgem onde o homem só abrija passagens que lhe dessem o goso das perspectivas naturais (LOBATO, 1956b, p. 138).

Após revelar seu êxtase em encontrar-se em tal cenário, o personagem indica que as características da cidade impediam que os seus habitantes usufríssem de beleza cândida como aquela. Vê-se uma valorização exacerbada do espaço natural do país, que é retomada em textos de diferentes anos e contextos. Alguns autores, como Keith Thomas

(2010, p. 309–312), defendem que a mudança de sensibilidade em relação à natureza em fins do XVIII, ocorreu pela crescente degradação em países altamente cultiváveis e marcados pela crescente urbanização. Nesse momento, a natureza, principalmente selvagem, seria fruto de uma devoção quase religiosa, e estes ambientes seriam vistos como moralmente benéficos.

No Brasil, o engajamento da ciência em prol da preservação das áreas florestais “intocadas” ganharia força na virada do século XIX para o XX. Assim como em outros países, a percepção da degradação ambiental crescente, pelo avanço das áreas agrícolas e urbanas, serviria de mote para uma geração que defenderia a racionalização dos usos dos recursos naturais, devido à percepção de que o patrimônio natural nacional encontrava-se em risco.³⁸ Lobato, por exemplo, foi um dos críticos do uso de gasogênio como combustível automotivo. Dizia ele que a “diminuição das chuvas tem como causa a intensa e extensa derrubada de matas e capoeiras para a produção de lenha e carvão para os gazogênios” (LOBATO, 1961c, p. 54).

A preocupação de Lobato com a preservação do patrimônio natural brasileiro pode ser vista de maneira recorrente em suas obras. Em “Como países se suicidam”, o autor afirma: “O desenvolvimento de um país está na função do destino dado às suas reservas naturais” (LOBATO, 1964, p. 198). As reservas naturais devem ser vistas como finitas, e por isso, continuava: “Temos antes de mais nada que as considerar como um depósito confiado à nossa guarda. Não somos os donos.” (LOBATO, 1964, p. 198–199). Conclui o autor: “Se não pertencem a nós, homens do presente, sendo em co-propriedade com as gerações futuras, nossa política deve ser determinada por esse fato [...]” (LOBATO, 1964, p. 199).

Assumir a responsabilidade pela administração consciente dos recursos naturais do país, portanto, era um dever de todos. A percepção de Lobato, como observam Meira e Carelli (2015, p. 306–307), condiz com o contexto no qual o autor estava inserido. Ao ignorarem o desenvolvimento dos métodos de cultivo, tanto os pequenos, quanto os grandes produtores, promoviam a redução da disponibilidade de recursos naturais de

³⁸ Na Primeira República alguns órgãos de gestão e defesa ambiental já haviam sido instituídos. O decreto legislativo n. 4421, promulgado no ano de 1921, que criava o Serviço Florestal do Brasil, visava restringir os males causados pelo desflorestamento. Como destacam Franco e Drummond (2009, p. 68), o projeto de criação do Serviço Florestal contaria com apoio de importantes acadêmicos do período.

maneira desproporcional. “Temos que agir como procuradores inteligentes das gerações futuras, salvaguardando-lhes os direitos, harmonizando-os com os nossos [...]” (LOBATO, 1964, p. 199).

As dinâmicas observadas entre a natureza e a população brasileira, são anteriores mesmo ao século XVIII. Como indica José Murilo de Carvalho (1998), a exuberância da paisagem ganhava a atenção dos que visualizavam estas terras, enquanto as populações mantinham-se, geralmente, em segundo plano. É entre os séculos XVIII e XX, no entanto, que tal visão passa a ser ainda mais legitimada com base numa perspectiva científica. Para Henry Thomas Buckle (1884), por exemplo, o atraso brasileiro era devido a abundância natural, que não dava espaço para o progresso do homem. Como aponta Luciana Murari (2002), a noção de que populações mestiças eram atrasadas predominava na Europa, e tinha grande influência na elite modernizadora brasileira.

Trilhando caminhos análogos, se por um lado Lobato aponta para a importância das riquezas naturais, que considera fatores positivos na formação do país, rejeita, em diversos momentos, a utilização de adjetivos positivos em relação aos homens e mulheres que aqui habitam. Neste sentido, apesar de não comumente referir-se ao indígena, Lobato critica hábitos que o caipira compartilhava com os grupos nativos, como é o caso do modelo de cultivo e da prática da coivara. Como aponta Antonio Candido (2010), o modo de vida destes habitantes do interior do Brasil não foi projetado para atender à ânsia do progresso. Alterações muito bruscas em suas estruturas poderiam gerar a dissolução da cultura.

As técnicas indígenas, apropriadas pelos colonos desde os primórdios da colonização, foram pouco modificadas até o século XX. Sérgio Buarque de Holanda nos informa que machado, foice, e enxada, apesar de terem sido implementados em alguns locais, serviam apenas para tornar as técnicas indígenas mais eficazes. O mesmo autor lembra, todavia, que não “parece lícito dizer que as ferramentas chegaram a alterar de modo substancial os usos da terra. Em realidade, o sistema de lavoura dos índios revela quase sempre singular perseverança [...]” (HOLANDA, 1944, p. 168). Essa manutenção das tradições de cultivo, em parte motivada pelas dificuldades financeiras dos produtores, seria um empecilho para o projeto dos engenheiros agrônomos e entusiastas da modernização.

É preciso que se atente, neste sentido, para o fato de que a agricultura intensiva começava a ocupar um lugar de realce nos discursos agrícolas do século XX (Cf. MEIRA; CARELLI, 2015). Para as regiões que sofriam com o escasseamento das áreas virgens, o sistema tornava-se cada vez mais atraente. O modelo de coivara, herdado da população indígena, praticamente hegemônico no período dos escritos de Lobato, seria questionado por estes “agricultores progressistas”, que desejavam a introdução das novas técnicas de cultivo na lavoura, espelhadas no modelo europeu e norte-americano³⁹.

É exatamente a questão das queimadas que inaugura “Uma Velha Praga”: “[...] se lá fora o fogo da guerra lavra implacável, fogo não menos destruidor devasta nossas matas [...]” (LOBATO, 2014b, p. 163). O texto, publicado no jornal O Estado de São Paulo em 1914, estabelece o autor como mente relevante nas discussões sobre o diagnóstico nacional (VALENTE, 2010). O embate entre homem e natureza é suscitado aqui. Quando descreve o modo de vida destes grupos, o autor procura revelar a ortodoxia pela qual o caboclo segue “a lei do menor esforço”. Não há nada que faça o caipira abandonar o seu costume de viver satisfeito e conformado com a mera sobrevivência⁴⁰.

Lobato (2014a, p. 164) tece suas críticas ao caboclo, entendendo-o como “um piolho da terra”. Ele afetava a natureza brasileira, sugando dela toda sua força e beleza através das queimadas⁴¹. Lembramos que a defesa da ideia de uma natureza dadivosa acabaria por reforçar a visão de degeneração da população. A natureza foi transformada em um dos principais pilares dos discursos sobre a identidade nacional, em seus diversos momentos de construção. Ainda que houvesse, todavia, uma valorização do espaço natural e uma nova postura frente à natureza, a degradação ambiental continuou intensa (ARRUDA, 2006, p. 2).

³⁹Augusto de Saint-Hilaire é um dos críticos do modelo adotado no Brasil. Ainda que com algumas exceções, diz ele, “todo o systema de agricultura brasileira é baseado na destruição das florestas, e onde não ha mattas não existe lavoura” (SAINT-HILAIRE, 1938, p. 173). Uma descrição do processo da coivara pode ser encontrado no artigo *Instruções para Imigrantes*, de Capistrano de Abreu (2016).

⁴⁰ É interessante notar que, como indica John Monteiro (1994, p. 136), um olhar atento para a utilização da mão de obra indígena pelos europeus, permite sugerir que a aversão aos trabalhos manuais é uma característica que, apesar de atribuída de forma pejorativa aos nativos, revela-se componente do comportamento dos próprios colonos europeus.

⁴¹ Prefaciando o livro de Paulo Pinto de Carvalho, *Aspectos de Nossa Economia Rural*, Lobato (1961c, p. 55) descreve o que seus olhos viam ao observar o país: “[...] escravos andrajosos e ruidos de todas as doenças endemicas: o homem rural, o que chamamos caboclo, o negro da roça, os milhões de seres sem voz que na terra mourejam numa agricultura ainda de indio - queimar e plantar, só, só, só”.

É importante apontar que Lobato não restringia suas críticas aos caipiras. Antes mesmo de escrever seus textos mais famosos a respeito deste morador das terras interioranas, direcionou duras críticas aos grandes fazendeiros cafeicultores. Estes também se utilizavam de uma exploração predatória do espaço rural, além de fomentar o que o autor chama em sua obra de “Onda Verde”, um processo de transformação da paisagem brasileira pela expansão da produção do café, extremamente agressiva à natureza. Além disso, um outro problema, na perspectiva do autor, era o conseqüente abandono das cidades formadas para fornecer serviços à demanda desta produção. A “Onda Verde” (LOBATO, 1956a) deixaria como rastro uma série de “Cidades Mortas” (LOBATO, 2014a).

Do Rio de Janeiro ao oeste paulista, a produção nômade de café resultaria na substituição da grandiosidade natural pela instituição da produção agrícola voraz: “Sua ambição feroz preferia a beleza da desordem natural a beleza alinhada da árvore que dá ouro [...] Mas a árvore do ouro só produz à custa do sangue da terra” (LOBATO, 1956a, p. 4–5). A beleza, antes virgem, da natureza intocada, era repetidamente devastada pela ação do homem brasileiro. Em meio a este conflito, seria necessário que providências fossem tomadas, a fim de reaproximar o caboclo da harmonia com o ambiente em que estava inserido.

2.4 O Jeca Tatu

Os contos reunidos em “Cidades Mortas” revelam algumas das experiências do autor no interior. Nos textos que escreve em Areias, como “A Vida em Oblivion”, “Vidinha Ociosa”, de 1908, e “Júri na Roça” do ano seguinte, descreve a simplicidade e a ignorância que reinavam no município. “Em Pedro Pichorra”, de 1910, já delinea a figura do morador destas bandas, para quem receber a faca de ponta era “um diploma de virilidade” (LOBATO, 2014a, p. 226). Todavia, é nos textos que produz a partir de suas experiências na Fazenda Buquira, que um diagnóstico do Brasil começa a se tornar mais claro em suas linhas.

O escritor encontrou muitas dificuldades como fazendeiro. Apesar de motivado a tornar o terreno produtivo, Lobato sofreu com o mal que vinha criticando. Nas palavras

de Edgard Cavalheiro (1962a, p. 123), a fazenda, “[...] como todas as demais da zona, está em decadência. Terras cansadas, exauridas por um processo rudimentar de agricultura, pouco produziam”. Essa é a motivação central do texto “Uma Velha Praga”, mencionado anteriormente. Para ele, o país sofre com um “funesto parasita da terra [...], o caboclo, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização [...]” (LOBATO, 2014b, p. 165).

Em menos de dois meses o autor publicaria “Urupês”. Nomeando o “parasita”, descreve o Jeca Tatu, aquele que, dentre as diferentes raças nacionais, se encontra a “[...] vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso” (LOBATO, 2014b, p. 171). “Morreu Peri”, afirmava, “Esborroou-se o balsâmico indianismo de Alencar” (LOBATO, 2014b, p. 169). Quem aparecia agora não era mais o nativo idealizado: “Contrapôs-lhe a cruel etnologia dos sertanistas modernos um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Ceci”⁴². Aqui Lobato desdenha da evolução da utopia indianista, apontando para a tragicômica adoração literária da ideia de “raça cabocla”. Para ele, essa noção era fruto da literatura de gabinete⁴³. “Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!” (LOBATO, 2014b, p. 172).

As críticas direcionadas ao Jeca são uma combinação da decepção com o fracasso produtivo⁴⁴ e da mentalidade modernizadora e progressista, que via nos métodos tradicionais, como já afirmado, um sinal do atraso do país. Indica Cavalheiro (1962a, p. 145) que, para “seu criador, o Jeca Tatu era a mais pura expressão de tôdas as qualidades negativas do ser humano. Dêle nada se salvava. Nem o corpo, nem o espírito”. Se para Euclides da Cunha, José de Alencar e Lima Barreto, havia qualquer força na figura do

⁴² O romance de José de Alencar, referenciado por Lobato, traz a figura de Peri, indígena aimoré que se apaixona por Cecília, filha de um fidalgo português. O rapaz realiza diversos feitos heroicos – entre eles a improvisação de uma canoa a partir de uma palmeira arrancada manualmente da terra - e se opõe a própria tribo para salvar a moça (ALENCAR, 1996).

⁴³ Por “literatura de gabinete” e “bacharelise onipotente” (mencionada nas próximas páginas), Monteiro Lobato direciona-se aos que procuravam pensar o Brasil munidos de seus diplomas e sentados em seus escritórios, sem conhecer a realidade social. Sobre os “bacharéis”, encontramos críticas também em Sérgio Buarque de Holanda (1999) e Gilberto Freyre. Nas palavras de Freyre (1936, p. 313), o bacharelado “era um novo poder aristocrático que se levantava, envolvido nas suas sobrecasacas e nas suas becas de seda preta”.

⁴⁴ Para Sérgio Milliet (1981, p. 232), o texto é resposta “[...] do fazendeiro fracassado contra o caboclo que lhe põe fogo na mata. É o julgamento de um representante da classe dos que possuem alguma coisa e por isso mesmo não podem compreender a psicologia diferente dos miseráveis”. Azevedo *et al.* (2001), por outro lado, apontam para a indignação legítima do autor com o mau uso dos recursos naturais.

morador do interior, para Lobato ele era a fraqueza, o piolho da terra que prejudicava o país. A esperança ressurgiu quando as ciências da saúde se mostraram capazes de alterar essa situação. O Brasil tinha agora, aos olhos do autor, uma nova chance: bastava se entregar à nova religião.

2.5 A redenção do jeca

A associação de Lobato ao crescente pensamento científico é perceptível em sua biografia. Como lembra Cavalheiro (1962a), o autor fez companhia ao médico Artur Neiva em uma visita à Ribeira do Iguape. Esta localidade reaparece nos artigos publicados n' O Estado, posteriormente reunidos na obra “Problema Vital”. Na visita, Lobato entrou em contato com uma população doente, que estava sendo tratada por Neiva. “Nada de pedir á retorica à política, ou à etnografia, explicações que nada explicam”, afirma, “Mudemos de rumo. Peçamos opinião da ciência experimental e a parasitologia no-la dará sinceríssima” (LOBATO, 1956c, p. 304).

Na obra, o autor declara que “Iguape é o Brasil. Descontadas as zonas vivas, criadas ou revigoradas pelo afluxo do sangue europeu emigrado, o Brasil é Iguape” (LOBATO, 1956c, p. 303). Se neste trecho o autor aponta para a superioridade europeia, pouco depois equipara o homem brasileiro ao europeu, afirmando, no entanto, que ao nacional falta ativar sua potencialidade interior. Num revés, posiciona-se agora contra a importação da mão de obra, defendendo a viabilidade econômica dos brasileiros: “o caipira não ‘é’ assim. ‘Está’ assim” (1956c, p. 285). De fato, já em 1917, em carta a Rangel, o autor afirmaria ter “virado a casaca”, indicando que “o Jéca Tatú é a unica coisa que presta neste país” (LOBATO, 1961a, p. 160).

Os títulos dos artigos reunidos em “Problema”, revelam o cenário que os relatórios médico-sanitaristas estavam descrevendo: *Dezessete milhões de opilados, Tres milhões de idiotas, Dez milhões de impaludados*. Cabe salientar que Monteiro Lobato não é o primeiro a fazer um diagnóstico deste tipo sobre os moradores do interior. Viajantes do século XIX, como Francis Castelnau (1949), Thomas Lindley (1969) e Saint-Hilaire (1938), por exemplo, descrevem a condição lastimável da saúde da população. Neste mesmo sentido, relatórios de expedições brasileiras reforçam a dura situação nacional. Exemplos disso são os relatórios do então coronel Candido Rondon (2016), de 1907, e

dos médicos sanitaristas Belisário Penna e Artur Neiva, acima suscitados: “Os sertões que conhecemos [...] são pedaços do purgatorio, como nol’o pintam os padres, onde se purgam os pecados em vida [...]” (1916, p. 222).

Nancy Stepan indica que a ciência sanitária gozava, no início do século XX, de um status privilegiado no campo intelectual, principalmente por conta do sucesso das ações de Oswaldo Cruz. Dessa forma, relatórios como o de Neiva e Penna tinham um papel legitimador para as empreitadas no campo da saúde pública. O trabalho do que é hoje a Fundação Oswaldo Cruz, em Manguinhos, servia de estímulo para “[...] o crescimento de uma classe médica e profissional de orientação científica cada vez mais visível e integrada nas organizações federais e estaduais encarregadas da elaboração de políticas” (STEPAN, 2004, p. 337). Neste momento, portanto, Cruz se tornou referência para que Lobato enxergasse o caminho da redenção: “Manguinhos já fez mais pelo Brasil do que um seculo inteiro de bacharelise onipotente. A salvação está lá” (LOBATO, 1956c, p. 244).

Neste mesmo sentido, o autor retoma uma expressão utilizada em “Uma Velha Praga”, mas dessa vez troca o *caboclo* pelo *amarelado*, reafirmando mais uma vez a mudança de postura, dando a entender que é possível, por meio de ações que melhorem as condições ambientais dos indivíduos, garantir a superação do estado desta criatura “incapaz de ação, incapaz de vontade, incapaz de progresso” (LOBATO, 1956c, p. 233). É neste sentido também que se dá a sua crítica ao consumo de álcool, pois o caipira só consome o álcool porque procura por meio dele esquecer-se da miséria em que se encontra (LOBATO, 1956c, p. 254). Urge uma luta contra a pobreza, que será retomada pelo autor em textos posteriores, mas que serve de indicativo para que se note a importância que Lobato dá ao meio, para o desenvolvimento dos indivíduos.

O escritor ainda mantém sua oposição aos deterministas em outro texto, que no livro é intitulado “As grandes possibilidades dos países quentes”. Nele, rejeita as teorias correntes de que o clima quente reduz a qualidade da composição humana. De acordo com ele, o fato de grandiosas e plurais formas de vida existirem em sua máxima exuberância, é prova incontestável da capacidade de se desenvolver, nos países tropicais, uma população sem degenerescências. Contrariando a perspectiva do evolucionismo social, que propunha que as sociedades selvagens evoluem para sociedades urbanas – a exemplo da Europa -, o autor vê a civilização como raiz da crise desenvolvimento da espécie humana.

“O homem, com civilizar-se, afastou-se da natureza”, escreve. Tudo o que “[...] a palavra civilização enfeixa, é, biologicamente, transvio – e transvio destruidor da defesa natural do corpo” (LOBATO, 1956c, p. 325). As roupas, as habitações, o regime alimentar, a facilidade do transporte: tudo isso contribuiu para o enfraquecimento da humanidade. Assim, esclarece o autor, apenas através da ação da ciência da higiene é que o homem dos trópicos poderá defender-se das ameaças do ambiente. A higiene é, portanto, afirmada como *conditio sine qua non* da constituição do Brasil como berço de uma civilização.

O artigo que fecha o livro é uma síntese da visão do novo homem: “Jéca Tatú: A ressurreição”. É notável aqui que Lobato faz uso de uma linguagem religiosa, adornando a ciência com uma aura sobrenatural. O texto narra a vida de um caipira que conhece a ciência e sai do estado de ostracismo no qual estava aprisionado desde tempos imemoriais. Aquele Jeca é a representação da população brasileira que deveria, na visão do autor, entregar-se aos braços das novas descobertas. “Daqui por diante nha Ciencia está dizendo e Jéca está jurando em cima!” (LOBATO, 1956c, p. 334). Além de recuperar-se de suas dores e da preguiça, o novo Jeca, alcançado pelo evangelho científico, agora “só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas” (1956c, p. 337). O capítulo é fechado com um conselho às crianças, para que quando crescerem, imitem o Jeca.

Como aponta Éder Silveira (2005, p. 194), “Problema” é uma obra de “[...] forte apelo à ação, marcada pela crença em um projeto de regeneração nacional [...]”, que visava oferecer uma alternativa viável aos custos e desafios da imigração, revelando que, através do potencial inato do brasileiro, seria possível transformar o país. Estes artigos, de fato, revelam uma militância anunciada pela renovação da raça nacional. Ao compor esta apologia das políticas de saneamento, Lobato visualiza o caminho que poderia levar o país ao progresso. É o verdadeiro serviço à pátria e à humanidade: “Programa patriótico, e mais que patriótico, humano, só ha um: sanear o Brasil” (LOBATO, 1956c, p. 245). Clamando pela renúncia do bacharel e pela ascensão do higienista, para ele “a questão posta era sanear ou perecer. Era preciso agir sobre os fatores disgênicos, encarregados de minar as forças do povo brasileiro” (SILVEIRA, 2005, p. 196).

Em uma última metamorfose do caboclo, Lobato publicaria, em 1947, “Zé Brasil” (LOBATO, 1964, p. 328–336). A imagem do caipira, outrora desenhada em “Urupês” e ressignificada em “Problema Vital”, agora era incorporada mais diretamente à crítica

política. Este curto texto, publicado no ano que antecedeu a morte do autor, defendia a liberdade de pensamento e manifestação, posicionando-se principalmente contra a perseguição do Partido Comunista Brasileiro, e em favor de Luís Carlos Prestes⁴⁵. A questão central é a pobreza e a concentração de terras, pautas do partido relegado à clandestinidade.

Já em “O Escândalo do Petróleo e do Ferro”, o autor apontava para uma única solução capaz de resolver os problemas nacionais: “Enriqueça-se a mais miserável família de jécas que vive lá num fundão malarico do Amazonas [...]. Os doentes se curarão, os descalços se calçarão, os iletrados se educarão, e o país se verá acrescido de energicas unidades positivas” (LOBATO, 1955, p. 248). Unindo-se aos textos anteriores, “Zé Brasil” e “O Escândalo” não são, como também não são as outras referências ao caboclo após “Urupês”, apenas um diagnóstico da situação nacional. Fugindo de certos determinismos, Lobato buscava, mais do que constatar, solucionar a miséria nacional.

2.6 “Jeca sou eu”

Como vimos, o Jeca Tatu tem lugar, para Lobato, entre o pessimismo e a esperança. Neste espaço há um outro aspecto relevante da caracterização deste personagem na obra do autor, que se expõe claramente no título do livro “Ideias de Jeca Tatu” (LOBATO, 1951). Quem seria o Jeca, cujas ideias estariam reunidas nesta obra, senão o próprio Lobato? Os textos chamam a atenção porque neles é perceptível uma preocupação com matérias nacionalistas, marcadamente as de cunho artístico. Aqui podemos encontrar a famosa crítica do autor a Anita Malfatti⁴⁶, publicada em 1917, no jornal O Estado de São Paulo. Ao longo dos outros escritos concentrados nesta coletânea,

⁴⁵ Luís Carlos Prestes (1898-1990) foi um político gaúcho, associado ao Partido Comunista Brasileiro. Da mesma forma que se relacionava com a doutrina comunista, Lobato mantinha diferentes percepções a respeito de Prestes. Cavalheiro (1962b) aponta para a decepção lobatiana com a aliança entre o comunista e Getúlio Vargas. Mesmo decepcionado, viu com indignação as restrições autoritárias à liberdade de pensamento, como se percebe no texto em questão.

⁴⁶ Lobato comparou as produções de Anita a caricaturas, num discurso que exigia da artista que tomasse uma posição brasileira, e deixasse de imitar as escolas europeias. Nota-se que a qualidade artística da pintora não foi, em si, questionada. O alvo era a sua conexão com um modernismo que não se enquadrava nos projetos de uma estética nacional defendida pelo escritor.

encontram-se ataques à apropriação acrítica dos conteúdos estrangeiros, bem como sugestões de possíveis sementes para um verdadeiro estilo brasileiro (LOBATO, 1951).

No artigo “A questão do estilo”, o autor tece uma ácida descrição dos membros da elite brasileira, que costumavam “meter na cabeça uma cartola velha, enfiar a casaca, atochar os pés num botinão e virem para a rua crentes de que o público os confundirá com puros parisienses” (LOBATO, 1951, p. 31). O Brasil deveria construir seu próprio estilo, filtrando sua história com uma peneira filha da terra. Só assim teríamos, por fim, uma estética “pura de plágio, da copia servil, do pastiche deleterio” (LOBATO, 1951, p. 34). A defesa da independência moral e cultural do país é reafirmada também em outras oportunidades, para além destes textos.

Após a publicação de “Urupês”, Lobato angariou uma legião de admiradores. Foi homenageado em diversas ocasiões, mas foi no banquete oferecido a ele em sua cidade natal, Taubaté, que admitiu: “[...] sem farsa o confesso, Jeca sou eu [...]” (LOBATO, 1964, p. 90). Em outra oportunidade, o Jeca é posicionado como representante da verdadeira cultura nacional:

Temos duas civilizações, ou melhor, duas ‘culturas’: uma cultura importada, dos que vivem nas cidades, sabem ler e escrever e até livros escrevem! E a ‘cultura local’, filha da terra como um cogumelo é filho dum pau podre⁴⁷, desenvolvida pelos homens do mato – o caboclo, o caipira, o jéca, em suma (LOBATO, 1961c, p. 29).

Um dos sinais dessa cultura nativa é a língua livre das interferências dos manuais. Não sabendo ler ou escrever, o Jeca pode evoluir seu português sem se preocupar com a “Academia de Letras”. “Quem condena como coisa ‘errada’ o modo de falar ou a língua do jéca, revela-se curto de miolos”, diz ele. “Os modos de variação duma língua são fenomenos naturais, e não ha erro nos fenomenos naturais. Erro é coisa humana” (LOBATO, 1961c, p. 32).

O país dos bacharéis, dos homens da cidade, é, para Lobato, “colônia mental da França” (LOBATO, 1964, p. 101), e como uma espécie de “Senegal antártico”, é dominado pelas palavras francesas: “nossas mulheres são *madames*, nossas filhas *mlles*,

⁴⁷ Expressão que faz referência ao *Urupê*, que é o fungo *Pycnoporus sanguineus*, também chamado de orelha-de-pau.

nossas estações, *gares*, nosso escol *élite*, nossas maletas, *valises* (LOBATO, 1964, p. 101, grifos do autor). O Jeca surge neste cenário, então, como herdeiro da raça bandeirante⁴⁸: “O Brasil ainda é o caboclo, empunhando o machado e o facho incendiado na luta, arca por arca, contra a hispidez envolvente para que nas clareiras entreabertas tome assento a civilização” (LOBATO, 1951, p. 58). No Epílogo de seu “Inquérito” sobre o Saci-Pererê⁴⁹, é categórico ao escrever que o “Jeca é a única afirmação de individualidade não laivada de ridicularias que possuímos” (LOBATO, 1998, p. 172).

2.7 Considerações finais

As diferentes visões lobatianas sobre o caboclo revelam pelo menos uma permanência: a ausência de uma integralidade do ser brasileiro. Em um dos artigos de “Problema Vital”, o autor sintetiza o pensamento dominante: “[...] falimos como povo, como raça – e falimos moral, intelectual e fisicamente” (LOBATO, 1956c, p. 259). A falência generalizada impede que qualquer ideal de identidade nacional possa emergir. Para superar esse estado caótico, indica o autor, uma única solução: “Restaurai a saúde do povo” (LOBATO, 1956c, p. 264). Quando não está de cócoras e imóvel, como ocorre em “Urupês”, o Jeca ainda precisa tomar a decisão de aderir aos ensinamentos da soberana Ciência.

O homem brasileiro é um projeto, portanto. Não um fato. Mas não era dessa forma por falta de condições naturais. Ao passo que hesitava em aceitar o Jeca como ele era, Lobato exaltava a natureza brasileira e as benesses do clima quente para o extravasamento da vida. Contrariando os que consideravam as regiões tropicais inferiores por conta da ação climática, bradava que “[...] a vida é filha do calor”, e, por isso, é lógico que na

⁴⁸ “[...] a raça dos bandeirantes é a mesma do Jéca Tatú” (LOBATO, 1956c, p. 306). Vê-se que o Jeca representa o brasileiro na medida em que representa São Paulo.

⁴⁹ Tal empreitada lobatiana nos revela indícios do nacionalismo do autor. Propondo a substituição das lendas estrangeiras, que alcançavam os leitores brasileiros, ele busca reunir relatos e descrições de um dos mais famosos personagens do folclore nacional. Através d’O Estado de São Paulo, ele anunciava, em 1917, um inquérito sobre o Saci-Pererê, lançando-se como um pesquisador da cultura popular (AZEVEDO *et al.*, 2001, p. 68).

região sul do mundo ela pode alcançar “[...] seu esplendor máximo, apogeu de força e beleza” (LOBATO, 1956c, p. 324).

Na realidade, era exatamente por garantir a ampla propagação da vida, por sua fertilidade, que a natureza brasileira oferecia ao Jeca uma variedade de inimigos microscópicos e poderosos: os parasitas que lhe retiravam as forças e o ânimo, fazendo com que fosse necessário importar mão-de-obra para atender às demandas econômicas do século XX. A submissão às novas descobertas e procedimentos médico-sanitários, era a solução para o ferrenho embate que deixava milhões de brasileiros no ócio, e possibilitava, assim, a superação dos obstáculos para o progresso.

Se a Europa serviria como modelo durante o Império, os Estados Unidos transformaram-se nos novos inspiradores de uma sociedade ideal durante a República. Diferentes percepções sobre a natureza e a população superaram os limites territoriais da América do Norte e do Velho Mundo. Estas novidades marcaram fortemente as falas de literatos, estadistas, e de uma elite técnico-científica em ascensão. Antes mesmo de Monteiro Lobato, Machado de Assis (1994, p. 810), em 1879, havia destacado que “a nova geração frequenta os escritores da ciência, não há poeta digno deste nome que não converse um pouco, ao menos, com os naturalistas e filósofos modernos”.

Nesse sentido, a adesão aos movimentos médicos e higienistas do início do século seria fundamental para as ideias defendidas por Lobato. A população doente precisava ser curada para que o organismo nacional pudesse recuperar-se dos anos de atraso amalgamados na preguiça do Jeca. Apesar de contaminada por parasitas, (que em “Problema” são os determinantes do comportamento e do modo de vida do caboclo), a população brasileira poderia superar as dificuldades. Para isso era necessário que atendessem ao chamado da higiene e do sanitarianismo. Uma renovação do corpo nacional se mostrava fundamental para qualquer avanço do país, e era por meio da ciência que este processo poderia acontecer. A eliminação da doença física, de cada brasileiro, resultaria na cura do organismo de dimensões continentais, que é o Brasil. Como observa no texto “A Ressurreição”, “O verdadeiro sábio não emite opinião: consulta o laboratório e repete o que o laboratório diz, sem enfeite nem torção” (LOBATO, 1956c, p. 229).

O papel redentor que a ciência assume, portanto, transcende a esfera da saúde pública. É pela ação da cura científica que o contingente de imigrantes poderá ser reduzido, já que o homem brasileiro é igual ao europeu. Entre as muitas facetas assumidas

por Lobato, que defenderá também a educação de qualidade, o combate à pobreza, e a construção de um parque industrial sólido no país, é perceptível o projeto de uma nacionalidade fundada no laboratório, com base no conhecimento científico. Caminhar em direção a uma nacionalidade era acatar as orientações dos sacerdotes de jaleco branco⁵⁰. O apelo, assim, para que o Jeca se tornasse, renovado, modelo a ser seguido, sugere um ideal de brasileiros que dificilmente poderia corresponder a uma parcela significativa da sociedade nacional, lançada à periferia, vivendo na miséria, em meio aos microrganismos danosos.

O ideal do caboclo, como representante da nação brasileira, portanto, fundava-se na esperança de um personagem que iria, no futuro, revigorar-se, deixando o “velho homem”, e, no espírito da nova religião, voltar-se às “boas novas” da ciência e do progresso. Sejam quais forem as obras de Lobato observadas, os crescentes nós tecidos entre a ciência, os homens e a natureza, seriam expostos como pontos valiosos no processo de tessitura da identidade nacional. Certo é, todavia, que no modelo ideal de país, algumas memórias, cores e culturas, deveriam assumir outros padrões na trama do tecido social interpretado pelo escritor.

2.8 Referências

ABREU, Capistrano de. Instruções para os Imigrantes. **Revista Trajetos**, v. 3, n. 5, 5 Jul 2016. Disponível em: <http://www.revistatrajetos.ufc.br/index.php/Trajetos/article/view/93>. Acesso em: 25 jan. 2019.

ALENCAR, José De. **O Guarani**. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

ARRUDA, Gilmar. O chão de nossa história: natureza, patrimônio ambiental e identidade. **Patrimônio e Memória**, v. 2, n. 2, p. 110–125, 2006.

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

⁵⁰ Expressão utilizada por Euler Renato Westphal (2006), em sua análise sobre os aspectos religiosos e dogmáticos das ciências moderna e pós-moderna, bem como sobre o paradigma totalizante da lógica materialista adotada pela medicina.

BEDÊ, Ana Luiza Reis. **Monteiro Lobato e a presença francesa em A barca de Gleyre**. 1. ed. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Febre Amarela e a Instituição da Microbiologia no Brasil. *In*: ARMUS, D.; HOCHMAN, G. (Org.). **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. p. 57–97.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BRASIL. **LEI Nº 10.402, DE 8 DE JANEIRO DE 2002**. Institui o Dia Nacional do Livro Infantil, Brasília, 2002. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2002/lei-10402-8-janeiro-2002-431974-publicacaooriginal-1-pl.html>.

BUCKLE, Henry Thomas. **History of Civilization in England**. Nova Iorque: D. Appleton and Company, 1884. v. 1.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARVALHO, José Murilo De. O Motivo Edênico No Imaginário Social Brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, out. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69091998000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 3 jun. 2018.

CASTELNAU, Francis. **Expedição às regiões centrais da América do Sul**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962a. v. 1.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962b. v. 2.

CORREIO PAULISTANO. O Passamento de Monteiro Lobato. **Correio Paulistano**, São Paulo, 6 jul. 1948. Capa, p. 1–2.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DE LUCA, Tânia R. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

FRANCA, Vanessa Gomes. Nosso Jeca E Nossa Emília Vão Ao Exterior. **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**, v. 6, p. 40–57, 24 out. 2017.

FRANCO, José Luiz de Andrade; DRUMMOND, José Augusto. **Proteção à natureza e identidade nacional no Brasil anos 1920-1940**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: Decadência do Patriarchado Rural no Brasil (edição ilustrada). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **O Futuro Da Natureza Humana**: A Caminho De Uma Eugenia Liberal? São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade; MAIO, Marcos Chor. The Path of Eugenics in Brazil: Dilemmas of Miscegenation. **The Oxford Handbook of the History of Eugenics**, 24 Set 2010. Disponível em: <http://oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780195373141.001.0001/oxfordhb-9780195373141-e-30>. Acesso em: 10 mai 2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 3. ed. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras, 1944.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

IBOPE INTELIGÊNCIA. **Retratos da Leitura no Brasil, nº 4**. São Paulo: IBOPE, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf.

KEVLES, Daniel J. **In the name of eugenics**: genetics and the uses of human heredity. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

LINDLEY, Thomas. **Narrativa de uma viagem ao Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. v. 2.

LOBATO, Monteiro. A Onda Verde. *In*: LOBATO, M. **A Onda Verde e O Presidente Negro**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956a. p. 3–124.

LOBATO, Monteiro. Cidades Mortas. *In*: LOBATO, M. **Contos Completos**. 1. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014a. p. 191–338.

LOBATO, Monteiro. **Conferências, Artigos e Crônicas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOBATO, Monteiro. Entrevistas. *In*: LOBATO, M. **Prefácios e Entrevistas**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b. p. 135–289.

LOBATO, Monteiro. Epílogo. *In*: LOBATO, M. **O Sacy-Perêrê**: resultado de um inquérito. Rio de Janeiro: Gráfica JB S.A., 1998. p. 167–173.

LOBATO, Monteiro. **Idéias de Jeca Tatu**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951.

- LOBATO, Monteiro. **O Escândalo do Petróleo e do Ferro**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955.
- LOBATO, Monteiro. O Presidente Negro. *In*: LOBATO, M. **A Onda Verde e O Presidente Negro**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956b. p. 125–324.
- LOBATO, Monteiro. Prefácios. *In*: LOBATO, M. **Prefácios e Entrevistas**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961c. p. 3–134.
- LOBATO, Monteiro. Problema Vital. *In*: LOBATO, M. **Mr Slang e o Brasil e Problema Vital**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956c. p. 223–329.
- LOBATO, Monteiro. Urupês. *In*: LOBATO, M. **Contos Completos**. 1. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014b. p. 37–191.
- MACHADO DE ASSIS. A nova geração. *In*: MACHADO DE ASSIS. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MEIRA, Roberta Barros; CARELLI, Mariluci Neis. Notas Sobre Florestas no Brasil da Primeira República: Silvicultura, Preservação da Natureza e Agricultura. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 4, n. 1, p. 301-312, jul. 2015.
- MONTEIRO, John M. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MURARI, Luciana. **Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira**. 2002. Doutorado (História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24042007-111238/>. Acesso em: 25 jan 2019.
- NEIVA, Arthur; PENNA, Belisario. Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 8, n. 3, p. 74–224, 1916.
- NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, 1995. p. 15–31.
- O ESTADO DE SÃO PAULO. Monteiro Lobato. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 jul. 1948, p. 5.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PRADO JUNIOR, Caio. Prefácio. *In*: LOBATO, M. **O Escândalo do Petróleo e do Ferro**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955. p. XIX–XVI.
- RONDON, Candido Mariano da Silva. **Relatório da Comissão Rondon: estudos e reconhecimentos: Linhas Telegraficas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2016.

SAINT-HILAIRE, Augusto De. **Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. v. 1.

SANTOS FILHO, Gildo Magalhães Dos. **Ciência e ideologia: conflitos e alianças em torno da ideia de progresso**. 2004. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVEIRA, Éder. Sanear para integrar: a cruzada higienista de Monteiro Lobato. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 31, n. 1, 31 Dez 2005. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1332>. Acesso em: 17 abr. 2019.

SOTO, María Cristina Martínez. **Pobreza e conflito: Taubaté, 1860-1935**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2000.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G.; ARMUS, D. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. p. 331–391.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 - 1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Imperfect garden: the legacy of humanism**. Princeton: Princeton University Press, 2002.

VALENTE, Thiago Alves. **Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/sx48d>. Acesso em: 18 ago. 2018.

WESTPHAL, Euler Renato. **Brincando no paraíso perdido: As estruturas religiosas da ciência**. São Bento do Sul: União Cristã, 2006.

ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e suas fases. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 36, p. 141–152, 2010.

3 “ACIMA DA AMÉRICA ESTÁ O SANGUE”: A EUGENIA NOS ESCRITOS DE MONTEIRO LOBATO

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir algumas das passagens dispostas nos escritos de Monteiro Lobato que dialogam com posturas eugenistas. Para tanto, observamos mais de perto dois de seus textos, quais sejam, “O Presidente Negro” (1926) e “América” (1932), ambos escritos nos anos que cercam a estada do autor nos Estados Unidos, onde este trabalhou como adido comercial. Embora as duas fontes tenham caráter ficcional, é possível observar correlações das posições sustentadas pelos personagens também em outros materiais produzidos por Lobato, como nas cartas trocadas com Renato Kehl e Artur Neiva. As análises revelam a presença de concepções eugenistas, ora associadas a uma perspectiva mais radical, ora mais próximas das práticas sanitaristas e higienistas, à época em voga no Brasil. A partir da História da Ciência, é possível observar que, em sua busca por levar o país ao caminho do progresso, o autor procurou articular perspectivas científicas, comuns a boa parte do mundo Ocidental que lhe foi contemporâneo. É neste sentido que buscamos fazer uma reflexão crítica sobre a circulação de ideias eugenistas e a construção do projeto de identidade nacional lobatiano.

Palavras-chave: Ciência, Identidade, Eugenia, Monteiro Lobato

3.1 Introdução

Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882 e morreu em 4 de julho de 1948. Nacionalmente conhecido por seus livros infantis, principalmente os da série do Sítio do Pica Pau Amarelo, o autor também teve papel notável como publicista, além de ter escrito textos direcionados ao público adulto, materializados em contos e artigos. O autor se relacionou com movimentos políticos e intelectuais de seu tempo, e atuou na propagação dos ideais do progresso, que no Brasil estavam principalmente associados às reformas sanitárias e educacionais, e à modernização produtiva, tanto no setor agrícola, quanto na indústria (CAVALHEIRO, 1962a).

O clima científico⁵¹ de seus dias foi materializado em seus textos. Lobato (1964a) admite influências de uma vasta gama de autores, mencionando nomes como os do pensador evolucionista inglês Herbert Spencer (1820-1903), e dos cientistas franceses

⁵¹ O cientificismo é um movimento que se caracteriza por transformar em dogmas os princípios científicos, reivindicando serem, estes, capazes de explicar todos os fenômenos da realidade (Cf. TODOROV, 2002).

Augusto Comte (1798-1857) e Gustave Le Bon (1841-1931). Os textos deste último, escreve Lobato, são um tratado de ‘desasnamiento’ (LOBATO, 1964a, p. 221). Além deles, é possível perceber que o autor dedica numerosas linhas ao filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Todos estes homens estavam envolvidos, de alguma forma, com a alçada da perspectiva biológica sobre todas as áreas do conhecimento.

Como sustentado por Leonardo Cruz de Souza *et al.* (2018), a temática científica é recorrente na literatura brasileira da virada do século XIX para o XX. É possível observar desde incorporações profundas do *Zeitgeist* médico hegemônico, a exemplo do que fez o poeta Augusto dos Anjos, até críticas contundentes direcionadas ao dogmatismo científico, vistas nas produções de Machado de Assis e Lima Barreto. Luana Tamano *et al.* (2011), estudaram a presença de princípios associados às teorias raciais em autores como Aluísio de Azevedo e Graça Aranha, que inseriram discussões semelhantes em “O Cortiço” (1890) e “Canaã” (1902), por exemplo.

Neste contexto, o Brasil passa por uma transformação institucional, e os sentidos de identidade provenientes do contexto imperial são cada vez mais questionados, por vezes rechaçados como símbolos do atraso. Na República, uma nova identidade deveria ser erigida, e os homens de letras entendiam-se como responsáveis por este processo (SEVCENKO, 1995). Exemplo concreto dessas mudanças é a defesa de um nacionalismo racional por Lobato, em oposição à postura romântica de José de Alencar (CAVALHEIRO, 1962a). Como afirmou em carta ao amigo Godofredo Rangel⁵², o patriotismo apaixonado esconde as verdades sobre a nação (LOBATO, 1961a). Retratando uma mudança de referenciais, o autor defendia que o Brasil precisava tomar, ao invés da Europa, os Estados Unidos como modelo central para seu desenvolvimento. O empreendimento de homens como Henry Ford (1863-1947) era o projeto ideal de uma cultura da eficiência (LOBATO, 1966).

As temáticas encontradas nos escritos de Lobato são diversificadas. Na década de 1910, concentrou sua pena na problemática do homem nacional, representado pelo Jeca Tatu. Os textos centrais dessa discussão foram publicados em 1914, no jornal O Estado

⁵² José Godofredo de Moura Rangel (1884-1951), amigo com quem Lobato manteve mais de quatro décadas de correspondência. Foi membro do “cenáculo”, composto, além dos dois amigos, também por Lino Moreira, Tito Lívio Brasil, Albino Camargo, Cândido Negreiros, Raul de Freitas e José Antonio Nogueira. Assim como os outros membros, era formado em Ciências Jurídicas e escritor, bastante elogiado em suas qualidades literárias por Lobato (NOGUEIRA, 2017).

de São Paulo. Em “Uma Velha Praga” e “Urupês”, Monteiro Lobato teceu uma descrição ácida da figura do caboclo. Estes artigos são compostos por concepções deterministas e pessimistas sobre o futuro do país, porém, apesar de relacionados à mentalidade cientificista, não encontramos menções diretas ao pensamento eugenista nestes textos. Em “O Presidente Negro”, de 1926, no entanto, o discurso torna-se explícito, e, através da narrativa ficcional, o leitor é capaz de visualizar a “perfeição” de um mundo onde os princípios morais são abandonados em nome do progresso.

Conteúdo semelhante é encontrado no livro “América”, de 1932. Retomando um protagonista delineado já em 1927, na obra “Mr. Slang e o Brasil”, Lobato detalha um diálogo entre o narrador e o personagem que dá nome ao primeiro livro. O personagem, caracterizado como um culto cidadão inglês, se destaca por seu senso crítico e autonomia intelectual. A inteligência e superioridade de sua figura, são repetidamente trazidas à tona durante as conversas. O texto gira em torno de comparações entre Brasil e Estados Unidos, este último sendo o cenário do encontro entre os personagens no segundo livro. Os discursos ficcionais deste escrito fornecem mais pistas a respeito da presença de preceitos eugenistas nas linhas lobatianas, sugerindo, quando cruzados com outras fontes, certas consistências entre o pensamento do autor e o conteúdo das obras.

A Eugenia, fundada pelo naturalista inglês Francis Galton, é uma autointitulada ciência, preocupada em promover a reprodução de indivíduos considerados - de acordo com características afixadas por alguns cientistas - superiores, e desincentivar a propagação daqueles vistos como inferiores. Galton (1883, p. 25) a definiu como “a ciência do melhoramento da linhagem”. Ao longo da segunda metade do século XIX e da primeira parte do século XX, diferentes atores apropriaram-se desta teoria, lançando sobre ela interpretações particulares. Em seus resultados mais trágicos, associada a outros movimentos de semelhante apelo, esteve envolvida não só com a esterilização compulsória de centenas de milhares de seres humanos, mas também com a perseguição e execução de outros milhões, como ocorreu durante o regime nazista⁵³ (BLACK, 2003).

O texto a seguir procura demonstrar que ideais e princípios associados a Eugenia estão presentes de diferentes maneiras nos vários escritos lobatianos. Podemos identificar

⁵³ O pensamento eugenista, apesar de sua faceta genocida exposta pela Alemanha nazista, não se limitou a perpetuação de violências deste tipo, ganhando diferentes contornos e nuances nos diferentes espaços em que foi apropriado. Esta perspectiva, no Brasil, serviu também como forma de impulsionamento para reformas básicas na saúde pública.

passagens em que os princípios científicos de manipulação hereditária são explicitamente chamados a cena, associados a elementos de um evidente preconceito racial. A análise das fontes, no entanto, não permite que afirmemos que o projeto de Brasil, construído pelo escritor paulista, tinha este fundamento como linha mestra. Apesar de navegar pelos mares eugenistas, foi na transformação das condições do meio, através da luta contra a pobreza, pela modernização industrial e agrícola, bem como pelo combate às doenças e ao atraso educacional, que o escritor paulista vislumbrou o florescer de uma nação brasileira.

3.2 Um Brasil exposto ao Laboratório

O exercício da ciência formal no Brasil tem suas raízes na vinda da família real portuguesa, em 1808 (SCHWARCZ, 2004; STEPAN, 2004; DIWAN, 2007). No período subsequente à independência, no entanto, o saber científico passa a ser direcionado aos interesses próprios da realidade local. Em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico é criado e consolida uma certa história nacional (SCHWARCZ, 2004). No Segundo Reinado (1840-1889), sob os auspícios de Dom Pedro II, novas instituições de pesquisa começaram a se fortalecer. A respeito da inserção do cientificismo no cenário brasileiro, Schwarcz (2004, p. 38) afirma: “[...] esse tipo discurso evolucionista e determinista penetra no Brasil a partir dos anos 70 como um novo argumento para explicar as diferenças internas”. Como resultado, “era a partir da ciência que se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades.”

Durante o século XIX, o Brasil foi destino de intelectuais ligados às teorias degeneracionistas. Esta corrente disseminou uma visão incrédula quanto à possibilidade civilizacional nos países muito diversos etnicamente. O conde francês Arthur de Gobineau (1816-1882) e o cientista suíço Louis Agassiz (1807-1973), por exemplo, nomes fortes do racismo científico moderno, relataram de maneira dura algumas de suas impressões sobre o território e seus habitantes. Como afirma Diwan (2007), estes homens tornaram-se referências legitimadoras para alguns dos cientistas brasileiros, que aceitavam a desqualificação da população mestiça nacional.

A Faculdade de Medicina de Salvador foi um dos principais centros de produção de pesquisas ligadas às teorias raciais. O médico brasileiro Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) teve papel fundante na propagação dos estudos sobre a formação da população nacional. Para muitos dos acadêmicos que orbitavam este núcleo, “a mistura proporcionava a loucura, a criminalidade e a doença” (DIWAN, 2007, p. 91). Outros intelectuais, a exemplo de João Batista Lacera, Silvio Romero e Afrânio Peixoto, no entanto, não enxergavam dessa maneira, e partindo do pressuposto de que a miscigenação levava, na verdade, ao aprimoramento da “raça inferior”, estipulavam diferentes prazos para que a mistura gerasse o efeito desejado: o branqueamento da população (SKIDMORE, 1992).

No Rio de Janeiro ascendiam as medidas sanitaristas e higienistas, representadas pela liderança do médico Oswaldo Cruz (1872-1917). Como argumentam Lima e Hochman (1996, p. 23), o movimento sanitarista da Primeira República “teve um papel central e prolongado na reconstrução da identidade nacional a partir da identificação da doença como o elemento distintivo da condição de ser brasileiro”. Os médicos, envolvidos nos embates nacionalistas, apontavam para o descaso político com relação a situação da população, principalmente rural, que se encontrava abandonada. Assim, a reforma da saúde pública assumiu um papel revigorante, fundamental na mentalidade de uma relevante parcela dos responsáveis por pensar a República (HOCHMAN; LIMA, 2004).

É neste contexto que ganha força o movimento eugenista. Encabeçado principalmente por médicos que se viam como responsáveis pela habilitação do progresso no Brasil, ele materializou-se institucionalmente em 1918, com a fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, sob liderança do médico e farmacêutico Renato Ferraz Kehl (1889-1974). Apesar da Sociedade ter sido dissolvida já em 1919, os mais de cem membros evidenciam o interesse de parte da elite pelo tema (STEPAN, 2004). A Liga Pró-Saneamento foi também uma relevante organização nacional, plataforma de luta pela reforma sanitária, congregando interesses de vários intelectuais, como os médicos Belisário Penna (1868-1939) e Artur Neiva (1880-1943), além do renomado protozoólogo Carlos Chagas (1879-1934).

Outra importante associação neste segmento foi a Liga Brasileira de Higiene Mental (STEPAN, 2004), fundada em 1922 pelo neurologista e psiquiatra Gustavo Reidel (1887-1934). Em seu estatuto, a Liga declarava que seu objetivo era a “realização de um

programma de Hygiene Mental e de Eugenetica no domínio das atividades individual, escolar, profissional e social” (LIGA BRASILEIRA DE HYGIENE MENTAL, 1925, p. 223). Dentre os problemas que a Liga propunha solucionar, estavam “os perigos que a doença mental e a ‘patologia’ dos pobres – crime, delinquência e prostituição – representavam para a sociedade” (STEPAN, 2004, p. 343).

Veículos de imprensa davam espaço para discursos dos proeminentes cientistas. Jornais e folhetos próprios, como os “Annaes de Eugénia”, de propriedade da Sociedade Eugênica, e o “Boletim de Eugenia”, lançado por Kehl em 1929, também abriam caminhos para a propaganda destes pensamentos (STEPAN, 2004, p. 345). O impulsionamento do progresso nacional era de interesse do público leitor, formado pelos “elementos cultos” brasileiros, como escreveu Kehl (1929b, p. 1) na edição inaugural do Boletim. Vale notar, no entanto, que não havia homogeneidade nas discussões realizadas entre os divulgadores do pensamento eugenista. No final da década de 1920, as divergências tornaram-se mais claras.

O Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia foi realizado em 1929, e “representou uma ofensiva pública e direta em defesa da causa eugenista como nunca antes. Seu principal objetivo era definir através de consensos quais seriam as propostas para políticas públicas para o governo [...]” (DIWAN, 2007, p. 113). Poucos foram, no entanto, os consensos encontrados. Isso porque, a exemplo do pensamento eugenista no mundo (TURDA, 2010), diferentes olhares sobre a matéria acabavam promovendo debates acirrados a respeito do caminho mais adequado para a vitória deste projeto. No Brasil, uma das discussões abrangia os vieses “positivo”, “negativo” e “preventivo” da Eugenia. O primeiro visava incentivar casamentos entre pessoas de boa constituição física e mental, o segundo tinha por objetivo desestimular a reprodução de pessoas inferiores, e o terceiro visava propagar, desde medidas de educação eugênica, até reformas estruturais (SOUZA, 2006). Este último modelo aproximava-se de maneira bastante clara do pensamento higienista, e congregava os que acreditavam em um futuro possível para a população miscigenada.

Um dos principais embates da história da Eugenia no Brasil foi travado entre Renato Kehl e o médico e antropólogo Edgard Roquette-Pinto (1884-1954). Estes dois intelectuais partiam de uma premissa idêntica: a Eugenia deveria ser pensada a partir da

genética mendeliana⁵⁴. Como escreve Vanderlei Sebastião de Souza (2012, p. 14), “os eugenistas mendelianos postulavam que o material hereditário seguia leis independentes da influência do meio, sendo transmitido apenas [...] por meio da célula germinal”. Ainda assim, Roquette-Pinto e Kehl chegavam a conclusões opostas: por um lado, o farmacêutico entendia que seria necessário que o Estado controlasse a reprodução de seus cidadãos, e vetasse - por conta do potencial destrutivo da mistura racial - de maneira ampla a entrada de certos grupos de imigrantes. Por outro, o antropólogo defendia que a miscigenação brasileira não estava associada a uma degradação racial (SOUZA, 2016, p. 100), e propunha menores restrições para a imigração.

No trabalho que apresentou no Congresso, Roquette-Pinto explicitou sua posição, revelando uma crítica à ideia de que a miscigenação gera, por si só, indivíduos inferiores. Segundo ele, “tem-se o hábito de considerar degenerados, mestiços que são apenas doentes ou dysgenicos. Não é o cruzamento; é a doença a causa do aspecto débil de muitos deles” (ROQUETTE-PINTO, 1929, p. 136). Também afirmou o autor, neste artigo, que não existem diferenças intelectuais entre brancos e negros e que, expostos às mesmas condições sociais, ambos têm o mesmo desenvolvimento. Roquette-Pinto concluía: “O *problema das raças* não existe no Brasil” (1929, p. 138, grifo do autor). Sua postura contrasta com a de Kehl.

Partindo de estudos eugenistas, Kehl assegurava que medidas educacionais, investimentos em higiene, e outras mudanças ambientais, eram inócuas quando isoladas. Apesar destes elementos se configurarem como ferramentas úteis para o desenvolvimento e progresso social, ele acreditava ser necessário “[...] ter em conta também a alavanca mestra do progresso biológico que é a aplicação das leis da hereditariedade, segundo os preceitos da eugenia” (KEHL, 1929a, p. 48). Apelando para os eventos bárbaros que haviam há pouco tomado o mundo, como a Primeira Guerra Mundial, ele afirmava:

Estes factos demonstram que a educação e as injunções religiosas não bastaram para moderar as paixões, para tornar a humanidade melhor, mais equilibrada, mais filantrópica. Isto porque o homem continuou escravo de sua natureza particularíssima, indelével a simples influencias moraes e mentaes, preso a uma força que o subjuga

⁵⁴ Gregor Mendel (1822-1884) é um dos responsáveis pelo desenvolvimento da genética moderna. Para ele, apesar de haver uma combinação entre o material humano dos pais, sua composição é alocada de maneira variada na prole. Essa alocação permite, por exemplo, que traços se “escondam” durante gerações, até que se manifestem (TURDA, 2010).

biologicamente, que lhe imprime o temperamento, o caracter, de modo inexorável, - a hereditariedade (KEHL, 1929a, p. 47).

Na prática, os esforços eugenistas resultaram na criação de algumas legislações. Suas principais conquistas legais ocorreram nos anos que cercam o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Nas Constituições de 1934 e 1937, apesar de certa flutuação, foram inseridas medidas para o estímulo da educação eugênica, à educação física, cotas raciais para imigração etc. (STEPAN, 2004). A partir da década de 1930, o movimento eugenista começa a perder força, dentre outros motivos, graças ao crescimento influências do culturalismo de Franz Boas (1858-1942), que foi adotado por Gilberto Freyre (1900-1987) e até mesmo por Roquette-Pinto (DIWAN, 2007). Ainda durante o Congresso, Boas foi utilizado como referência de intelectual contrário à discriminação racial.

A exposição dos crimes nazistas, na década de 1940, bem como a ascensão de pesquisas antropológicas com novas abordagens sobre a população negra e rural brasileira, garantiu um gradual abandono do racismo científico predominante nos espaços de construção de conhecimento (SKIDMORE, 1992). A categoria “raça”, embora não tivesse sido retirada das discussões, passava a ser tratada com um outro olhar, mais positivo, identificando potencialidades na composição mestiça nacional, numa tentativa de valorizar a constituição demográfica local (SOUZA, 2012, p. 16).

O debate entre diferentes perspectivas e meios de ação do movimento eugenista brasileiro não é, como se percebe, sinal de uma fraca participação de seus partidários nas discussões nacionais. As divergências indicam uma complexa articulação de diversos projetos que estes intelectuais construíram. Se, por um lado, não se pode encontrar homogeneidade, por outro é possível vislumbrar o entrelaçamento dos diferentes movimentos interessados na saúde pública. Sanitaristas, higienistas e eugenistas configuravam, neste sentido, um conjunto de intelectuais com o objetivo de construir o Brasil. Neste grupo, Monteiro Lobato certamente se encontrava.

3.3 O homem e seu tempo

As reflexões de Lobato sobre a problemática racial começam ainda em sua juventude. Os textos concentrados em “Literatura do Minarete”, giram em torno de seu tempo de estudante de direito, entre 1900 e 1904. Para o jovem escritor, o Brasil, “filho de pais inferiores”, é “incapaz de continuar a se desenvolver sem o concurso vivificador do sangue de alguma raça original” (LOBATO, 1961b, p. 110). Ao comentar sobre o futebol, Lobato atribui ao esporte o papel de “estimulante mais poderoso que entre os fortes estimulantes encontra o sangue anglo-saxão” (LOBATO, 1961b, p. 179). A atividade física, para ele, seria promotora de energia moral, e estimularia as características que fariam da raça inglesa um tipo superior em relação a raça latina, que é “degenerada e gasta” (LOBATO, 1961b, p. 181). Lembramos que o incentivo ao exercício corporal é parte fundamental da educação eugênica (BLACK, 2003).

Em 1905, em carta enviada ao amigo Tito Lívio Brasil, o autor demonstrava crer naquilo que foi descrito por Galton (1892): os aspectos morais eram tão hereditários quanto os traços físicos. Assim como o filho do negro possui a pele negra, também dará continuidade aos comportamentos típicos de sua “raça”. Para o escritor paulista, “um só sangue mais elevado, um sangue de raça mais superior, poderá transfundir nos entes novos o germe da progressividade” (LOBATO, 1964b, p. 76). Tal noção de aquisição da “progressividade” através do sangue, revela a crença no branqueamento: “só a emigração e a conseqüente fusão de sangue superior trará uma aptidão congênita para o progresso” (LOBATO, 1964b, p. 76). Ao longo de seus textos, como veremos, não há uma posição estável quanto a esta doutrina.

Ao amigo Godofredo Rangel, em 1907, revelaria a cena proporcionada pela Semana Santa em Taubaté: “Por toda parte, povo - o nosso povo, essa coisa feia, catingenta e suada. Sovacos ambulantes” (LOBATO, 1961c, p. 157). Dois anos mais tarde, também ao amigo escreveria: “Eu gosto muito dos negros, Rangel. Parecem-me tragédias biológicas. Ser pigmentado, como é tremendo!” (LOBATO, 1961c, p. 244). É ainda ao mesmo destinatário que Lobato revela uma ideia seminal: “Vou ver se consigo escrever um conto, o *Porrigo decalvans*, em que considerarei o caboclo um piolho da terra, uma praga da terra” (LOBATO, 1961c, p. 327, grifo do autor). Lobato cumpriu sua palavra, e em 1914 lançou “Uma Velha Praga” e “Urupês” nas páginas do jornal O Estado de São Paulo.

Estes textos constituem o cerne da famosa leitura lobatiana sobre o caboclo, ou o Jeca, que representa o morador das margens do rio Paraíba do Sul (LOBATO, 2014a). Os artigos de Lobato trazem uma visão bastante pessimista sobre estes indivíduos, e os caracterizam como seres improdutivos, sem cultura e preguiçosos, que fogem do progresso. Nessa situação, o caboclo, como “quantidade negativa”, acaba não sendo capaz de compor uma classe adequada de trabalhadores: "Pelo Treze de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num *uf!* o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo" (LOBATO, 2014a, p. 171, grifo do autor).

A referência feita, aqui, ao dia da assinatura da Lei Áurea como data na qual os negros, antes escravizados, teriam abandonado o trabalho, chama a atenção. Essa ideia revela uma percepção de que aqueles homens e mulheres, agora desobrigados a trabalhar de forma compulsória, entregavam-se a vadiagem, abandonando sua função no campo. Se o negro era feito para o trabalho e o caboclo era avesso a esta prática, a solução para a produtividade nacional só poderia vir de fora, do europeu.

Em 1918, Lobato reuniria sua percepção do caboclo no livro “Urupês”. Outros escritos, incluídos também nesta coleção, podem ser aqui trazidos a luz. Em “Bocatorra”, de 1915, um negro, deformado fisicamente, é revelado como culpado de necrofilia. O desvio moral ligado a aspectos orgânicos pode ser visto ainda no conto “Mata-Pau”, do mesmo ano, no qual um jovem acaba se relacionando intimamente com sua mãe adotiva, por “má índole congênial” (LOBATO, 2014a, p. 120). “A Policitemia de Dona Lindoca”, “Barba Azul” e “O Fisco”, reunidos em “Negrinha” (LOBATO, 2014b), são outros exemplos de textos em que a presença de termos médico-biológicos é preponderante.

O título do compêndio “Urupês” foi sugestão de Artur Neiva, sanitarista amigo de Lobato (CAVALHEIRO, 1962a). Essa relação com o cientista, que era discípulo de Oswaldo Cruz, somada a leitura dos relatórios sobre as condições de vida da população brasileira, fez com que Lobato revisasse sua leitura do caboclo, e lhe dedicasse uma visão esperançosa, calcada na possibilidade de tirá-lo da miséria por meio da recuperação de sua saúde. É lembrando uma visita que fez a Iguape, na companhia de Neiva, que o escritor tenta, em um dos artigos da coletânea “Problema Vital” (1918), desvencilhar o problema brasileiro da configuração demográfica: "Não é a raça - a raça dos bandeirantes é a mesma de Jéca Tatú. É um longo e ininterrupto estado de doença transmitido de pais a filhos e agravado dia a dia" (LOBATO, 1956a, p. 306).

Ao mesmo tempo em que se junta às fileiras sanitaristas, Lobato inicia seu contato com Renato Kehl, tratando-o como “espírito brilhante” e “untado para nobres ideaes” (LOBATO, 1918). Lobato comentava sobre a leitura que fez de uma palestra, ministrada pelo farmacêutico no ano anterior. Nesta oportunidade, Kehl defendeu que é preciso ir além do sanitarismo, já que é a raça que precisa ser tratada. O médico sugere a “seleção conjugal, efetuada com critério, regra e inteligência” (KEHL *apud* SANTOS, 2008, p. 61), e separa a saúde em duas áreas: Higiene e Eugenia. A primeira serviria para “afastar as causas dos males”, e a segunda, para selecionar os indivíduos, de modo a formar uma unidade racial. Em correspondência posterior, Lobato admite ao cientista: “Tu és o pae da Eugénia no Brasil [...] Precisamos lançar, vulgarizar essas ideas. A humanidade precisa de uma coisa só: póda. É como a vinha” (LOBATO, [1926 ou 1927]).

Na primeira carta que enviou ao farmacêutico, o escritor deu seu consentimento ao pedido da Sociedade Eugênica para a edição e publicação do livro que mencionamos há pouco, “Problema Vital”. Pode-se supor que Kehl pretendia, ao publicar os textos de Lobato, além de associar publicamente a Sociedade ao nome do escritor, estimular a campanha da saúde pelo viés da higiene, sustentando sua relação também com os sanitaristas, que gozavam de respeito no país. Não à toa, a primeira edição de “Problema Vital” foi publicada em parceria com a Liga Pró-Saneamento. Há um certo consenso sobre diferentes fases de Renato Kehl, que, a partir de fins da década de 1920, passaria a fomentar medidas com foco na raça, distanciando-se do sanitarismo (STEPAN, 2004; SOUZA, 2012).

Os textos que Lobato publicou em 1918 estavam diretamente relacionados aos que foram lançados por Belisário Penna entre 1916 e 1917 (LOBATO, 1956a, p. 237). O sanitarista afirmava que “uma viagem através dos nossos sertões, e mesmo fóra delles, confrange a alma e abate a confiança no futuro da pátria, sobretudo pela indiferença ou inconsciencia dos poderes públicos” (PENNA, 1916, p. 2). Mas havia esperança. Ao lado dos sanitaristas Lobato declarava: “Respiramos hoje com mais desafogo. O laboratorio dá-nos o argumento por que ansiavamos. Firmados nele contraporemos á condenação sociologica de Le Bon a voz mais alta da biologia” (LOBATO, 1956a, p. 298).

Essa oposição a conclusão pessimista de Le Bon e dos degeneracionistas não será permanente em Lobato. Como demonstra a historiadora Nancy Stepan (2004), os imbricamentos entre eugenistas e sanitaristas são bastante complexos, e estimularam uma certa volatilidade entre os intelectuais. Conforme sustenta André Luiz Vieira de Campos

(1986), apesar de ter deslocado o problema do caboclo da esfera racial, há uma dualidade insistente na escrita do autor, que ora motiva uma crítica à situação social da população, ora estimula um olhar ligado às teorias racistas hegemônicas.

3.4 Um romance eugenista

Entre 1918 e 1926, Monteiro Lobato concentrou suas atividades na condução da Revista do Brasil, da qual era dono. Seus escritos estavam se popularizando, principalmente pelo acesso à máquina editorial. A figura do Jeca Tatu ganhou, em março de 1919, a atenção de Rui Barbosa (1849-1923), e exigiu ainda mais impressões. Com sua presença fixada no grupo dos mais influentes escritores do país, o autor receberia um convite do governo para operar como adido comercial em Nova Iorque, para onde se mudou em junho de 1927. Entre seu desembarque e o retorno ao Brasil, Lobato entrou em contato com diversas inovações tecnológicas, e encantou-se com o que as indústrias do ferro e do petróleo poderiam fazer pelo país (CAVALHEIRO, 1962a).

Antes de se mudar para os Estados Unidos, o autor escreve “O Choque das Raças” ou “O Presidente Negro”. “Tirei o mez de Julho para escrever um romance americano que me pediu um publisher de lá. Fil-o em 20 dias, ao correr da penna, e aproveitando uma velha idéa que um dia lhe comuniquei”, escreveu Lobato (1926) ao médico Artur Neiva. Na mesma carta, Lobato informa que pretendia dedicar este livro a ele, e pede a opinião do amigo sobre seu conteúdo. Nota-se que, posteriormente, o escritor paulista iria confessar a Renato Kehl que deveria ter, na verdade, dedicado o seu “grito de guerra pró-eugenía” a ele (LOBATO, [1926 ou 1927]).

Como se pode observar em sua correspondência, o escritor tinha a intenção de publicar a obra e fundar uma editora nas terras mais ao norte (LOBATO, 1961a, p. 293). Em carta à Godofredo Rangel, datada de 1927, o autor confessa, no entanto, que o sonho havia fracassado, por resistência das casas publicadoras:

Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo á dignidade americana, visto admitir que depois de tantos seculos de progresso moral possa este povo, coletivamente, cometer a

sangue frio o belo crime que sugeri. Errei vindo cá tão verde. Devia ter vindo no tempo em que eles linchavam os negros (LOBATO, 1961a, p. 304).

Se foi o que de fato ocorreu, é notório que o conteúdo do livro tenha sido considerado ofensivo no país, no exato ano em que o caso “*Buck v Bell*” foi julgado pela Suprema Corte. Neste evento, com apenas um voto contrário, Carrie Buck, uma interna da Colônia Estatal da Virgínia para Epiléticos e Débeis Mentais, foi condenada à esterilização compulsória (ANTONIOS; RAUP, 2012). O mesmo país que judicialmente aderiu à Eugenia, moralmente parecia se opor a tais violações da dignidade humana. De acordo com Edwin Black (2003), medidas como essas não eram bem vistas pela população norte-americana, temerosamente consciente de sua formação étnica plural.

O livro foi o único romance publicado por Lobato. Seu enredo inicial é apenas pano de fundo para uma narrativa de visualização do futuro, que coloca em cena uma sociedade estadunidense fragmentada, no campo político, em três grandes segmentos: o Partido Masculino, o Partido Feminino e o Partido Negro. Este cenário corre no ano de 2228, e o personagem Ayrton ouve Miss Jane – filha do, já morto, inventor do *porvirosópio*, máquina capaz de alcançar pontos distantes no futuro – descrever cada detalhe dessa história.

Através dos personagens envolvidos nesta trama, Lobato elogia a lei seca norte-americana como sacrifício pelo bem da raça⁵⁵, engrandece os elementos europeus que colonizaram os Estados Unidos – que chama de “força vital da raça branca” -, e critica a miscigenação, ao expor o contraste entre a segregação americana e a assimilação racial brasileira:

A nossa solução foi mediocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável peora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças dispares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefa-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado (LOBATO, 1956c, p. 206).

⁵⁵ É curioso notar que apesar de criticar o consumo de álcool, tanto na ficção, endossando a lei seca, quanto em seus textos sobre o Jeca (LOBATO, 2014a), Lobato menciona, por exemplo, em cartas a Artur Neiva, a realização de uma tradicional “choppada sabatina”, além de não questionar o consumo de uísque por um personagem que apresentaremos posteriormente, Mr. Slang (LOBATO, 1956b).

Escrita com um teor curiosamente semelhante ao do excerto acima, é uma carta que ele enviou a Rangel, em 1908. Chama também a atenção a supressão deste trecho em edições posteriores de “A Barca de Gleyre”, que reúne as cartas enviadas ao amigo (ENDALÉCIO, 2013). Escreve o autor: “o mulatismo dizem que trás dessoramento de caráter. Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e no físico que feiúra!” (LOBATO *apud* ENDALÉCIO, 2013, p. 17). O escritor ainda aponta para o movimento dos moradores do subúrbio carioca, que retornando para suas casas no final do expediente, expõem o observador à visão de todo tipo de “degenerescência”.

Detalhe relevante é que Lobato indica que este processo de “amulatização”, ou “liquefação”, é a “vingança” do negro. Nos Estados Unidos, ele escreve, não há esse problema, dado que a barreira do preconceito sustenta uma segregação sólida – que seria quase duas décadas depois incorporada à narrativa do livro aqui analisado. “Filosoficamente me parece horrível isto [a segregação racial] – mas certo do ponto de vista racial” (LOBATO *apud* ENDALÉCIO, 2013, p. 17). A salvação para esse problema, no Brasil, poderia vir de São Paulo, destino dos imigrantes, que trariam sangue “superior”. Ao mesmo tempo em que sugere que o cruzamento racial gera deformações físicas e de caráter, o autor aponta uma solução para este problema por meio da entrada de sangue do Velho Mundo.

Relembrando Nietzsche, Miss Jane revela pensar para além do bem e do mal: “Não há mal nem bem no jogo das forças cósmicas”. Conclui: “O ódio desabrocha tantas maravilhas quanto o amor. O amor matou no Brasil a possibilidade de uma suprema expressão biológica. O ódio criou na America a gloria do eugenismo humano...” (LOBATO, 1956c, p. 207). O uso do termo “ódio” para caracterizar a relação racial nos Estados Unidos chama a atenção, e pode ser colocada em perspectiva, se nos remetermos a uma carta enviada a Artur Neiva, em 1928:

Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é paiz perdido para altos destinos. André Siegfried⁵⁶ resume numa phrase as duas attitudes. 'Nós defendemos o front da raça branca - diz o

⁵⁶ André Siegfried (1875-1959) foi um intelectual francês, famoso por escrever sobre política e vida social na Grã-Bretanha e América do Norte.

Sul - e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brazil.' Um dia se fará justiça ao Klux Klan; tivéssemos ahi uma defeza desta ordem, que mantem o negro no seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca - mulatinho fazendo o jogo do gallego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destróe a capacidade constructiva (LOBATO, 1928).

Em fins da década de 1920, é muito difícil argumentar que o autor, que já estava nos Estados Unidos, desconhecia as atrocidades e violências cometidas pelo grupo supremacista citado. O fato de Lobato associar a incompetência da imprensa carioca à constituição racial de seus trabalhadores, é um evidente sinal de racismo. Em um trecho imediatamente anterior ao exposto, podemos ler a expressão “*feeble-minded*”, que é usada para caracterizar indivíduos diagnosticados com doenças mentais, principalmente no vocabulário eugenista. No caso “*Buck vs Bell*”, que já mencionamos, ele é utilizado na sentença que condenou Carrie Buck à esterilização compulsória (ESTADOS UNIDOS, 1927).

Na narrativa distópica de “O Choque das Raças”, os negros haviam se submetido a tratamentos estéticos, e em sua cor de pele eram todos igualmente brancos. O autor menciona, ainda, que a maior vontade da população negra era trocar de cabelo, para assemelhar-se, enfim em totalidade física, ao branco. Além disso, as duas raças disputavam a melhor solução para o problema racial do país: dividi-lo geograficamente em dois, como propunham os primeiros, ou “exportar” todos os negros para o vale do Amazonas⁵⁷, como desejavam os últimos: "A permanencia no mesmo territorio de duas raças dispares e infusíveis perturbava a felicidade nacional" (LOBATO, 1956c, p. 238).

O autor menciona Francis Galton, e indica que a elite pensante, nesta América futurista, aderiu aos princípios eugenistas, controlando a natalidade e evitando a reprodução desenfreada. Descreve, ainda, o funcionamento do Ministério da Seleção Artificial, órgão elaborado para zelar pela qualidade da raça. O argumento da personagem Miss Jane é que

⁵⁷ Houve tentativas, por parte do governo estadunidense, especialmente durante os anos que cercam a Guerra Civil (1861-1865), de efetivar um programa de imigração em massa dos negros libertos para a região amazônica (Cf. HORNE, 2010). Nas primeiras décadas do século XX, como se pode verificar pelos jornais da época, havia uma preocupação de que algo semelhante viesse a acontecer. Motivo central da rejeição seria a alegada postura “inassimilável” dos negros americanos (Cf. A NOITE, 1921).

Entre cortar no início o fio da vida a uma posta de carne sem sombra de consciência e deixar que dela saía o ser conciente que vai vegetar anos e anos na horrível categoria dos 'desgraçados', a crueldade está no segundo processo. A lei espartana reduziu praticamente a zero o número dos desgraçados por defeito físico. Restavam os desgraçados por defeito mental [...]. Esses foram impedidos de se reproduzirem [...] (LOBATO, 1956c, p. 212).

Outras características⁵⁸ destes Estados Unidos também são mencionadas: as mulheres haviam alcançado a igualdade cultural e social e os índios haviam sido extintos. A história chega ao seu ponto principal quando as eleições para presidência começam a ser descritas. Tradicionalmente, as mulheres tinham sua própria candidata, e os negros votavam com os homens brancos. Dessa vez, todavia, quando do anúncio do resultado da eleição, uma surpresa: o líder dos negros, Jim Roy, havia vencido (LOBATO, 1956c).

A vitória inesperada resultou em uma corrida das mulheres em direção aos homens brancos, visando unir-se para salvar a raça. Em um encontro entre os líderes negro e branco, retomadas memoriais do passado escravista e da luta por sua liberdade são trazidas à tona. O clima tenso é revelado nas palavras do condutor do Partido Masculino, que afirma que, para além das razões de Estado, existem também razões de raça, e estas não raciocinam, são frias e cruéis (LOBATO, 1956c). A longa conversa foi terminada com um abraço, precedido pela impactante afirmação do líder branco: “Acima da América está o sangue” (LOBATO, 1956c, p. 272).

Os opositores passam então a desdobrar-se em esforços para impedir a ascensão do partido e do líder eleitos. Temiam a divisão da América, coisa que consideravam um crime. A solução encontrada pela associação das mentes de homens e mulheres brancos seria uma só: a de oferecer o alisamento do cabelo negro, e, com isso, secretamente retirar a fertilidade daqueles que adotassem tal tratamento.

A alternativa da esterilização para o caso dos Estados Unidos foi mencionada por Kehl (1929c) em um artigo publicado no Boletim de Eugenia na edição de junho/julho de 1929, poucos anos após a publicação do “Choque”. Na ocasião, o farmacêutico citou o

⁵⁸ São notáveis algumas aproximações entre estes escritos de Lobato e a obra *Brave New World*, de Aldous Huxley, traduzida como *Admirável Mundo Novo*, e originalmente publicada em 1932. Vê-se, na obra do inglês, uma sociedade também distópica, na qual a ciência era vista como caminho inequívoco para o progresso. Premissas éticas e crenças religiosas são tidas, neste ambiente, como símbolos do atraso.

livro de Paulo Prado, “O Retrato do Brasil”: “Na sua complexidade o problema estadunidense não tem solução, dizem os cientistas americanos, a não ser que se recorra à esterilização do negro” (PRADO, 1981, p. 138–139). Prado é elogiado por Lobato em carta enviada a Kehl, no mês de outubro do mesmo ano. Possivelmente o taubateano já tinha a referida edição do Boletim em mãos⁵⁹: “O livro do Prado é terrível, é retrato fidelíssimo. Prado portanto deve estar muito mal visto. Falar a verdade passou a ser crime entre nós. Voce vae-lhe nas aguas. Diz tudo o que é preciso dizer. Cuidado! Elles acabam te linchando” (LOBATO, 1929).

No mesmo livro citado, Paulo Prado (1981, p. 137) escreveria que “o que se chama a arianização do habitante do Brasil é um fato de observação diária [...]. E assim, no cruzamento contínuo da nossa vida [...] o negro desaparece aos poucos.” Destaca-se que o autor, tomado em alta conta por Lobato e Kehl, assumia como verdadeiro o processo de branqueamento. Diferente, no entanto, do que se vê em outros defensores desta tese, não fica claro se Prado considera tal desenvolvimento uma característica inteiramente positiva. O contraste entre a “solução” americana – leia-se segregação – e a “solução” brasileira – ou seja, “assimilação” –, era artifício comum entre os intelectuais que assumiam a tese do branqueamento (SKIDMORE, 1992).

As dúvidas que pudessem sondar o futuro racial do Brasil durante as primeiras décadas do século XX, não se efetivavam nos EUA futurístico. O ideal de “super-civilização ariana” estava desabrochando, e através do “manso ponto final étnico”, a “esplendorosa florescencia do homem branco” poderia, enfim, acontecer (LOBATO, 1956c, p. 323). Quando recebeu, surpreso, a informação sobre a inesperada consequência do tratamento estético, Jim Roy foi tomado por profunda tristeza, amanhecendo morto em seu gabinete. Submetido ao ódio racial, o primeiro presidente negro não adentrou a Casa Branca.

⁵⁹ As cartas analisadas indicam que Kehl enviava, com frequência, volumes do Boletim para o escritor paulista.

3.5 Monteiro Lobato e Mr. Slang na América

Em 1927, Mr. Slang, já mencionado neste texto, surge nas páginas de Lobato. Ainda na primeira aparição, em “Mr. Slang e o Brasil”, torna-se possível observar que ele é uma espécie de *alter ego* do escritor, compartilhando com este seu ceticismo, a admiração por Rui Barbosa - que era entusiasta da higiene e da educação -, a crítica aos jornais brasileiros, a ode à eficiência de Henry Ford, e a atração pelo pensamento nietzschiano (Cf. LOBATO, 1966). É no segundo texto, de 1932, intitulado “América”, no entanto, que podemos observar uma síntese dos pensamentos do autor, e a reintrodução de temas abordados em “O Presidente Negro”.

Em seu cerne, o livro procura desenhar a importância da “eficiência” para a formação dos Estados Unidos. Neste momento, já profundamente tocado pelas potencialidades da indústria, Lobato procura estimular uma visão positiva a respeito do padrão de vida norte-americano. É interessante notar que tal postura se dá num momento de crise do capitalismo internacional, manifestada pela Grande Depressão, em 1929, que faz, inclusive, que o escritor perca o dinheiro que havia investido na bolsa de valores de Nova Iorque (CAVALHEIRO, 1962b).

Reaparece, em “América”, uma constatação que, em carta ao amigo Rangel, datada de 1925, o autor já havia feito: “não tenho o índio ou o negro na alma. O tropicalismo me parece coisa de índio e negro da África” (LOBATO, 1961a, p. 283). Seguindo raciocínio semelhante, Mr. Slang expõe, nas páginas deste texto, sua teoria de que “apenas encontram encantos num país tropical o bugre e o negro d’África” (LOBATO, 1966, p. 94). É notável que Lobato (1961a, p. 302) tenha sido bastante assertivo ao confessar, mais de uma vez (Cf. LOBATO, 1964c, p. 200), que ele era um “peixe que esteve fora d’água desde 1882 [...], e só agora caiu nela. Isso aqui é o mar do peixe Lobato”. Identificando-se com os Estados Unidos, ele acaba utilizando-o como referencial para seus olhares sobre o Brasil.

O tema da Eugenia é materializado neste texto, dentre outras formas, através da crítica à ideia de caridade. O narrador e Mr. Slang afirmam que a solução científica para os “aleijados e cegos e órfãos” é o fim das atitudes piedosas, que são a razão pela qual indivíduos imperfeitos permanecem vivos. Apenas através da ação da “química e da eugenia” a inútil ideia da caridade poderá ser superada (LOBATO, 1966, p. 37). A crítica

à caridade é pauta comum no movimento eugenista, como se vê, por exemplo, em Renato Kehl, que considera uma infelicidade que: “via de regra, procura-se tudo favorecer aos medíocres, aos doentes, aos incapazes, que por isso conseguem vencer [...]” (KEHL, 1931, p. 1).

As observações do historiador inglês Henry Thomas Buckle (1821-1862), sobre o Brasil, foram reverenciadas em seu contexto, pois legitimavam um determinismo de caráter geográfico: “Grande é o fluxo e a abundância de vida pela qual o Brasil é marcado, sobre todos os outros países da terra” (BUCKLE, 1884, p. 75). Observa o autor, todavia, que: “em meio a tanta pompa e esplendor da natureza, nenhum espaço sobrou para o Homem”⁶⁰. Em “América”, o tema é mencionado, e a superioridade da Europa e dos Estados Unidos é reafirmada, partindo da ideia de que, pelo fato de não haverem épocas de frio intenso nas terras do sul, o brasileiro não se preocupava com excedentes produtivos, sempre cultivando o mínimo possível para sua sobrevivência (LOBATO, 1966).

A noção de purificação, estruturante no ideário racista, é acessada também neste livro. Após contar o caso da mulher que se separou do marido por descobrir que em seu sangue corria sangue africano, o inglês responde a interpelação horrorizada do narrador, que lhe questiona se não julga tal atitude odiosa: “Não sei se não será isto um instinto da raça que se defende. Cruel, confesso. Crudelissimo, neste caso”, e completa com um trecho que lembra o discurso do líder branco, de “O Presidente Negro”: “Mas os altos interesses da pureza da raça não estarão acima dos pequeninos interesses do indivíduo?” (LOBATO, 1966, p. 203). Essa era a perspectiva adotada por muitos eugenistas norte-americanos, ingleses e alemães (KEVLES, 1995; BLACK, 2003). Seria essa a “filosofia horrível”, mencionada no trecho suprimido de 1908?

É de se suspeitar que a ideia de que todos os negros americanos tivessem se tornado “brancos”, em termos físicos, pode ser uma referência à noção de branqueamento, já aqui discutida. Assim, Lobato poderia estar insinuando que, por mais brancos que fossem os mulatos, eles nunca seriam puros, como os arianos. Na história resumida no parágrafo anterior, detalhe importante é que mulher e marido estavam juntos já há cinco

⁶⁰ Buckle influenciou vários nomes da intelectualidade nacional, tais como Silvio Romero, Euclides da Cunha e Capistrano de Abreu, como revela Luciana Murari (2007, p. 66–67). Nota-se ainda que tal noção já está presente em *Urupês* (Cf. LOBATO, 2014a, p. 176), e foi apropriada de forma crítica em alguns dos artigos de *Problema Vital* (Cf. LOBATO, 1956a).

anos, e esta não desconfiava que seu cônjuge tivesse qualquer elemento negro em seu sangue. Como Kehl, é plausível que o taubateano, ao assumir uma leitura mendeliana de hereditariedade, compreendesse que traços típicos de uma raça pudessem permanecer “escondidos” na constituição genética individual.

A “civilização americana” é superior na medida em que se aproxima da natureza, da “satisfação normal dos seus ‘urges’ orgânicos” (LOBATO, 1966, p. 208). Contribuem para este processo o desenvolvimento da ciência da higiene, que podemos entender aqui como a propagação de medidas de cunho sanitarista. “Mas não basta a higiene. Temos de chegar á Eugenia”⁶¹ (LOBATO, 1966, p. 208), assevera Mr. Slang. O “homem de amanhã”, perfeito, será construído a partir da ação da ciência. Para isso é preciso superar os limites morais do cristianismo, pois o “avanço da Eugenia se faz em progressão diretamente proporcional ao retrocesso da religião” (LOBATO, 1966, p. 208).

Retomamos a carta de 1908, buscando agora conciliar o excerto suprimido com um trecho que ainda pode ser encontrado nas edições mais recentes de “A Barca de Gleyre”. Antes de condenar a feiura da degenerescência gerada pela mestiçagem, Lobato acusa o cristianismo de ter fundado um “culto ao feio”. Em “América”, Mr. Slang afirma que sempre se impressionou “com a feiura que trouxe para a humanidade a religião e as morais saídas da religião” (LOBATO, 1966, p. 208). O desprezo da matéria e do corpo, assentado nas doutrinas cristãs durante a Idade Média, é criticado na sequência. Posição de semelhante teor é tomada por Renato Kehl, em 1929 (*apud* CARVALHO, 2014, p. 58), que considera aquele momento histórico como um período de “trevas e humilhação do corpo”.

Apesar de ser uma apologia aos Estados Unidos, o texto de “América” também direciona algumas críticas aos norte-americanos, a começar pela censura, motivada pela cultura puritana. Ela seria a responsável por estabelecer limites ao cinema, que ainda não havia revelado sua máxima expressão (LOBATO, 1966, p. 138). Outro problema que Mr. Slang diagnosticava nos EUA era a crescente influência das mulheres, derivada diretamente das vitórias do feminismo (LOBATO, 1966, p. 185). Por fim, destaca os

⁶¹ Tal afirmação é feita também por Renato Kehl, no trecho de seu discurso no Primeiro Congresso de Eugenia que aqui mencionamos. É interessante notar que Lobato entrou em contato com este texto, já que admite, em carta a Kehl, ter recebido a conferência realizada por ele no evento (LOBATO, 1929).

males do consumo desenfreado, um dos excessos da realidade capitalista (LOBATO, 1966, p. 261).

A discussão entre o inglês e o narrador se desenvolve, a partir daí, para uma exposição a respeito da importância do petróleo e do ferro para a garantia do desenvolvimento do Brasil. Estes dois temas, aliás, ocupariam o resto da vida de Monteiro Lobato. A mudança de foco do autor, neste momento, parece estar associada a uma busca por outros caminhos para a construção de um país e de uma nacionalidade. Apesar de ter se mantido na luta pelo progresso brasileiro, o autor voltou poucas vezes, desde então, aos preceitos eugenistas. Assim, seu projeto de Brasil parece ter se deslocado, mais definitivamente, do tipo humano para as condições políticas, culturais, educacionais e econômicas da nação (Cf. LOBATO, 1955).

3.6 Considerações Finais

Uma investigação é sempre construída a partir de uma seleção de fontes. A exposição em série de excertos que trazem menções a temas tão polêmicos quanto estes, não obstante, pode fazer parecer que há uma predominância deste tipo de discussão nos escritos de Monteiro Lobato. Estaríamos equivocados se assim afirmássemos. Mesmo nas cartas acessadas, trocadas entre o escritor e seus interlocutores na ciência, especialmente Renato Kehl e Artur Neiva, este assunto não ocupa a maior parte das linhas. Quando não está falando dos negócios de sua editora, como acontece nas correspondências com o primeiro, Lobato procura persuasivamente ganhar a atenção do segundo para seu projeto das indústrias do petróleo e do ferro no Brasil.

O fato é que o autor construiu sua vida intelectual em um ambiente evolucionista. O extravasamento deste paradigma para as estruturas sociais, tornou natural para alguns intelectuais concluir que a ideia de uma “igualdade” entre os homens fosse tão absurda quanto uma igualdade entre diferentes espécies de animais. Em uma anotação, provavelmente de 1932, Lobato escreveu: “sendo o homem um perfeito animal, submetido às mesmas leis biológicas que o evolucionismo estabeleceu [...], seria supinamente ridículo que as aplicássemos a todos os seres, com exceção apenas do homem.” (LOBATO, 1964a, p. 187). No mesmo texto, ainda afirma: “Assim, um

bechuana (negro do Sul da África) assemelha-se intelectual e moralmente, muito mais a um gorila do que, naturalmente, a um holandês ou italiano” (LOBATO, 1964a, p. 187).

A redenção do Jeca Tatu, depois da publicação de “Problema Vital”, não foi mais questionada pelo autor. Em 1947, inclusive, ele reforçaria a transposição da culpa, atribuída em “Urupês” ao caboclo, para as estruturas sociais e políticas, com a publicação de “Zé Brasil”, livreto em que defende, entre outras coisas, a Reforma Agrária. Não há, no entanto, redenção do indígena ou do negro. É possível dizer que a esperança de que a ciência fosse capaz de alterar o destino humano, foi projetada com mais ênfase quando a população-alvo era fruto das relações entre europeus e indígenas: características paulistas, constituição ideal do bandeirante.

É notável também que a discussão de “O Presidente Negro” não é sobre o Jeca, como foi parte considerável dos escritos de Lobato. Falar do caboclo não faria sentido se o objetivo fosse ganhar dinheiro no mercado de livros estadunidense. No “Choque”, encontramos a luta entre brancos e negros, e não entre o caipira e seus parasitas. Mas o Jeca, escreve Lobato (2014a, p. 171), está entre o “aborígene de tabuinha no beijo” e o “estrangeiro recente”. Disso emerge um questionamento referente ao papel do negro no projeto de Brasil delineado de maneira tão dinâmica no conjunto da obra do escritor paulista.

Nos parece um equívoco afirmar, de maneira açodada, que o autor defendia a aplicação do método da “raça branca” à realidade brasileira. É questionável também, se o único trecho em que há um reclame tão claro pela violência de raça, é suficiente para que enquadremos o autor em um movimento terrorista como a KKK, ou mesmo argumentemos que eleurgia pela eliminação dos negros. Se poucas linhas fossem suficientes para comprovar algo, a depender dos recortes escolhidos nas obras de Lobato, poderíamos sustentar que ele era, ao mesmo tempo, comunista, liberal e monarquista, pois há farto material para cada uma dessas insinuações.

A dureza dessa temática não impede que afirmemos, no entanto, que o escritor conhecia o movimento eugenista e dominava alguns de seus preceitos centrais, expostos já em “O Presidente Negro”. Também é perceptível que ele havia entrado em contato com o material que se produzia nos Estados Unidos, uma vez que desanimou Kehl – mesmo reconhecendo nele uma figura fundamental do eugenismo brasileiro - a tentar publicar

sua obra nos EUA, porque “não pode haver paiz onde a eugenia esteja mais proclamada, estudada, praticada, ‘livrada’ do que este” (LOBATO, 1929).

O alinhamento com Kehl e Neiva, bem como a menção elogiosa a Paulo Prado, permite esboçar uma hipótese sobre a questão racial em Lobato. Assim como o indígena é diluído na figura do caipira, que, por sua vez, é redimido pela ciência, as discussões aqui realizadas abrem espaço para que se vislumbre uma identidade nacional ligada, senão ao antigo projeto de branqueamento, pelo menos a uma noção de homogeneidade demográfica. Uma leitura, como a feita por Prado, de que o processo de miscigenação é inevitável, também possibilita entender o porquê de o autor recorrer pouco à temática racial em seus escritos mais tardios: seu pragmatismo o impediria de empreender esforços sobre questões já determinadas.

De uma ou de outra forma, Monteiro Lobato buscava soluções para o país. As influências que recebeu, das teorias científicas que lhe foram contemporâneas, moldaram parte de suas posturas nesta empreitada. É razoável reconhecer preceitos eugenistas e posicionamentos racistas nos escritos lobatianos. Não é possível esclarecer, todavia, a profundidade do comprometimento prático do autor com a manipulação da reprodução humana em prol de um projeto biológico normativo de homem nacional. Em primeiro lugar porque o véu da ficção ofusca, nos textos mais explícitos, posições objetivas. Em segundo lugar porque a vida militante do escritor, comprometida com a construção de um país e de uma população trabalhadora, saudável e consciente, pautou-se na luta contra a pobreza através da modernização produtiva. Nesta batalha, seus principais inimigos eram brancos, biologicamente “adequados”, e poderosos.

3.7 Referências

A NOITE. A campanha infamante do “Brazilian American Colonisation Syndicate”. **A Noite**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1921. Capa, p. 1.

ANTONIOS, Nathalie; RAUP, Christina. **Buck v. Bell (1927)**. Disponível em: <https://embryo.asu.edu/pages/buck-v-bell-1927>. Acesso em: 4 abr. 2019.

BLACK, Edwin. **A Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante**. São Paulo: A Girafa, 2003.

BUCKLE, Henry Thomas. **History of Civilization in England**. Nova Iorque: D. Appleton and Company, 1884. v. 1.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua. O Resgate dos Antigos para A Propaganda da Eugenia de Renato Kehl em Lições de Eugenia (1929). **Geografia e Pesquisa**, v. 7, n. 2, 19 set. 2014. Disponível em: <http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/167>. Acesso em: 22 dez. 2019.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962a. v. 1.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962b. v. 2.

DE SOUZA, Leonardo Cruz; SALGADO, Ana Carolina Sarquis; DAKER, Maurício Viotti; CARDOSO, Francisco; TEIXEIRA, Antônio Lúcio. A poética de Augusto dos Anjos e a neuropsiquiatria no fim de siècle. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 25, n. 1, p. 163–179, mar. 2018.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura**. São Paulo: Contexto, 2007.

ENDALÉCIO, Raquel Nunes. **A (re) Construção do mundo clássico na obra de Monteiro Lobato: fontes e procedimentos**. 2013. Dissertação de Mestrado (Estudos Brasileiros) - Universidade de São Paulo (USP). Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/dissertacoes-teses/82668/a-re-construcao-do-mundo-classico-na-obra-de-monteiro-lobato>. Acesso em: 13 dez. 2019.

ESTADOS UNIDOS. Suprema Corte dos Estados Unidos. **Buck v. Bell, 274 U.S. 200**, 1927. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/usrep274200/>. Acesso em: 05 mar. 2018.

GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development**. Nova Iorque: Macmillan and Co, 1883.

GALTON, Francis. **Hereditary Genius: An Inquiry into its laws and consequences**. 2. ed. Londres: Macmillan and Co, 1892.

HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. “Pouca saúde e muita saúva”: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: ARMUS, Diego; HOCHMAN, Gilberto (Org.). **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. p. 493–534.

HORNE, Gerald. **O Sul mais distante: Os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEHL, Renato. A Eugenia no Brasil. In: COUTO, M. (Ed.). **Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia - Actas e Trabalhos**. Rio de Janeiro: [s.n.], p. 45–62.

KEHL, Renato. O nosso boletim. **Boletim de Eugenia**, v. 1, n. 1, jan. 1929b.

- KEHL, Renato. Questões de Raça. **Boletim de Eugenia**, n. 6–7, jul. 1929c.
- KEHL, Renato. Os erros da filantropia: filantropia contra-seletiva. **Boletim de Eugenia**, n. 32, p. 1, ago. 1931.
- KEVLES, Daniel J. **In the name of eugenics: genetics and the uses of human heredity**. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- LIGA BRASILEIRA DE HYGIENE MENTAL. Estatutos da Liga Brasileira de Hygiene Mental. **Archivos Brasileiros de Hygiene Mental**, v. 1, n. 1, p. 223–234, 1925.
- LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. *In*: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. p. 23–40.
- LOBATO, Monteiro. **Correspondência a Renato Kehl**. [1926 ou 1927], Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD-COC.
- LOBATO, Monteiro. **Correspondência a Artur Neiva**, [1926]. Arquivo Artur Neiva – CPDOC-FGV.
- LOBATO, Monteiro. **Correspondência a Renato Kehl**, 8 jul. 1929. Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD-COC.
- LOBATO, Monteiro. **Correspondência a Renato Kehl**, 6 abr. 1918. Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD-COC.
- LOBATO, Monteiro. **Correspondência a Artur Neiva**, 10 abr. 1928. Arquivo Artur Neiva – CPDOC-FGV.
- LOBATO, Monteiro. **Correspondência a Renato Kehl**, 9 out. 1929, Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD-COC.
- LOBATO, Monteiro. **O Escândalo do Petróleo e do Ferro**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955.
- LOBATO, Monteiro. Problema Vital. *In*: LOBATO, M. **Mr Slang e o Brasil e Problema Vital**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956c. p. 223–329.
- LOBATO, Monteiro. Mr. Slang e o Brasil. *In*: LOBATO, M. **Mr Slang e o Brasil e Problema Vital**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956c. p. 5–126.
- LOBATO, Monteiro. O Presidente Negro. *In*: LOBATO, M. **A Onda Verde e O Presidente Negro**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956b. p. 125–324.
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. v. 2.
- LOBATO, Monteiro. **Literatura do Minarete**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b.
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961c. v. 1.

- LOBATO, Monteiro. **Conferências, Artigos e Crônicas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964a.
- LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964b. v. 1.
- LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964c. v. 2.
- LOBATO, Monteiro. **America**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- LOBATO, Monteiro. Urupês. *In*: LOBATO, M. **Contos Completos**. 1. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014a. p. 37–191.
- LOBATO, Monteiro. Negrinha. *In*: LOBATO, M. **Contos Completos**. 1. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014b. p. 339–518.
- MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de. O Jeca e a Cozinheira: Raça e Racismo em Monteiro Lobato. **Revista de Sociologia e Política**, n. 08, p. 99–112, 1997.
- MURARI, Luciana. “**Brasil, ficção geográfica**”: ciência e nacionalidade no país d’Os Sertões. Belo Horizonte: FAPEMIG, 2007.
- NOGUEIRA, Eloisa Alves. **O eu e o outro**: o legado de dois pais contado por Machado de Assis e Godofredo Rangel. 2017. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6564>. Acesso em: 4 ago. 2019.
- PENNA, Belisário. Saneamento dos sertões I. **Correio da Manhã**, p. 2, 17 nov. 1916.
- PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 1981.
- ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas sobre os typos anthropologicos do Brasil. *In*: COUTO, M. (Ed.). **Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia - Actas e Trabalhos**. Rio de Janeiro: [s.n.], p. 119–148.
- SANTOS, Ricardo Augusto dos. O Manifesto Eugenista. *In*: PENNA, Antonio Gomes (Org.). **Manifestos Políticos do Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008. p. 53–63.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil; 1870 - 1930**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SKIDMORE, Thomas E. **Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought**. Durham: Duke University Press Books, 1992.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **A política biológica como projeto: a eugenia negativa e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)**, 2006. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6134>. Acesso em: 12 maio. 2018.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As Idéias Eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entre-guerras. **História em Reflexão**, v. 6, p. 1–23, jan. 2012.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 23, n. 1, p. 93–110, dez. 2016.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. *In*: HOCHMAN, G.; ARMUS, D. (Ed.). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. p. 331–391.

TAMANO, Luana Tiekko Omena; DOS SANTOS, Poliana; MAGALHAES, Gildo; MARTINS, Ana Cláudia Aymoré. O cientificismo das teorias raciais em O cortiço e Canaã. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 18, n. 3, p. 757–774, set. 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Imperfect garden**: the legacy of humanism. Princeton: Princeton University Press, 2002.

TURDA, Marius. **Modernism and eugenics**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2010.

4 “VADE TECUM”: ENLACES EUGENISTAS ENTRE MONTEIRO LOBATO E FRIEDRICH NIETZSCHE

RESUMO: Monteiro Lobato foi um leitor de Friedrich Nietzsche. Recomendou e emprestou os livros do filósofo aos amigos, citou e incorporou afirmações dele em seus livros e cartas, bem como declarou ser ele o maior gênio da filosofia moderna. Lobato e Nietzsche viveram em um contexto de ascensão do pensamento biológico, em especial das teorias degeneracionistas, e desenvolvimento da Eugenia. Dentre as ideias propostas no artigo, afirmamos que Monteiro Lobato apropriou-se de Nietzsche através de uma leitura influenciada por estes conceitos. O escritor, como o filósofo alemão, manifestou-se, de formas distintas, em favor do controle da reprodução humana em benefício de uma imagem normativa de homem. Apesar disso, ressaltamos que Lobato não se entregou totalmente ao pensamento nietzscheano, mantendo uma visão positiva do progresso, e manifestando-se favorável a expansão de medidas profiláticas e terapêuticas, além de ter mantido em alta conta os médicos sanitaristas, por seu papel atenuante na miséria nacional.

Palavras-chave: Eugenia; Friedrich Nietzsche; Monteiro Lobato; O Presidente Negro;

4.1 Introdução

A noção de que a humanidade seguia em decadência era defendida por vários intelectuais nos séculos XIX e XX⁶², e pode ser ilustrada por algumas das primeiras palavras da obra “A desigualdade das raças humanas”, de Arthur de Gobineau⁶³ (1915, p. 2–3): “Nós modernos somos os primeiros a reconhecer que toda associação de homens, junto com o tipo de cultura por eles produzida, está condenada a perecer. Épocas anteriores não acreditavam nisso”⁶⁴. O demérito dos governos, o fanatismo, a luxúria e o ateísmo, argumentava Gobineau, não são as causas da decadência das civilizações, senão consequências de um fator fundamental: a degenerescência racial, gerada pela

⁶² Podemos citar por exemplo Bénédict Augustin Morel, psiquiatra francês que escreveu uma das obras centrais da teoria da degeneração, *Traité des Dégénérescences* (1857). Além dele, destacam-se Louis Agassiz (1807-1873), Gustave Le Bon (1841-1931) e Max Nordau (1849-1923).

⁶³ Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882) foi um diplomata e escritor. Esteve no Brasil em 1869, retornando ao velho continente no ano seguinte. Tornou-se correspondente, por vários anos, do Imperador Dom Pedro II. Sua mais conhecida obra é a que citamos.

⁶⁴ No original: “We moderns are the first to have recognized that every assemblage of men, together with the kind of culture it produces, is doomed to perish. Former ages did not believe this.”

miscigenação. Essa conclusão era válida especialmente para países cuja população fosse, portanto, como no caso do Brasil, formada por um amálgama de distintos grupos étnicos.

Por outro lado, durante a Primeira República (1889-1930) brasileira, o movimento sanitário colocava em xeque, através da publicação de relatórios e artigos em jornais de ampla circulação, algumas das premissas destes pensadores. A constatação, nas palavras de Miguel Couto (*apud* LIMA; HOCHMAN, 1996, p. 24), de que “o Brasil é um imenso hospital”, constituiu uma saída para o que o olhar estrangeiro considerava uma condenação. Rompendo com o diagnóstico determinista, os médicos passaram a acusar a falta de investimentos governamentais, na área da saúde pública, como questão central a ser resolvida (LIMA; HOCHMAN, 1996).

Monteiro Lobato (1882-1948), escritor paulista, sintetiza parte desta discussão, já que reflete a transição de uma visão determinista do caipira para uma abordagem sanitária. Ainda que em um primeiro momento considerasse o Jeca um ser sem potencial, por sua preguiça, improdutividade e indolência (LOBATO, 2014a), a visão de país exposta pelas viagens promovidas pelo Instituto de Oswaldo Cruz, esvaziaria o caboclo da culpa por sua condição, e revelaria o caminho para a redenção daquele que o autor agora consideraria capaz de se tornar tal qual um europeu (LOBATO, 1956a). Neste movimento podemos perceber que a fé na ciência permitiu a construção de uma nova expectativa de progresso para o país.

Além do sanitário, também se desenvolveu, principalmente a partir de fins da década de 1910, um outro conjunto de ideias no país: a Eugenia. O termo foi criado por Francis Galton (1822-1911). Com ele, o cientista britânico pretendia nomear a ciência “que lida com todas as influências que melhoram as qualidades inatas de uma raça; também com aquelas que a desenvolvem de maneira mais vantajosa”⁶⁵ (GALTON, 1909, p. 35). Influenciado pelos escritos de seu primo, Charles Darwin (1809-1882), que havia consolidado a perspectiva evolucionista, Galton defendia uma seleção deliberada de parceiros sexuais, para garantir a procriação de seres humanos da melhor estirpe, e assim permitir o avanço da qualidade biológica da humanidade (GALTON, 1892). Cabe observar, no entanto, que princípios eugenistas e sanitários confundiram-se ao longo da trajetória da saúde pública brasileira (STEPAN, 2004).

⁶⁵ No original: “[...] which deals with all the influences that improve the inborn qualities of a race; also with those that develop them to the utmost advantage.”

Não só médicos, mas também literatos, advogados e outros membros da intelectualidade brasileira, aproveitavam o momento para se reafirmarem como agentes na formação da identidade nacional (SEVCENKO, 1995), em um momento de articulação entre rupturas e continuidades, que foram também motivadas pelo processo de reorganização política. De acordo com Nicolau Sevcenko (1995, p. 78), “os intelectuais brasileiros voltaram-se para o fluxo cultural europeu como a verdadeira, única e definitiva tábua de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades”.

Este é o ambiente que os escritos de Nietzsche encontram ao adentrar o Brasil. Parte dessa elite, preocupada com a construção de uma nação, se apropriou dos escritos nietzschianos para compor seu projeto de identidade. Se de um lado certos progressistas viam no filósofo um caminho para a superação do atraso, de outro, alguns reacionários o adotavam como símbolo de uma resistência à modernidade. A recepção brasileira de Nietzsche, dessa forma, abre-se para distintas interpretações e olhares.

Lobato foi um leitor de Friedrich Nietzsche, como nos revelam suas cartas já do início do século XX, onde apresentava o filósofo como uma personalidade rara e excepcional. Este artigo procura discutir de que maneira os escritos de Nietzsche influenciaram o escritor paulista, principalmente no que tange às discussões científicas - que nos anos que remontam a vida destes dois homens, tinham ampla influência. Para isso, procuramos delinear parte dos debates a respeito das relações do filósofo com o pensamento eugenista, sua recepção no Brasil, as diversas menções de Lobato ao seu nome e obra, e, por fim, o que chamamos aqui de “enlaces” entre estes intelectuais.

4.2 Nietzsche no Brasil

Os autores dos poucos trabalhos que se dedicaram a estudar a recepção de Nietzsche no Brasil são praticamente unânimes em afirmar que esta área ainda enfrenta uma notável escassez (MARTON, 2009; LOMEU, 2013; DIAS, 2015; RUBIRA, 2016). Apesar disso, a partir da análise da produção destes pesquisadores, é possível indicar que Nietzsche foi bem recebido por uma grande parcela dos intelectuais brasileiros, ganhando diferentes tonalidades, desde uma associação aos canais ligados a uma orientação

progressista e disruptiva (DIAS, 2015, p. 89), até uma apropriação pelos indivíduos pertencentes não só ao conservadorismo, mas também ao reacionarismo (DIAS, 2015, p. 95).

A inserção deste pensador nas terras brasileiras se dá no período de formação da República, ou seja, em um contexto marcado pela consolidação do campo científico, disputas por projetos nacionais, culturais e estéticos, e intensificação do modelo de vida urbano e industrial. Foi, portanto, uma oportunidade para diversos atores reivindicarem suas ideias como justificativas para suas próprias posturas, ou ainda, como síntese do mal que afirmavam combater (LOMEU, 2013, p. 193). É recorrente, desde os primeiros textos dedicados ao filósofo, a afirmação de que ele estava na “moda”, como se vê, por exemplo, nos artigos de José Veríssimo (2014), de 1903, e de Enrique Paul Almarza (2015), de 1908, o que nos permite sugerir que o autor se encontrava, já no início do novo século, disseminado no meio intelectual nacional.

Um dos conceitos mais explorados pelos autores brasileiros era o do “super-homem”. Em um dos textos pioneiros⁶⁶ sobre o filósofo no Brasil, de autoria de João Ribeiro (1904), escrito em 1896, mas publicado no ano referenciado, vê-se a descrição do “prohomem”, ou “sobre-homem”, como um ser que se coloca fora da moral, imbuído de suas paixões e instintos, agarrado à sua força individual. Esse foi também um dos pontos centrais da crítica de Lima Barreto, de 1914, ao texto de Albertina Bertha, que comparava a ideia nietzschiana de “super-homem” ao paraíso cristão e ao nirvana oriental. Para Barreto, a autora entrava em contradição ao afirmar que um indivíduo dotado de rudeza, excessos egoísticos, e impiedade, poderia ser associado ao universo moral da tradição judaico-cristã ou budista (BARRETO, 2015).

O escritor carioca acusa Nietzsche de ser um dos fundamentos da Primeira Guerra Mundial, e revela que tem “por ele ojeriza pessoal” (BARRETO, 2015, p. 169). É interessante observar que Lima Barreto associa Nietzsche ao capitalismo e a “moral burguesa” dos banqueiros e industriais, dando tons marxistas a sua abordagem. Ele ressalta que os escritos do pensador não são objetivos, e revelam “um apelo à violência, à força, um desprezo pelo refreamento moral, pela bondade, pela caridade, pela piedade,

⁶⁶ Tudo indica que a primeira menção à Nietzsche no Brasil seja de Tobias Barreto, da Faculdade de Direito do Recife, em 1876. O texto lido foi, possivelmente, a *Primeira Consideração Extemporânea*, de 1873. Barreto dominava o idioma alemão, e leu no original (Cf. PANTUZZI, 2016).

até pelo amor que, para ele [...] [é] uma espécie de vinho de bacantes em festas dionisíacas” (BARRETO, 2015, p. 170). Algumas décadas depois, em 1946, Antonio Candido (2013, p. 15–16) escreveria uma apologia a Nietzsche, entendendo-o como complemento necessário a Marx, afirmando que o filósofo havia profetizado a “implacável retidão” dos revolucionários soviéticos, “cuja dureza aparente é, no fundo, amor construtivo pelos homens”.

O texto de Candido, assim como de outros autores dos anos que cercam a ascensão do regime nazista e o pós-guerra, procura articular uma defesa da importância da filosofia de Nietzsche, que vinha sendo associada aos genocídios perpetrados pelo regime de Hitler. Otto Maria Carpeaux, ainda em 1942, assumiu a responsabilidade de discutir vários dos problemas interpretativos que afetaram a imagem do pensador pelo mundo. Profeta que era, nos diz Carpeaux, “ele não podia ser entendido antes do tempo, que é o tempo presente. Nisto reside a sua qualidade profética” (2016, p. 74). Para muitos destes intelectuais, Nietzsche não era causa, senão um cronista do espírito de seu tempo, lançando previsões certeiras sobre alguns dos terríveis fenômenos que vieram a ocorrer.

Como quer que seja, durante a transição do século, a constituição do campo científico passava ainda por sua fase formativa no Brasil, encontrando sustento principalmente nos cursos de Medicina e Direito, esparsamente localizados pelo território do país (SCHWARCZ, 2004). Dentre os cientistas brasileiros há também um certo apreço pelo filósofo alemão. De forma semelhante ao que ocorreu na Inglaterra - *alma mater* da Eugenia -, as ideias de Nietzsche foram vinculadas no Brasil às teorias raciais e evolutivas. Renato Kehl, um dos principais nomes da Eugenia brasileira, com frequência mencionava seu nome, revelando admiração e respeito pelo “gênio” e “profeta da sinceridade” que ele teria sido (KEHL, 1934, p. 61). Em texto originalmente publicado no jornal Correio da Manhã, Oliveira Vianna parafraseia Nietzsche (2003, p. 62), e afirma que “um povo – uma massa social de algumas dezenas de milhões de homens – não é mais do que um meio de que a História se utiliza para a produção de uma pequena elite de typos superiores [...]” (VIANNA, 1935, p. 3).

Pode-se depreender, portanto, que o filósofo foi explorado de diferentes maneiras, sendo utilizado tão diversamente quanto os contextos de seus intérpretes permitiam. É a partir deste prisma que pretendemos indicar as apropriações de Lobato da obra nietzschiana. Vale, no entanto, antecipar, que alguns dos aspectos valorizados pelo

escritor paulista em Nietzsche foram notados, no Brasil, já em 1893. Rejeitando as conclusões do filósofo, Julio Erasmo (2015, p. 105, grifos do autor) sintetizava sua leitura:

Devido à filantropia e higiene, os fracos, os imbecis, os doentes, mal constituídos, aleijados, vivem, reproduzem-se, e abastardam cada vez mais a triste humanidade. Só o *sobrehomem*, o tipo dos *übermensch*, produto de rigorosa seleção, pode salvar-nos de irremediável decadência e nojenta degradação.

Essa leitura, que opõe Nietzsche à caridade, associando-o a uma posição que pretende instalar no mundo um tipo superior de homem, distante daquele decadente⁶⁷ e degenerado das sociedades cristãs, será abordada no decorrer do texto, quando apresentarmos os enlaces entre Nietzsche e Lobato. Antes disso, lançaremos um olhar geral sobre as aproximações entre o pensador e o universo científico de seu tempo.

4.3 Nietzsche, Seleção e Eugenia

O pensamento de Nietzsche se fundamenta em uma visão aristocrática de mundo, inspirada em Platão (SALANSKIS, 2013, p. 177). Para o filósofo grego, a escolha dos indivíduos que deveriam se reproduzir é condição essencial para o funcionamento correto da República (Cf. PLATÃO, 1987, p. 227). Aos homens restaria uma divisão hierárquica, com uma classe nobre a dominar. Torna-se particularmente relevante perceber que, apesar de não usar o termo “Eugenia”, há pouco criado por Galton, Nietzsche explora a noção presente em sua própria etimologia, isto é: a ideia de uma nobreza de nascimento. Como faz notar Gregor Moore (2002, p. 157), essa nobreza, no entanto, não está relacionada a pureza racial, ou homogeneidade sanguínea.

⁶⁷ A concepção nietzschiana de *decadência* reside parcialmente em Paul Bourget. De acordo com Walter Kaufmann (2011, p. 73), Nietzsche só passa a utilizar o termo após ler a obra deste autor.

Formalmente, Nietzsche se opõe a Darwin⁶⁸. Ele nega a ideia de evolução via seleção natural. Contra essa suposta “seleção”, o filósofo argumentava, está a observação da natureza: a reprodução se dá de maneira aleatória, e tende a preservar um padrão de qualidade que expulsa qualquer indivíduo superior. “Atribuem-se à *seleção natural*, ao mesmo tempo, vagarosas e infinitas metamorfoses: quer-se crer que cada vantagem se transmite e se exprime, de modo cada vez mais forte, nas gerações que se seguem” (NIETZSCHE, 2008, p. 343, grifo do autor)⁶⁹. Essa visão de evolução, acreditava Nietzsche, não leva em conta que os “indivíduos mais díspares unem-se, os extremos misturam-se na massa” (NIETZSCHE, 2008, p. 343). Assim, o resultado da evolução de uma determinada espécie não implica em superioridade frente as gerações antecedentes, porque o caráter coletivo deste processo acaba por favorecer aqueles que preservam a mediocridade (WILSON, 2013, p. 363).

“A influência das ‘circunstâncias externas’ é *supervalorizada* em Darwin até a insensatez”, escreve Nietzsche, e conclui: “o essencial no processo da vida é justamente o poder [*Gewalt*] imensamente configurador, criador de formas a partir de dentro [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 329, grifos do autor). O filósofo chama a atenção para a *vontade de poder*, processo que emana do interior dos indivíduos, e que se sobrepõe à mera *luta pela sobrevivência*. De acordo com Walter Kaufmann (2011) e Catherine Wilson (2013), a cosmovisão nietzschiana é pautada na expansão e dominação, de forma que o organismo não luta apenas para se manter vivo, mas, principalmente, para liberar sua força e exercer seu poder. Os grandes homens, com Sócrates ou Goethe, não buscam se preservar, senão “*dar vazão* a sua força” (NIETZSCHE, 2004a, p. 20, grifo do autor).

Se Darwin estivesse correto, e a evolução gerasse apenas indivíduos superiores, não seria possível que estes pudessem exercer seu domínio sobre os mais fracos, pois não restariam parasitas suficientes para serem subjugados (Cf. NIETZSCHE, 2011). O excesso dos inferiores, que constatava em seus dias, no entanto, colocou-o em alerta. A

⁶⁸ Nietzsche possivelmente não entrou em contato com o texto de Darwin, mas com intérpretes, que colocavam Darwin em uma lógica mais progressionista (Cf. WILSON, 2013; Cf. SALANSKIS, 2018).

⁶⁹ O texto *Der Wille zur Macht*, traduzido comumente por “Vontade de Poder” ou “Vontade de Potência”, é um dos mais polêmicos da trajetória do autor. Sua irmã Elizabeth Förster-Nietzsche, associou-se à movimentos que defendiam a pureza racial ariana, incluindo o nazismo. Ela foi a principal responsável por organizar esta obra póstuma, composta por fragmentos cuja autoria é frequentemente questionada por estudiosos do filósofo (Cf. MARTON, 2006). O texto foi aqui explorado porque foi lido e utilizado por Lobato.

modernidade rompeu o funcionamento natural das disputas entre fracos e fortes. A hierarquia se quebrou, e na estrutura desse fenômeno Nietzsche encontra o cristianismo⁷⁰. Para ele, nem mesmo o evolucionismo darwinista havia alcançado se desvencilhar da carga moral do movimento de Jesus (WILSON, 2013, p. 365). Darwin continuava demasiadamente cristão.

O cristianismo é caracterizado por Nietzsche como uma religião dotada da moral dos fracos, ou dos escravos. Essa moralidade é típica dos indivíduos influenciados pelo *ressentimento*⁷¹. Enraizado no judaísmo, que inverteu os valores aristocráticos, Jesus de Nazaré converteu-se em “evangelho vivo”, se fazendo “‘redentor’ portador da vitória e da bem-aventurança aos pobres, aos doentes e aos pecadores” (NIETZSCHE, 2004b, p. 27). O bom, que antes era idêntico ao nobre, ao poderoso, ao belo e ao feliz, foi reconfigurado, resultando em uma identidade com o sofredor, o miserável e o impotente. O que merecia o desprezo, seria agora visto como digno de amor.

“O que me ocupou mais profundamente foi o problema da *décadence*”, escreveu Nietzsche (2016, p. 9). A centralidade desta questão, como atesta Nicholas D. More (2019), é inegável, e o filósofo alemão é, de fato, o grande referencial desta discussão para a virada dos séculos XIX e XX. A sustentação da lógica da decadência pode ser vista na Teologia Paulina. “Isso me lembra de novo das inestimáveis palavras de Paulo. ‘As coisas *fracas* do mundo, as coisas *tolas* do mundo, as coisas *vis* desse mundo, e as coisas que são desprezadas, Deus as escolheu’”, escreve, citando a primeira carta aos Coríntios, e conclui: “*essa era a fórmula; a decadência foi vitoriosa in hoc signo. – Deus em uma*

⁷⁰ É contra Lutero e a Reforma que Nietzsche lança suas maiores críticas, quando se refere ao cristianismo (Cf. NIETZSCHE, 2005a). Conforme expõe Euler Renato Westphal (2019), Nietzsche contrapõe dois tipos ideais: Dionísio e o Crucificado. Se o primeiro simboliza a vitória da vontade dos fortes, o segundo representa a defesa dos mais fracos.

⁷¹ Para Max Scheler (1994), Nietzsche erra ao interpretar o cristianismo como uma religião do ressentimento. O equívoco estaria localizado em uma confusão conceitual. O autor argumenta que, em oposição ao “amor” da antiguidade greco-romana, bem como aquele dos movimentos humanistas modernos, o “amor” cristão funda-se em uma figura divina que *é* amor em sua essência. Na prática, a tradição cristã coloca o amor em uma esfera espiritual, fora da natureza. Assim, é impossível que ele esteja associado ao desejo de vingança e retaliação que funda o ressentimento. Pelo contrário, a tradição de Jesus, construída ela mesma na plenitude vital, exige o serviço e o sacrifício apesar (e não por conta) da fraqueza, da doença e da inferioridade. É relevante notar que Walter Kaufmann, ao tecer uma apologia da percepção nietzschiana de compaixão, parece alocar Nietzsche como um crítico não do cristianismo, mas daqueles que “amam” o pobre, o fraco e o doente, exatamente por sua condição, e não apesar dela. Nas palavras de Kaufmann (2011, p. 371), “what he attacks, in other words, is the state of mind that frequently hides behind the respectable façade of Christian virtue”.

cruz – as pessoas ainda não se deram conta do motivo horrível oculto neste símbolo?”⁷² (NIETZSCHE, 2005, p. 52–53, grifos do autor).

O Deus que “achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz” (Filipenses 2:8 ACF), é antitético ao modelo superior defendido por Nietzsche. A moralidade limita o indivíduo, retira dele sua liberdade, e o evento que se tornou fundamento do cristianismo, qual seja, a humilhação de uma divindade em sacrifício vergonhoso, é a afirmação deste movimento de negação de si mesmo. Como proclama Nietzsche (2005a, p. 45, grifo do autor): “*deus, qualem Paulus creavit, dei negatio*”⁷³. A negação de si é a rejeição também da vida, que, expressa na moralidade cristã originária, resiste aos instintos, ao invés de se render a eles.

A palavra alemã utilizada por Nietzsche em muitas das passagens nas quais ataca o que ele considera ser o “amor cristão”, a compaixão ou a piedade, é *Mitleid* (NUSSBAUM, 1994). Como Martha Nussbaum (1994) nos informa, o sentido do termo é ligado a ideia de “sofrer com” quem sofre. Para a filósofa estadunidense, o pensador alemão, ao criticar a piedade, está assumindo uma posição estoica. Alinhado a Sêneca, portanto, é possível sugerir que Nietzsche considera a compaixão um “vício das mentes fracas, que não podem suportar a visão do sofrimento alheio”⁷⁴ (SENECA, 1900). Para os estoicos, o homem sábio deveria basear suas ações na razão, e a compaixão é uma emoção (WALTON, 1997). Nussbaum (1994) ainda esclarece que a principal oposição nietzschiana se encontra no significado da compaixão: que é o reconhecimento da fragilidade humana, a insuficiência do indivíduo e sua vulnerabilidade diante do mundo.

Como argumenta Dan Stone (2002), na visão de vários eugenistas ingleses, a obra de Nietzsche colocava em termos filosóficos o que Darwin e Galton haviam expressado em seus estudos científicos. Diante da oposição nietzschiana ao cristianismo e à caridade, não é de se estranhar que muitos destes homens tenham se apropriado dos argumentos elaborados pelo filósofo a fim de defender o seu compromisso com as teorias raciais. O editor da primeira versão da obra completa de Nietzsche em inglês, Oscar Levy (1906),

⁷² No original: “This reminds me again of the invaluable words of Paul. ‘The *weak* things of the world, the *foolish* things of the world, the *base* things of the world, and the things that are *despised*, hath God chosen’: *this* was the formula; decadence was victorious *in hoc signo*. – God on the cross – have people still not grasped the gruesome ulterior motive behind this symbol?”

⁷³ “Deus, qual criado por Paulo, é a negação de Deus.”

⁷⁴ No original: “is a vice incident to weak minds which cannot endure the sight of another’s sufferings.”

ardente partidário da adoção de um modelo aristocrático de sociedade, evidencia esse cenário de maneira clara, defendendo que Nietzsche seja consagrado pastor do desordenado rebanho de ovelhas, que nos foi legado pela tradição judaico-cristã.

A partir deste quadro pode-se depreender que há, nas várias leituras de Nietzsche, uma série de composições típicas de seu tempo, vistas inclusive na comunidade científica associada à Eugenia. No subtítulo subsequente, procuramos discutir algumas das referências e confissões que Lobato faz em suas produções pessoais, envolvendo o filósofo. Este material nos revela que ele tinha por Nietzsche um grande apreço, além de relatar ter encontrado no filósofo uma base para seus posicionamentos.

Para levar a cabo nosso empreendimento, assumimos como ponto de partida a noção de que qualquer texto, ao ser materializado, sofre irreduzível influência do contexto histórico de seu autor (CANDIDO, 2006). Assim, não apenas as obras de Nietzsche, como também os escritos de Lobato, devem ser tomados como traços capazes de nos auxiliar a elucidar o passado através da lente destes homens, longe de lançá-los no banco dos réus de um tribunal de exceção da história. Reforçamos ainda que a leitura de Nietzsche feita por Lobato é aqui assumida como uma interpretação, e não deve ser encarada como transcrição da mensagem nietzschiana em sua integralidade, visto que esta não é objeto deste artigo. A seleção feita dos textos nietzschianos procura fornecer pistas das possíveis origens das ideias expressas pelo escritor paulista.

4.4 Um banho em Nietzsche

Monteiro Lobato, como outros homens de sua geração, sentia-se responsável pelos destinos do Brasil. Seguindo as ordens do avô, o Visconde de Tremembé, tornou-se bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas, compondo o seletos grupo dos nomes autorizados a pensar o Brasil. Atuou, por pouco tempo, como promotor na cidade de Areias, São Paulo, carreira que abandonou quando, herdando a propriedade do Visconde, trocou a vida de servidor público pela de fazendeiro (CAVALHEIRO, 1962a). Nos dois momentos, experienciou uma vida interiorana pacata, e entrou em contato com personagens que habitavam as regiões rurais do Brasil. Essa experiência marcou profundamente sua trajetória como pensador.

Leitor compulsivo, gostava de internar-se na biblioteca de seu avô desde jovem (CAVALHEIRO, 1962a). Em sua lista de referências constavam diversos nomes. Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós e Machado de Assis são alguns dos literatos mais citados em suas cartas. Herbert Spencer, Gustave Le Bon e Auguste Comte, recebem menção como essenciais em sua formação filosófica e científica (LOBATO, 1964a). Não há, todavia, outro nome mais elogiado do que o de Friedrich Nietzsche. O filósofo alemão, “o grande pecador” (LOBATO, 1961a, p. 66), segundo Lobato, o havia feito perceber a importância de movimentar-se em direção a ele mesmo. O escritor paulista compartilhava a preocupação de Nietzsche com a decadência humana. Também como aquele, via a civilização de seu tempo como símbolo mesmo desse declínio, como veremos adiante.

Desde muito cedo Lobato revela-se leitor de Nietzsche. Em uma carta que escreveu em 1904, para seu amigo Godofredo Rangel, informava que havia recebido a edição francesa⁷⁵ dos textos do pensador. Ele confidenciava ao amigo que ele era, de seu ponto de vista, “o maior gênio da filosofia moderna – e o que vai exercer maior influência”. “Dum banho em Nietzsche”, escreveu, “saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. [...] Da obra de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos” (LOBATO, 1961a, p. 65–66). As respostas que procurava para compreender o mundo a sua volta, o pai de Emília encontrava nos aforismas nietzschianos.

O contato com as obras do filósofo alemão foi a “maior bebedeira” da vida de Lobato (1964b, p. 222), que afirma ter sido intoxicado pela libertação trazida por ele. É ao individualismo e à autossuficiência, que o escritor atribui tal impacto em sua constituição psicológica:

Um dos seus aforismos penetrou em meu ser como a coisa que procurava. ‘VADE MECUM’, ‘VADE TECUM.’ Queres seguir-me?

⁷⁵ A edição mencionada por Monteiro Lobato é a de Henri Albert (1869-1921). Ainda que não tenha sido autor da primeira tradução de Nietzsche ao francês, Albert se consagrou pela publicação das obras completas do filósofo alemão. Lobato informa, na carta mencionada, que recebeu dez volumes, o que nos permite supor, cruzando com as informações disponibilizadas pelos estudos de Laure Verbaele (2008), que ele possuía em mãos: *Humain trop humain* (1899), *Crépuscule des idoles*, *Nietzsche contra Wagner*, *L’Antéchrist*, *Le Cas Wagner* (1899), *La généalogie de la morale* (1900), *Le gai savoir* (1901), *Ainsi parlait Zarathoustra* (1901), *Aurore* (1901), *L’origine de la tragédie* (1901), *Humain trop humain II* (1902), e *La volonté de puissance* (1903). A estes nove volumes, possivelmente soma-se *Par delà Bien et le Mal*, traduzido em 1886 por L. Weiscopef, George Art e Henri Albert, e inserido nas *Oeuvres complètes de Fr. Nietzsche* em 1894, de acordo com a nota de Henri Albert (1896).

Segue-te⁷⁶. Essas palavras foram tudo – foram o meu remédio certo. Marcaram o fim da minha crise mental. Normalizaram-me. Entregaram-me a mim mesmo. O que naquela ânsia através das filosofias eu procurava era eu mesmo – e só Nietzsche me contou que era assim. Em vez de seguir a alguém, ia seguir a vaga intuição do meu eu... (LOBATO, 1964a, p. 222–223).

No mesmo texto, Lobato revela: “Nietzsche foi de fato o meu sabão. Limpou-me de todas as gafeiras mentais e morais. Mas nunca o li totalmente, de medo de assimilá-lo demais e tornar-me nietzschiano [...]” (LOBATO, 1964a, p. 223). Ao evitar a leitura completa do filósofo, o escritor pretendia preservar sua individualidade, num movimento paradoxal de afastar-se do mestre enquanto seguia à risca um de seus ensinamentos centrais.

A imbecilidade dos homens, segundo as reflexões lobatianas, é mantida com o objetivo de “destruir a personalidade humana [...], reduzindo a humanidade a um conglomerado homogêneo” (LOBATO, 1961b, p. 309). O desenvolvimento da sociedade até os seus dias, ele considerava um processo de instalação de rédeas, que esvaziava o espírito humano de seus aspectos criativos. Grandes nomes como Voltaire, e o próprio Nietzsche, haviam sido injustiçados exatamente por isso: rejeitaram os comandos tiranos para que se reconhecessem como parte da massa.

Escrevendo a Albino Camargo, seu calouro na Faculdade do Largo de São Francisco, Lobato comparava o alemão a Aristóteles, atribuindo aos dois a capacidade de penetrar e abranger todas as esferas da vida. Por isso, imaginava, muitos liam Nietzsche de maneira superficial. Já em 1905, ano dessa carta, como se vê, o autor reclama ter um domínio amplo o suficiente da obra do filósofo, ao ponto de se posicionar como crítico das leituras de alguns de seus intérpretes, que denominava “caricaturas” (LOBATO, 1964b, p. 78–79). Também não se cansava de indicar seus textos. Enviou um volume a Rangel, mas esclareceu, na volta do empréstimo, que o amigo ainda não estava maduro o suficiente para ler mais (LOBATO, 1961a, p. 84). Para Maria Pureza da Natividade, sua

⁷⁶ Expressão utilizada por Nietzsche (2012, p. 19) como título do sétimo verso introdutório de *A Gaia Ciência*: “Atraem-no meu jeito e minha língua, // você me segue, vem atrás de mim? // Siga apenas a si mesmo fielmente: - // Assim me seguirá – com vagar! Com vagar!” Nesta passagem Nietzsche nega o conselho de Jesus Cristo, dado no capítulo 16 do livro de Mateus: “Então disse Jesus aos seus discípulos: ‘Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me’. O individualismo nietzschiano contrasta com a conclamação de Cristo pelo abandono de si.

futura esposa, enviara mensagem de saudades sobrescrita num postal com a imagem do filósofo (Figura 1).

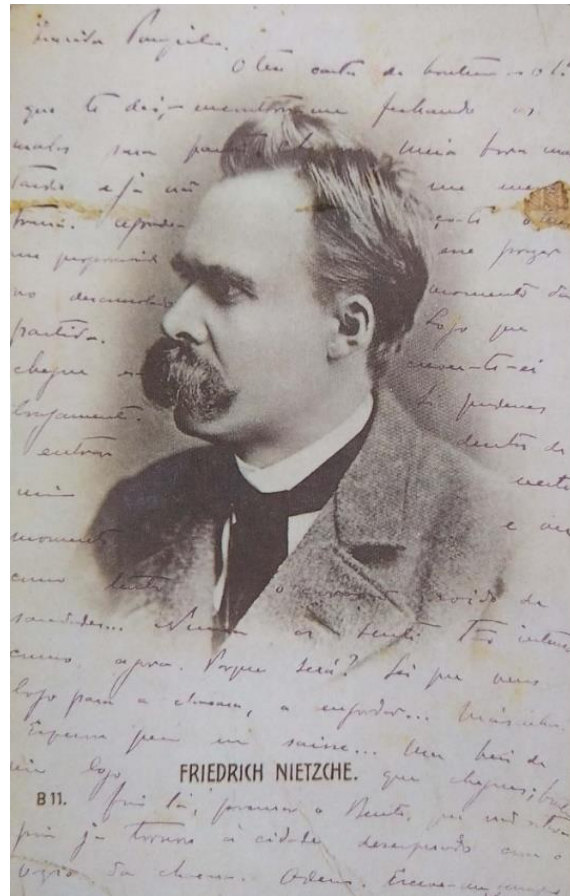


Figura 1 - Cartão postal com a imagem de Friedrich Nietzsche, enviado por Lobato a sua futura esposa, Purezinha (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 43).

Ainda que possuísse as obras completas de Nietzsche em francês, pela leitura das fontes aqui analisadas, podemos identificar uma preferência de Lobato por alguns textos específicos, que aparecem de maneira mais evidente em suas referências ao filósofo. “Vade Mecum, Vade Tecum”, que lemos na carta acima mencionada, é uma expressão utilizada em “A Gaia Ciência”, como já observamos em nota. Leu também, ao menos parcialmente, “Assim Falava Zaratustra”, que cita no artigo “O pai da guerra”, inserido no livro “A Onda Verde” (LOBATO, 1956b, p. 56), em uma crítica ao Estado. Podemos ainda identificar uma citação retirada do texto “Vontade de Poder”, em uma passagem sobre a decadência como fenômeno universal (LOBATO, 1951a, p. 26), que citaremos adiante. Dois outros textos do filósofo, porque por ele traduzidos, foram certamente lidos:

“O Anticristo” e “O crepúsculo dos ídolos”. Estes trabalhos, no entanto, não foram publicados (MELLO, 2010, p. 150).

Como tradutor, aliás, Lobato fez mais do que colocar em português as letras de Nietzsche. Segundo observou Denise Rezende Mendes (2002), em sua prática tradutória o escritor paulista optava por alterar certas expressões, de modo a enquadrá-las em sua perspectiva ideológica. Na tradução do texto “*A Farewell to Arms*”, de Ernest Hemingway, por exemplo, o autor modificou a expressão “all thinking men are atheist”, que poderia ser vertida em português como “todos os homens que pensam são ateus”. Na versão lobatiana temos: “todos os homens que pensam com suas cabeças são ateus”, o que pode aludir ao individualismo nietzscheano, tão comemorado por ele.

As referências feitas ao filósofo não acabam em sua juventude, apesar de a primeira década do século XX ser a fase em que mais vemos menções a Nietzsche em suas correspondências. O escritor paulista vivenciou os anos das duas grandes guerras, mas foi particularmente durante o segundo evento que se mostrou mais abalado, talvez porque sua saúde já estivesse dando sinais de fragilidade. Ele escreve: “[...] que adiantou a bondade de Jesus? Praticam-na só os fracos” (LOBATO, 1951b, p. 170). Este texto, materializado em 1941, no dia 7 de dezembro, algumas horas após os japoneses bombardearem Pearl Harbor, expõe os sentimentos de um homem cansado e apreensivo. “E se tudo for perdido”, declara, “se a Rússia, os ingleses e os americanos caírem, ainda nos resta uma coisa, uma solução – a morte. O suicídio. Ah, só a morte nos libertará da brutalidade alemã” (LOBATO, 1951b, p. 171).

Somando as misérias do mundo àquelas de sua vida pessoal, afirmava: “Não tenho mais gosto em viver. Guilherme acertou, morrendo aos 25 anos⁷⁷. Edgar acertará, morrendo já. Viva a morte! É linda!” (LOBATO, 1951b, p. 172). No mesmo texto, revela que a morte, para ele, não é o fim, e recorre a Nietzsche - talvez essa tenha sido a última vez que ele tenha feito isso - e ao Eterno Retorno para justificar sua posição. Tendo se apropriado do filósofo em suas reflexões sobre a vida, ao longo de sua obra, vê-se que é também a ele que o autor recorre em seu momento de angústia profunda.

⁷⁷ Lobato perdeu seu filho Guilherme, de 25 anos, em 1938. Edgar, seu segundo filho, aos 32 anos, se encontrava em estado de definhamento, e acabou falecendo em fevereiro de 1943 (CAVALHEIRO, 1962b).

Podemos perceber, portanto, quando analisamos a obra de Monteiro Lobato, que Friedrich Nietzsche é presença frequente em suas linhas. Suas correspondências demonstram um notável apreço pelos escritos do filósofo. Na continuação deste artigo, procuramos analisar mais de perto algumas das muitas apropriações e articulações que o paulista realizou, explícita ou implicitamente, a partir dos textos do alemão. Ainda que em algumas passagens não seja possível encontrar menções diretas, certamente as semelhanças evidentes são parte de um contexto compartilhado, e nos auxiliam a compreender melhor esse momento histórico.

4.5 Enlaces eugenistas: Nietzsche e Lobato

A ideia de “decadência” certamente não era estranha aos intelectuais brasileiros antes da entrada de Nietzsche no Brasil. Isso porque, como citamos anteriormente, os teóricos da degenerescência utilizavam o termo com frequência, para caracterizar a situação global e o destino da espécie humana. Lobato, por certo, entrou em contato com a percepção nietzschiana do termo, já que cita um aforisma sobre este tema em um texto de sua juventude, incluído na coletânea “Mundo da Lua”: “A *decadencia* existe em todas as épocas: por toda parte há resíduos e materiais em decomposição; o *processus* vital elimina esses elementos de regressão – *dejecta*”⁷⁸ (LOBATO, 1951a, p. 26, grifos do autor).

A imposição social, baseada no “regime do direito e da moral”, anula a seleção dos mais fortes, argumenta o escritor paulista, e vai além, sugerindo que a civilização é responsável pelo enfraquecimento humano, pois ela realizou o feito de afastar a espécie da natureza. Do “Mundo da Lua” podemos mencionar outro excerto, posicionado em meio a uma sequência de textos que sugerem uma reflexão a partir das leituras de Nietzsche⁷⁹. Lobato fala sobre uma ideia que o persegue: o homem é um animal doente.

⁷⁸ A citação é retirada do aforisma 339, da obra *A Vontade de Poder* (NIETZSCHE, 2008, p. 185).

⁷⁹ No mesmo conjunto de textos, é possível encontrar referências ao escritor naturalista francês Émile Zola. Uma pequena nota de Lobato em referência ao livro *Le docteur Pascal*, lançado em 1893, pode ser lida em *Mundo da Lua*. No livro, Zola descreve um médico envolvido com estudos de hereditariedade, que prometiam curar doenças. Ao longo da obra se desenvolve o romance do médico com sua sobrinha, que a princípio se opõe ao trabalho dele, motivada por suas crenças religiosas (ZOLA, 2013).

“Enquanto na vida organica a evolução dos seres se opera em harmonia com as leis naturais, no *Homo* essa evolução ‘derrapa’, desviando-se delas, arrastando-se por estranhos caminhos” (LOBATO, 1951a, p. 38, grifo do autor). É do animal febril, entre a nostalgia e a esperança, que emergem as convicções morais, acrescenta.

Como já vimos, para Nietzsche (2005a, p. 6), a vida *em si* é um instinto de expansão, acumulação de força e vontade de poder: na ausência disso, tudo o que resta é decadente. Segundo ele, os “maiores valores” da humanidade estão em desacordo com esse instinto, pois, a exemplo da *compaixão*, configuram uma movimentação em direção ao sofrer, num retrocesso que “transforma o sofrimento em algo infeccioso”⁸⁰ (NIETZSCHE, 2005a, p. 6). A *caridade*, a partir dessa perspectiva, não pode ser apreciada, e com relação a ela podemos encontrar uma notável conexão entre as proposições nietzschianas e os escritos de Lobato, quando este comenta uma discussão em que se envolveu:

E á custa de moedas de cobre, a população mantem sobre a face da terra o bando de desgraçados. Mantem. Conserva. Não procura outra solução mais energica, mais limpa - ou elimina-los ou asila-los. A caridade manda isso, disse-me um catolico pratico... A caridade manda conservar, não corrigir, não solver o problema. E esse caridoso deblaterou contra a assistencia social, contra a eugenia preventiva porque 'isso não é caridade'. Caridade é conservar a chaga (LOBATO, 1951a, p. 53).

Por sua vez, o filósofo alemão sustenta: “A sociedade *deve* evitar, em inúmeros casos, a procriação: cabe-lhe, além disso, ter à disposição, sem consideração por origem, posição e espírito, as mais rigorosas medidas coercitivas, privações de liberdade e talvez mesmo castrações” (NIETZSCHE, 2008, p. 369–370, grifo do autor).

A “conservação da chaga”, criticada por Lobato em sua juventude, aparece também em sua fase adulta. Em 1923, no conto “Fatia de Vida”, o autor narra a história de uma pobre lavadeira e de seus filhos doentes que, levados para um hospital improvisado, tem um destino pior do que poderiam ter se houvessem permanecido em casa. A alma caridosa, que os levou ao hospital, com seu tão cristão sentimento, havia provocado um mal ainda maior. Quem contou o caso foi o doutor Bonifácio Torres, que “não era homem querido [...] pela ponderosa razão de pensar com sua própria cabeça”

⁸⁰ No original: “[...] makes suffering into something infectious”.

(LOBATO, 2014b, p. 610). A última sentença nos remete a adaptação da tradução de Hemingway, que citamos anteriormente.

A oposição à caridade, é claro, não é postura exclusiva de Lobato e Nietzsche. Escritos tão ou mais antigos quanto “*An Essay on the Principle of Population*”, de Thomas Malthus (1890), publicado em 1826, já se preocupavam com uma tendência de aumento no número de pobres e dependentes, no caso de a caridade ser realizada de forma indiscriminada. Embora as duas coisas sejam geralmente correlatas, no caso dos eugenistas, a preocupação não é especialmente com o aumento no número de indivíduos pobres, senão com a manutenção e a propagação dos que são considerados biologicamente inferiores e, portanto, uma ameaça à raça (BLACK, 2003). Na verdade, como observa o eticista australiano Peter Singer (1998), o desprezo, e não a proteção dos mais fracos, é que era a prática comum antes do advento do cristianismo, e se uma postura como essa parece inadmissível para alguém, é por conta da permanência da moralidade cristã.

Em “América”, texto publicado em 1932, os personagens empreendem um diálogo a respeito da caridade. Em dado momento, o britânico Mr. Slang, que carrega o requinte de um sábio *gentleman*, afirma: “A não ser que a química e a eugenia nos dêem novas bases à vida, sempre há de haver aleijados e cegos e órfãos [...] e fora o sentimento da caridade, que dá a esses pobresinhos solícitos tutores, como lhes assegurar a sobrevivência?”, ao passo que o narrador responde: “E para que assegurar-lhes a sobrevivência?”. Explica, em seguida, ao leitor: “Adverti eu em tom de quem houvesse ingerido pela manhã uma omelete de leis espartanas preparadas na caçarola de Nietzsche” (LOBATO, 1966, p. 37).

O encerramento da citação anterior revela um detalhe que é aqui indispensável: Lobato associava, de fato, a figura de Nietzsche à Eugenia, à crítica à caridade, e à defesa da eliminação dos indivíduos “inferiores”. Em outro livro, o escritor paulista narra um romance que tem como eixo uma espécie de máquina que revela o futuro, o *porviroscópio*. A personagem Miss Jane descreve ao narrador alguns dos fatos que ela pôde observar através do aparelho, antes deste ser destruído por seu pai moribundo. A aplicação da “lei espartana”, ou seja, a eliminação da criança, narra a moça, resolveria o problema dos “desgraçados por defeito físico”, os “desgraçados por defeito mental”, por sua vez, enfrentariam barreiras legais para se reproduzir (LOBATO, 1956c, p. 212).

No mundo fictício de “O Presidente Negro”, o *Código da Raça* havia instituído a esterilização dos tarados, deficientes mentais e todos os outros considerados inferiores – “os admiráveis processos hoje em emprego na criação de belos cavalos puro-sangue passaram a reger a criação do homem na América” (LOBATO, 1956c, p. 212–213). Também em Nietzsche é possível ler um sugestivo endosso de medidas como as que Lobato insere em seu texto sob a alcunha “leis espartanas”:

A interdição-bíblica ‘não matarás!’ é uma ingenuidade se comparada à seriedade da interdição vital aos *decadents*: ‘não deveis dar à luz!’... A vida não reconhece nenhuma solidariedade, nenhuma ‘igualdade de direitos’ entre partes saudáveis e degeneradas de um organismo: deve-se, por fim, amputar as últimas – do contrário, é o todo que vem a sucumbir. – *Compaixão* pelos *decadentes*, *direitos iguais* também para os falhados – isso seria a mais profunda imoralidade, isso seria a *contranatureza* como moral (NIETZSCHE, 2008, p. 370, grifos do autor).

A concepção de indivíduos superiores, para muitos eugenistas, exigia o controle de natalidade pelo Estado. A intelectual feminista Victoria Woodhull, primeira mulher a concorrer à presidência dos Estados Unidos, demandava, em texto publicado em 1888, que o governo instituisse, por força, alguns mandamentos adicionais aos de Moisés, dos quais destacamos o primeiro: “Não deverás casar se fores malformado ou doente” (WOODHULL, 2005, p. 128)⁸¹. Propostas deste tipo, no entanto, não eram unanimemente aceitas, como é de se supor. O escritor inglês Gilbert Keith Chesterton, em sua obra “*Eugenics and other Evils*”, opõe-se veementemente à ingerência do Estado sobre as decisões íntimas dos indivíduos. Indicando a incapacidade avaliativa da burocracia, ele argumenta que “um homem não é imbecil se apenas o eugenista pensa que ele é. A questão que se levanta aí não é sobre sua sanidade, mas sobre a sanidade do [...] eugenista”⁸² (CHESTERTON, 1922, p. 37).

Sem que a sanidade dos eugenistas fosse avaliada, legislações que garantiam a legalidade da esterilização de indivíduos considerados inferiores foram aprovadas em vários países ao longo do século XX, a começar pelos Estados Unidos e pela Inglaterra

⁸¹ No original: “Thou shalt not marry when malformed or diseased.”

⁸² No original: “a man is not imbecile if only a Eugenist thinks so. The question raised would not be his sanity, but the sanity of the [...] Eugenist”. Tal desconfiança a respeito da superioridade do julgamento dos especialistas é vista também em *O Alienista*, de Machado de Assis (1996).

(BLACK, 2003). Ainda que alguns religiosos vissem com bons olhos as ações destes cientistas, em geral era na religião que a rejeição das medidas mais radicais encontrava alento. Pela voz de Mr. Slang, Lobato parece ter se apropriado da lição nietzschiana, e percebendo a resistência da Igreja, sugeria que a Eugenia deveria substituir a religião retardante, proporcionando terreno fértil para o florescimento do homem de amanhã. “Pela Eugenia teremos afinal o homem e a mulher perfeitos [...]” (LOBATO, 1966, p. 208).

A perfeição, continua Mr. Slang, pode ser alcançada pela ciência, mas apenas se o cristianismo sair do caminho. A decadência promovida pela religião proporcionou a criação de um culto à feiura (LOBATO, 1961a, p. 207), na medida em que se considera todos como iguais. Nas palavras de Nietzsche, “a única coisa feia é a pessoa que se degenera” (NIETZSCHE, 2005b, p. 202)⁸³. Assim, “o avanço da Eugenia se faz em progressão diretamente proporcional ao retrocesso da religião, que é a força que preserva, embaraça, impede, inibe” (LOBATO, 1966, p. 208). A religião, associada em suas origens ao medo, será abandonada na medida em que o progresso tecnológico reduzir cada vez mais as preocupações do homem moderno (LOBATO, 1966, p. 209–210).

“Pessoas doentes são parasitas da sociedade. É indecente continuar vivendo em certos estados. Deve haver profundo desprezo pela prática de vegetar covardemente na dependência de médicos [...] o *direito* à vida, se foi”⁸⁴, ensina Nietzsche (2005b, p. 209–210, grifo do autor). “Médicos, por sua vez, devem ser os agentes desse desprezo, - não oferecer receitas, mas ao invés disso uma dose diária de nojo aos seus pacientes”⁸⁵, adiciona. A função dos especialistas não deve ser preservar a vida dos “inferiores”, senão, pelo contrário, impedir sua reprodução, seu direito ao nascimento, seu direito à vida⁸⁶. Em Nietzsche não há salvação para os indivíduos assim classificados. Aqui, Lobato parece divergir.

⁸³ “[...] the only thing ugly is a *degeneration* person.”

⁸⁴ No original: “Sick people are parasites on society. It is indecent to keep living in a certain state. There should be profound social contempt for the practice of vegetating in cowardly dependence on doctors [...] the *right* to life, is gone.”

⁸⁵ No original: “Doctors, for their part, would be the agents of this contempt, - not offering prescriptions, but instead a daily dose of *disgust* at their patients...”

⁸⁶ Alguns dos desdobramentos dessa perspectiva podem ser vistos em Westphal e Ferretti Junior (2019), que discutem as consequências morais de certa leitura sobre Nietzsche, no prisma da viabilidade e dos limites éticos do aborto seletivo.

Os dois autores concordam que há um processo de declínio corroendo o mundo. Ambos compreendem, como se viu, que isso se dá por um certo afastamento da natureza, que acabou enfraquecendo o homem, agora rendido aos preceitos morais que defendem os mais fracos. Mas se para Nietzsche não há caminho senão a eliminação dos decadentes, em Lobato a esperança ressurgiu, nas mãos dos médicos sanitaristas. Todo o aparato emprestado do alemão é utilizado de maneira distinta pelo escritor, quando ele se vê diante do problema nacional, que atribui, em última análise, não à moralidade do homem cristão, mas à doença proveniente da falta de condições higiênicas adequadas.

É certo para o paulista que “a revogação, em suma, da suprema lei da biologia, lançou o *Homo sapiens* no despenhadeiro da degenerescência física [...]” e que “[...] biologicamente, o homem é um animal em plena decadência” (LOBATO, 1956a, p. 325). Mas é também certo que “a ciência dá-nos elementos para modificar este estado de coisas, de modo a permitir à vida humana na zona dos trópicos um surto paralelo ao das outras formas de vida” (LOBATO, 1956a, p. 326–327). E Lobato oferece essa solução antes mesmo de escrever “O Presidente Negro” ou “América”, textos onde, como expomos, o discurso eugenista torna-se mais latente.

Parece-nos lícito sugerir que, imbuído da missão de construir projetos viáveis de nação, Lobato acabou por interpretar Nietzsche sem adotar definitivamente a crítica do filósofo ao ideal teleológico do progresso. Para Nietzsche, o progresso é uma concepção falsa, como todas as ideias modernas (2005a, p. 5), sintoma da doença dos decadentes. De acordo com Walter Kaufmann (2011, p. 149), aliás, a posição nietzschiana, de negação da história como um progresso permanente dos valores, é a afirmação mais categórica sobre a filosofia do alemão. Ainda que em seus escritos da juventude Lobato (1951a, p. 38) tenha chegado a retratar o progresso também com uma ilusão, tal reflexão não vigorou ao longo de seus escritos.

Indício da coexistência, em Lobato, de ideias nietzschianas e crença no progresso, é o seguinte trecho, presente na obra “América”, aqui referida por diversas vezes: “Apenas vejo no progresso uma lei natural. Sou amigo dele porque sou amigo da lei da gravitação, da lei da evolução, de todas as leis da natureza. Deblaterar contra tais leis me parece das coisas mais ridículas que um homem possa fazer” (LOBATO, 1966, p. 71–72). Possivelmente, o deslumbre com o sucesso do desenvolvimento industrial americano

tenha sido fator fundante nessa construção imaginária⁸⁷. Mais do que coexistir, Nietzsche é até mesmo proclamado como símbolo do progresso, da superação dos valores atrasados (LOBATO, 1966).

Diante do que foi exposto, percebe-se que, apesar de ter convergido com o filósofo alemão em grande parte de suas posturas, as questões internas do Brasil motivaram sua confiança na recuperação dos homens nacionais. A medicina sanitarista acabou se configurando, portanto, como eixo de uma visão de mundo que adequava as concepções nietzschianas a um projeto de identidade nacional baseado na redenção pela ciência. Enquanto Nietzsche condenava qualquer esperança escatológica como uma ilusão, Lobato se converteu em um fiel defensor do progresso brasileiro.

4.6 Considerações Finais

Ao longo deste artigo discutimos alguns dos aspectos que, em Nietzsche e Lobato, podem ser visualizados num quadro repleto de aproximações. Neste recorte, as questões mencionadas estão, mais especificamente, ligadas ao pensamento científico predominante nos últimos dois séculos. Através da análise das fontes, identificamos que o escritor paulista instrumentalizou os escritos do filósofo alemão com o objetivo de compreender e agir sobre sua realidade. A condição pobre, mestiça e doente do Brasil, direcionou as buscas por referências deste autor, e serviu de lente através da qual suas percepções sobre o país foram erigidas.

A recepção nietzschiana no Brasil teve o privilégio ocorrer em um momento em que se buscavam referenciais teóricos para tentar explicar as complexidades de um Estado cujas características coloniais e imperiais emaranhavam-se com as novidades republicanas. Como mencionamos, se de um lado o autor serviu para legitimar as inovações, também foi apropriado por aqueles que pretendiam rechaçá-las. Essa polivalência indica, sobretudo, que a troca de conhecimentos não se deu em um ambiente estéril, senão em um terreno fértil e propício para a hibridização cultural.

⁸⁷ Já em *Problema Vital* lemos que o Jeca, recuperado pela ciência, só pensava em “progressos, coisas americanas” (LOBATO, 1956a, p. 337), o que sustenta essa sugestão.

As relações de Nietzsche com o cientificismo de seu tempo, em especial a Eugenia, configuram um tema profícuo para a análise, uma vez que as polêmicas envolvendo seus escritos e a ascensão do regime nazista, que fez largo uso das práticas defendidas pelos eugenistas, não pode ser ignorada por qualquer análise mais aprofundada sobre o tema. No limitado espaço deste artigo, objetivamos contextualizar o filósofo, destacando alguns dos elementos de seus discursos sobre as questões relativas ao desenvolvimento do pensamento biológico.

Diante das proposições eugenistas, Nietzsche e Lobato convergiam com relação ao prejuízo causado pela religião, que limitava o avanço da ciência, ao mesmo tempo em que favorecia a sobrevivência dos fracos. Chegaram mesmo, como explicitamos, a sugerir – Lobato, em seu livro de ficção - o controle estatal da reprodução humana, não só como uma alternativa viável, mas como indispensável para a criação de seres humanos melhores. Quando a medida em questão é ainda mais radical, como é o caso da deliberada eliminação dos “inferiores”, Nietzsche questiona inclusive o quinto mandamento, e Lobato, seguindo seu o filósofo, sugere, através dos personagens de suas obras, a eliminação das “postas de carne” destinadas a vegetar.

A recepção lobatiana de Nietzsche, diante do que expomos aqui, configura-se como uma leitura particular, voltada para determinadas demandas. Em sua confissão mais notória de devoção ao filósofo, o paulista revela que procurou em diversos autores saciar o seu anseio por liberdade, mas foi apenas o alemão quem marcou o fim de sua crise mental: “O que naquela ânsia através das filosofias eu procurava era eu mesmo – e só Nietzsche me contou que era assim” (LOBATO, 1964a, p. 223). Ele declara. “Não fiz da vida outra coisa senão, em tudo trilhar o conselho nietzschiano, indiferente a censuras ou aplausos ou a interesses”⁸⁸ (LOBATO, 1964a, p. 224).

Ao acatar o conselho de Nietzsche, seguindo a si mesmo, Lobato não poderia evitar distanciar-se de seu mestre quando não visse nele um caminho trilhável para a situação brasileira. A medicina sanitarista, a luta contra a pobreza, a ampliação do acesso à educação, a busca pelo progresso, enfim, tudo aquilo que, diante da decadência concebida à marteladas seria ineficaz, foi não só proposto, como movido pela ação de Lobato. Assim, apesar de reconhecer no filósofo alemão uma capacidade ímpar na cena

⁸⁸ Este texto foi publicado pelo jornal O Estado de São Paulo em 1955, com datação indefinida. Seu conteúdo posiciona-o na entrada do decênio derradeiro do autor.

intelectual, os enlaces que manteve com ele foram limitados por sua esperança na superação das agruras que afetavam a efetivação de seu projeto de Brasil.

4.7 Referências

- ALBERT, Henri. Notes. *In*: NIETZSCHE, F. **Par delà le Bien et le Mal**. Leipzig: C. G. Naumann, 1896. p. 260–263.
- ALMARZA, Enrique Paul. O super-homem. **Cadernos Nietzsche**, v. 36, n. 2, p. 119–122, jan/dez. 2015.
- AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.
- BARRETO, Lima. Estudos. **Cadernos Nietzsche**, v. 36, n. 1, p. 167–172, jan/jun. 2015.
- BLACK, Edwin. **A Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante**. São Paulo: A Girafa, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. O Portador. **Cadernos Nietzsche**, v. 32, p. 13–22, 2013.
- CARPEAUX, Otto Maria. Nietzsche e as consequências. **Cadernos Nietzsche**, v. 37, n. 3, p. 69–79, dez. 2016.
- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962a. v. 1.
- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962b. v. 2.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. **Eugenics and other evils**. Londres: Cassel and Company, 1922.
- MELLO, Giovana Cordeiro Campos de. **Assimilação e Resistência sob uma Perspectiva Discursiva: o Caso de Monteiro Lobato, 2010**. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=21577@1. Acesso em: 28 jun. 2019.
- DIAS, Geraldo. Entre renovadores e reacionários: a recepção estética e política da obra de Nietzsche na imprensa brasileira no período de 1893 a 1945. **Cadernos Nietzsche**, v. 36, n. 1, p. 85–102, jun. 2015.

- ERASMO, Julio. O neo-cinismo. **Cadernos Nietzsche**, v. 36, n. 1, p. 103–106, jun. 2015.
- GALTON, Francis. **Hereditary Genius: An Inquiry into its laws and consequences**. 2. ed. Londres: Macmillan and Co, 1892.
- GALTON, Francis. **Essays in Eugenics**. Londres: The Eugenics Education Society, 1909.
- GOBINEAU, Arthur de. **The Inequality of Human Races**. Londres: William Heinemann, 1915.
- KAUFMANN, Walter. **Nietzsche: philosopher, psychologist, antichrist**. 4. ed. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- KEHL, Renato. A Doença de Nietzsche. **Archivos Brasileiros de Higiene Mental**, n.1, p. 59–62, 1934.
- LEVY, Oscar. **The Revival of Aristocracy**. Londres: Probshtain & Co., 1906.
- LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. *In*: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. p. 23–40.
- LOBATO, Monteiro. Mundo da Lua. *In*: LOBATO, M. **Mundo da Lua e Miscelanea**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951a. p. 3–94.
- LOBATO, Monteiro. Miscelanea. *In*: LOBATO, M. **Mundo da Lua e Miscelanea**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951b. p. 125–338.
- LOBATO, Monteiro. Problema Vital. *In*: **Mr Slang e o Brasil e Problema Vital**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956a. p. 223–329.
- LOBATO, Monteiro. A Onda Verde. *In*: LOBATO, M. **A Onda Verde e O Presidente Negro**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956b. 3–124.
- LOBATO, Monteiro. O Presidente Negro. *In*: LOBATO, M. **A Onda Verde e O Presidente Negro**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956c. 125–324.
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. v. 1.
- LOBATO, Monteiro. **Literatura do Minarete**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b.
- LOBATO, Monteiro. **Conferências, Artigos e Crônicas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964a.
- LOBATO, Monteiro. **Cartas Escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964b. v. 1.
- LOBATO, Monteiro. **America**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- LOBATO, Monteiro. Urupês. *In*: LOBATO, M. **Contos Completos**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014a. p. 37–191.

LOBATO, Monteiro. O Macaco que se fez homem. *In*: LOBATO, M. **Contos Completos**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014b. p. 519–621.

LOMEU, Antonio Vinicius. Um Nietzsche à brasileira: intelectuais receptores do pensamento nietzschiano no Brasil (1900-1940). **Revista de Teoria da História**, v. 9, n. 1, p. 178–196, 2013.

MACHADO DE ASSIS. O Alienista. *In*: **O alienista e o espelho**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 7–94.

MALTHUS, Thomas. **An Essay on the Principle of Population**. Londres: Ward, Lock & Co., Limited, 1890.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias - Ensaio Sobre A Filosofia De Nietzsche**. São Paulo: Barcarolla, 2009.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: A transvaloração dos valores**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MENDES, Denise Rezende. **Monteiro Lobato, O Tradutor**, 2002. Monografia (Bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

MOORE, Gregory. **Nietzsche, biology, and metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MORE, Nicholas D. The Philosophy of Decadence. *In*: DESMARAIS, Jane.; WEIR, David (Org.). **Decadence and Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 184–199.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução de Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2004b.

NIETZSCHE, Friedrich F. **A vontade de poder**. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo**. Tradução de Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. The Anti-Christ. *In*: NIETZSCHE, F. **The Anti-Christ, Ecce homo, Twilight of the idols, and other writings**. Tradução de Aaron Ridley e Judith Norman. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2005a. p. 1–68.

NIETZSCHE, Friedrich. Twilight of the idols. *In*: NIETZSCHE, F. **The Anti-Christ, Ecce homo, Twilight of the idols, and other writings**. Tradução de Aaron Ridley e Judith Norman. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2005b. p. 153–229.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

NUSSBAUM, Martha C. Pity and Mercy Nietzsche's Stoicism. *In*: SCHACHT, R. (Org.). **Nietzsche, Genealogy, Morality**: Essays On Nietzsche's Genealogy of Morals. Berkeley: University of California Press, 1994. p. 139–167.

PANTUZZI, Tiago Lemes. **A primeira recepção de Nietzsche no Brasil**: a Escola de Recife, 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-29062016-120906/>. Acesso em: 16 nov. 2019.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

RIBEIRO, João. Frederico Nietzsche. **Almanaque Brasileiro**, n. 2, p. 247–250, 1904.

RUBIRA, Luís. Nietzsche no Brasil (1933-1943): Da ascensão do nacional- socialismo ao Grande Reich Alemão. **Cadernos Nietzsche**, v. 37, n. 3, p. 18–64, dez. 2016.

SALANSKIS, Emmanuel. Sobre o Eugenismo e Sua Justificação Maquiaveliana em Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, v. 32, p. 167–201, 2013.

SALANSKIS, Emmanuel. Nietzsche, Darwin e a questão do progresso evolutivo. **Discurso**, v. 48, n. 2, p. 95–107, 8 out. 2018.

SCHELER, Max. **Ressentiment**. Tradução de Louis A. Coser. Milwaukee: Marquette University Press, 1994.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil; 1870 - 1930. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004.

SENECA. **Of Clemency (De Clementia), Book II**. Tradução de Aubrey Stewart. London: George Bell and Sons, 1900.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira República. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SINGER, Peter. **Ética Prática**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. *In*: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (Org.). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. p. 331–391.

STONE, Dan. Nietzsche and Eugenics. *In*: STONE, Dan. **Breeding Superman: Nietzsche, Race and Eugenics in Edwardian and Interwar Britain**. No prelo. Liverpool: Liverpool University Press, 2002. Não paginado.

VERBAERE, Laure. Les traductions françaises de Nietzsche – en Europe. **Études Germaniques**, n. 251, v. 3, p. 601–621, 2008.

VERÍSSIMO, José. Um Nietzsche diferente. **Cadernos Nietzsche**, v. 1, p. 125–132, 1 dez. 2014.

VIANNA, Oliveira. Os typos eugenicos. **Boletim de Eugenia**, v. 1, n. 15, p. 3, 1935.

WALTON, Douglas N. **Appeal to pity: Argumentum ad misericordiam**. Albany: State University of New York Press, 1997.

WESTPHAL, Euler Renato; FERRETTI JUNIOR, Arlindo. O aborto seletivo como caminho para o infanticídio. **Estudos Teológicos**, v. 59, n. 2, p. 502–515, 23 dez. 2019.

WESTPHAL, Euler Renato. **Secularization, Cultural Heritage and the Spirituality of the Secular State**. Paderborn: Verlag Ferdinand Schöningh, 2019.

WILSON, Catherine. Darwin and Nietzsche: Selection, Evolution, and Morality. **Journal of Nietzsche Studies**, v. 44, n. 2, p. 354–370, 2013.

WOODHULL, Victoria C. Stirpiculture; or The scientific Propagation of the Human Race. *In*: WOODHULL, Victoria C. **Lady Eugenist: Feminist Eugenics in the Speeches and Writings of Victoria Woodhull**. São Francisco, Califórnia: Inkling Books, 2005. p. 124–142.

ZOLA, Émile. **O Doutor Pascal**. Edição Kindle. Tradução de Henrique Marques. [s.l.]: Centaur, 2013.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta dissertação foi analisar a influência da Eugenia na produção literária e epistolar de Monteiro Lobato, relacionando-a aos projetos de Identidade Nacional brasileira num recorte temporal que abrange os anos que cercam e compõem o período da Primeira República (1889 até 1930). A história da relação de Lobato com o sanitarismo e o eugenismo é símbolo da própria expansão destes ideais no Brasil. É símbolo também de um momento histórico em que ferramentas provenientes dos centros científicos passaram a ser amplamente utilizadas para delinear nacionalidades compatíveis com a modernidade. Como vários intelectuais de seu tempo, o paulista foi sincero ao recorrer a estes mecanismos, assumindo sua fé na redenção da população brasileira através do laboratório: “Sim, creio na Ciencia” (LOBATO, 1961b, p. 82).

Em um primeiro momento, é possível visualizar uma descrição ácida, pessimista e determinista, com relação ao caboclo e, por consequência, ao Brasil. “Não somos ainda uma nação, uma nacionalidade [...] não somos país, somos região”, escreveu Lobato (1961c, p. 32) a Rangel, em 1915. Em 1916 diria que o interior é constituído por “milhões de pobres criaturas humanas residuais e sub-raciais” (1961c, p. 68). O Jeca é resto, incompletude, incapacidade. Não há Brasil porque não há povo, não há povo porque o Jeca não é, e por algum tempo, sob a ótica do escritor, nunca poderia *ser*. Algum valor destes indivíduos pode ser visto apenas quando eles são postos *contra* algo. Contra os “macaqueamentos” franceses da elite (LOBATO, 1951), contra os parasitas da burocracia urbana (LOBATO, 1961d). No mais, nada.

“Foi mister que nascesse Osvaldo Cruz, que Osvaldo fundasse Manguinhos, que Manguinhos reunisse em seu seio uma pleiade de estudiosos, e que dentre eles Belisario Pena desferisse um grito lancinante de angustia”, assenta Lobato (1956a, p. 237), “para que afinal volvessemos para os males caseiros os olhos ha tantos anos postos nas coisas europeias”. O problema do Brasil, ele via agora, não era a constituição racial do caboclo. Não sendo mal inerente, é perfeitamente possível, por intermédio da Ciência, construir um povo, fazer deste que é “um homem em estado latente” (LOBATO, 1956a, p. 285), alguém. Mas disso não emerge um país, senão nasce uma centelha de esperança – uma grande centelha, ainda assim – de que seria possível, através de uma conversão em massa aos auspícios do laboratório, fundar uma nação. A problemática da constituição demográfica dessa nação, no entanto, não se esgota.

A questão do negro aparece com mais ênfase no livro “O Choque das Raças” (LOBATO, 1956b). A solução branca para evitar que o presidente negro assumisse o poder, e por consequência levasse a cabo a ideia de dividir a América, relaciona-se com discussões promovidas por eugenistas norte-americanos, como já discutido aqui. Mas não há possibilidade de se realizar tal coisa no Brasil, já que o país é miscigenado. Para a personagem que relata as eleições dos EUA em 2228, a segregação tinha sido a melhor solução para o “problema racial”, já que “esse odio, ou melhor, esse orgulho, [...] foi a mais fecunda das profilaxias. Impediu que uma raça desnaturasse, descristalizasse a outra, e conservou a ambas em estado de relativa pureza” (LOBATO, 1956b, p. 207).

Se o caboclo era um homem “como o italiano, o português, o espanhol” (LOBATO, 1956a, p. 285), por que é que um africano “assemelha-se intelectual e moralmente, muito mais a um gorila do que, naturalmente, a um holandês ou italiano” (LOBATO, 1964a, p. 187)? O paradigma evolucionista posicionou o homem no mundo animal, e, como tal, este estaria também submetido a uma hierarquia evolutiva. Ora, os que instituíram o paradigma foram os europeus, e é evidente que estes ocupariam o topo da escala. Mas o que diferencia o caboclo do mulato, por exemplo? Não existem respostas objetivas para estes problemas nos textos de Lobato. Sugerimos, no segundo artigo, que é possível que o escritor estivesse convencido, como no caso dos indígenas, que o branqueamento fosse inevitável, por uma série de fatores. Ressalta-se que este processo poderia ser, aos olhos de seus apologistas, derivado de um efeito natural de redução da natalidade e crescimento da mortalidade negra, para além dos cruzamentos interracialis.

Uma possível via de análise desse fenômeno, parte da noção de identidade paulista. Há, nos discursos sobre a nacionalidade brasileira construídos no século XX, principalmente entre os escritores provenientes de São Paulo, uma série de pressupostos, que tem em sua base a ideia do bandeirante como desbravador, conquistador e precursor da expansão territorial (RAIMUNDO, 2004). Neste meio, é comum que, ao mesmo tempo em que se justifique, ou até mesmo se negue a violência contra os indígenas, se dê ênfase a uma reduzida presença africana no estado. O historiador Alfredo Ellis Junior (1934, p. 96), contemporâneo e defensor dessa posição, apresenta uma síntese do que pensava este grupo de intelectuais:

Em S. Paulo, o negro pouca liga fez com o caboclo. Suas mentalidades eram muito heterogêneas, para que se confundissem em mescla completa. O negro era servil, resignado, humilde. O caboclo, como seu antepassado ameríndio, indômito, intratável, sobranceiro,

insubordinavel. Dahi a pequenissima dóse de mulatos ainda existentes no Estado.

O texto de Ellis Junior é marcadamente ufanista com relação a São Paulo, e ao afirmar que os paulistas não se relacionavam sexualmente com negros, o autor justifica que houve, desde o período escravista, um certo afastamento dessa população. “Não é esse sentimento filho de um odioso preconceito, que nos Estados Unidos se materializa em perseguições [...]. É antes pouca attracção, no que entra uma dóse de piedade por essa estirpe [...]” (1934, p. 97). “O negro em S. Paulo, passa sem deixar vestígios, sem largar resíduos”, ele escreve. “Os poucos que foram absorvidos no turbilhão das mestiçagens, logo a quarta ou quinta geração perderam os signos somatologicos do mulato. São claros, de olhos azues [...]” (1934, p. 98).

O autor se utiliza de dados públicos, que indicam que os negros estão passando por um processo de extinção, dada a baixa natalidade e alta mortalidade. Os motivos são três: a) absorção pela mestiçagem; b) inferioridade sociológica; c) inferioridade psicológica e fisiológica. O escritor não apresenta críticas à gradual eliminação dos negros, indicando que este é um processo natural para indivíduos “conformados”, que “preferem” empregos mal pagos. Os mestiços de branco e negro resultam em seres degenerados, nota. Assim, apenas os mestiços de europeu e índio, ele sustenta (ELLIS JUNIOR, 1934, p. 113), é que apresentam “excellencia do resultado”. Ao longo de quatrocentos anos, estes últimos cruzaram, “produzindo massas nacionalizadas, adensadas paulatinamente em uma mentalidade absolutamente paulista” (ELLIS JUNIOR, 1934, p. 66).

Essa breve síntese do ideal étnico do paulista, representado, grosso modo, pelo afastamento do elemento negro, e a união dos elementos nativo e do velho mundo, pode ser o prisma pelo qual Monteiro Lobato observava o país. Como se procurou deixar claro ao longo das páginas deste trabalho, a renovação do homem brasileiro, para ele, sempre foi sinônimo de regeneração do caboclo. Em seu denso trabalho sobre a Revista do Brasil, que foi de propriedade do próprio Lobato, Tania Regina de Luca (1998) analisa os discursos sobre o bandeirantismo. Ela discute textos que posicionam os bandeirantes como fundadores, não só de São Paulo, mas também do país. Vê-se neste material um firmamento do estado que, para além do passado, era visto como modelo ideal de um futuro e próspero Brasil.

“É erro crasso, o dizer que São Paulo é o Brasil. [...] São Paulo não é Brasil (sem o antes de Brasil). É um fenômeno estranho” (LOBATO, 1964a, p. 190, grifo do autor). Nestas notas de Lobato, provavelmente de 1932, podemos ler uma preocupação clara com a distância entre o desenvolvimento de São Paulo e o do resto do país. Já em um artigo de 1922 (LOBATO, 1964b), ele havia defendido a superioridade paulista, argumentando, de maneira indireta, pela sua secessão – coisa que negaria no segundo texto. De qualquer forma, aqui fica explícito o assentamento de “bandeirante” como sinônimo de “paulista”.

Diante disso, pode-se argumentar que o autor, embebido por teorias científicistas e inserido em um momento de reafirmação de identidades, articulou diferentes conceitos e discussões, de modo a oferecer ao país um caminho para o sucesso econômico, social e civilizacional, que tinha no modelo paulista sua forma maior. Mas isso se devia não ao elemento nativo, e sim ao componente estrangeiro: com uma economia sólida, argumenta Mr. Slang, “o Brasil inteiro se transformará num Estado de São Paulo, que se é o que é deve-o sobretudo a um pouco de braço e cérebro europeu que para lá se encaminhou” (LOBATO, 1956c, p. 32). É possível ainda supor que, as recorrentes críticas ao Rio de Janeiro, para além de discordâncias políticas, estavam associadas à composição racial da cidade, constatada, para ficar em exemplos já utilizados, nas considerações feitas na carta de 1908, ou na menção à KKK.

Para justificar suas posições, assim como sua cosmovisão, o autor ainda fez uso da filosofia de Friedrich Nietzsche, cobrindo-o dos mais altos elogios, que foram detalhados no terceiro artigo. Articulando as críticas culturais do filósofo, Lobato alinhou-se às posturas anticristãs, bradando contra a moralidade religiosa, e interpretando os escritos nietzschianos como complementos para as perspectivas científicas que incorporou em suas obras. No Brasil, Nietzsche foi lido por uma variedade de intelectuais, e apropriado de maneiras distintas. O país passava, como já afirmado, por um processo de modificações institucionais, e é certo que o filósofo serviu para legitimar posturas, tanto como ideal positivo, mostrando um caminho possível, tanto com referência negativa, síntese do inimigo a ser combatido.

Na medida em que Nietzsche também se relacionou com o científicismo de sua época, verifica-se que parte de seus escritos foi direcionada à reflexão sobre fenômenos biológicos e médicos, ligados a intensos conflitos entre visões de mundo. O terceiro artigo traz argumentos que posicionam Lobato e Nietzsche em proximidade quando o assunto é, por exemplo, a crítica à caridade ou as menções ao controle da reprodução pelo Estado.

Procurou-se demonstrar, por outro lado, que Lobato se afastava do filósofo, integrando a fileira dos médicos sanitaristas, responsáveis por cuidar dos fracos e doentes da nação. O ideal do progresso, desprezado pelo alemão, é assumido como fundamento do modo particular do escritor paulista ver o mundo. Pode-se observar a medicina sendo assumida, ao lado da industrialização, como doutrina da modernidade, e, portanto, indispensável para o projeto lobatiano de nacionalidade.

Esse projeto de Monteiro Lobato encontra-se em um contexto de efervescência também de movimentos de construção patrimonial no Brasil. O Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi instituído oficialmente em 1937, com a notável participação de literatos, a exemplo de Mário de Andrade, e cientistas ligados à antropologia, como Roquette-Pinto. Verifica-se, portanto, o empenho da intelectualidade em fundamentar aspectos históricos e culturais que fossem capazes de transpor as diferenças, dando espaço para a formulação de uma certa unidade nacional, expressa pela proteção aos bens considerados de valor “excepcional”. Percebe-se, assim, que o processo de construção de determinadas identidades, pautadas, no caso lobatiano, no caboclo paulista, atende a uma demanda própria da trama brasileira.

É significativo lembrar, ainda, que a primeira publicação lobatiana se caracterizou por uma investigação cultural do Brasil: pedindo aos leitores do jornal O Estado de São Paulo por relatos sobre o Saci, o autor estava clamando pela fixação de mitos próprios para o país. Formado por características das “três raças” que constituem povo brasileiro, o moleque travesso foi adotado como bastião de uma civilização independente, e, portanto, consagrado como espécie de patrimônio nacional. Que outra coisa é o Jeca senão representante de certos aspectos da identidade nacional? A literatura escapa, perfaz, sustenta o patrimônio.

Neste mesmo âmbito, é relevante observar que há um esforço contínuo do escritor para reafirmar as características de uma verdadeira nacionalidade como oposição à importação de práticas europeias, o que na verdade consagra uma substituição destas pelo ideal estadunidense. Não à toa, São Paulo tornara-se referência para o Brasil porque, aos olhos do escritor, aproximava-se mais da crescente industrializadora ianque. O progresso econômico brasileiro estaria, portanto, além de ligado ao sanitarismo e à ciência eugenista - que proporcionariam o aumento da qualidade e, portanto, da produtividade do caboclo -, associado à adoção de tecnologias inovadoras para a extração das riquezas da terra.

Assim, é possível afirmar que a influência da Eugenia nos escritos de Monteiro Lobato, se relaciona de maneira profunda com as propostas de construção de uma identidade nacional brasileira renovada, regida por princípios modernos. A análise das fontes embaça qualquer afirmação categórica sobre práticas execráveis de Lobato em relação aos pobres e oprimidos, neste contexto. Em vários momentos é possível encontrá-lo acusando os homens brancos da elite pela miséria que corroía a realidade nacional. A Eugenia nos escritos lobatianos, portanto, parece somar-se ao vasto ferramental apropriado por Lobato para colocar o Brasil nos eixos.

Por outro lado, não é suficiente dizer que Lobato foi um “homem de seu tempo”. Este tipo de afirmação, muitas vezes bem-intencionada, procurando evitar anacronismos, acaba minimizando a responsabilidade e a autonomia dos indivíduos em suas relações no espaço-tempo. É possível aceitar, assim, que o escritor foi, de fato, racista e eugenista. Ao mesmo tempo, como bem nos lembra Pietra Diwan (2007), falar da presença de conceitos e perspectivas eugênicas nas posturas dos homens e mulheres deste período, não é fazer condenações, senão constatações. A rejeição moral a estas posturas deve ser, é claro, uma posição inabalável. Ainda assim, essa disposição não deve ser convertida em uma tentativa de se apagar o passado. Pensar a história de maneira crítica e contextualizada é, antes de tudo, assumir uma visão consciente sobre o que já aconteceu, de forma a arraigar bases firmes sobre as quais podemos lançar um olhar prudente sobre o porvir.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antonio Augusto. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. *In*: BARRIO, Angel Espina; MOTTA, Antonio; GOMES, Mario Helio (Org.). **Inovação cultural, patrimônio e educação**, p. 52-63, 2011.
- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução de José R Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.
- BELTRAMINI, Daniele Cristina Mendes. **As cartas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira: Um Estudo na perspectiva do Patrimônio e Memória**. 2018. Dissertação de Mestrado (Patrimônio Cultural e Sociedade) - Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/1551413/Daniele_Cristina_Mendes_Beltramini.pdf. Acesso em: 22 jan. 2020.
- BLACK, Edwin. **A Guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante**. São Paulo: A Girafa, 2003.
- BOWLER, Peter J. **Evolution: the history of an idea**. 3. ed. Berkeley: University of California Press, 2003.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.
- BURKE, Edmund. **Reflections on the revolution in France**. New Haven: Yale University Press, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- DA MATTA, Roberto. **O que faz do Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DE LUCA, Tania. Regina. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- DEVÉS -VALDÉS, Eduardo. **Pensamiento Periférico Asia, África, América Latina, Eurasia y más: Una tesis interpretativa global**. Santiago: Ariadna Ediciones, 2017.
- DIWAN, Pietra. **Raça Pura**. São Paulo: Contexto, 2007.
- EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. Lisboa: Actividades Editoriais, 2003.

EDELSON, Edward. **Gregor Mendel, and the roots of genetics**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.

EGAN, Kieran. **Getting it wrong from the beginning**: our progressivist inheritance from Herbert Spencer, John Dewey and Jean Piaget. Londres: Yale University Press, 2004.

ELLIS JUNIOR, Alfredo. **Populações Paulistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

GALTON, David J. Greek Theories on Eugenics. **Journal of Medical Ethics**, v. 24, n. 4, p. 263–267, 1 ago. 1998.

GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development**. Nova Iorque: Macmillan and Co, 1883.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HABERMAS, Jürgen. **O Futuro Da Natureza Humana: a Caminho De Uma Eugenia Liberal?** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAUSER, Albert. **The sociology of art**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX; 1914 - 1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HOCHMAN, Gilberto.; LIMA, Nísia Trindade; MAIO, Marcos Chor. The Path of Eugenics in Brazil: Dilemmas of Miscegenation. **The Oxford Handbook of the History of Eugenics**, 24 set. 2010. Disponível em: <http://oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780195373141.001.0001/oxfordhb-9780195373141-e-30>. Acesso em: 10 maio. 2018.

KEHL, Renato. A Eugenia no Brasil. *In*: COUTO, Miguel (Ed.). **Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia - Actas e Trabalhos**. Rio de Janeiro: [s.n.], p. 45–62.

KEVLES, Daniel. J. **In the name of eugenics: genetics and the uses of human heredity**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

LACERDA, João Batista de. The metis, or half-breeds, of Brazil. *In*: UNIVERSAL RACES CONGRESS. **Papers on inter-racial problems communicated to the First Universal Races Congress**. Londres: King & Son, 1911.

LE BON, Gustave. The Study of Races and Present-day Anthropology. **Review Scientifique**, p. 40, 17 dez. 1881.

LE BON, Gustave. The Influence of Race in History. **Review Scientifique**, p. 18, 28 abr. 1888.

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.
- LENNOX, James G. Darwin Was a Teleologist. **Biology & Philosophy**, v. 8, n. 4, p. 409–421, out. 1993.
- LOBATO, Monteiro. **Idéias de Jeca Tatu**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- LOBATO, Monteiro. Problema Vital. *In: Mr Slang e o Brasil e Problema Vital*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956a. p. 223–329.
- LOBATO, Monteiro. O Presidente Negro. *In: LOBATO, M. A Onda Verde e O Presidente Negro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956b. 125–324.
- LOBATO, Monteiro. **Mr Slang e o Brasil e Problema Vital**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956c.
- LOBATO, Monteiro. Entrevistas. *In: LOBATO, M. Prefacios e Entrevistas*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. p. 135–289.
- LOBATO, Monteiro. Prefacios. *In: LOBATO, M. Prefacios e Entrevistas*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b. p. 3–134.
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961c. v. 1
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961d. v. 2
- LOBATO, Monteiro. **Conferências, Artigos e Crônicas**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964a.
- LOBATO, Monteiro. **Na Antevéspera**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964b.
- LOBATO, Monteiro. **Críticas e Outras Notas**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- LOBATO, Monteiro. Cidades Mortas. *In: LOBATO, M. Contos Completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014a. p. 191–338.
- LOBATO, Monteiro. Urupês. *In: LOBATO, M. Contos Completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014b. p. 37–191.
- LOTIERZO, Tatiana H. P. **Contornos do (in)visível: A redenção de Cam, racismo e estética na pintura brasileira do último oitocentos**, 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-18122013-134956/>. Acesso em: 12 maio. 2018.
- MAYR, Ernst. **O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança**. Brasília: UNB, 1998.
- MAYR, Ernst. The Philosophical Foundations of Darwinism. **Proceedings of the American Philosophical Society**, v. 145, n. 4, p. 488–495, 2001.

O GLOBO. Conselho de Educação quer banir livro de Monteiro Lobato das escolas. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 29 out. 2010. Sociedade. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/conselho-de-educacao-quer-banir-livro-de-monteiro-lobato-das-escolas-1-2932701>. Acesso em: 14 ago. 2018.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PESAVENTO, Sandra J. História & Literatura: uma velha-nova história. *In*: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (Org.). **História e literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 11–28.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

RAIMUNDO, Sílvia Lopes. Bandeirantismo e identidade nacional. Representações geográficas no Museu Paulista. **Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 6, 1 jan. 2004. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/375>. Acesso em: 25 dez. 2019.

RODRIGUES, Nina. mestiçagem, degenerescência e crime. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 4, p. 1151–1180, dez. 2008.

ROLL-HANSEN, Nils. Eugenics and the Science of Genetics. **The Oxford Handbook of the History of Eugenics**, 24 set. 2010. Disponível em: <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780195373141.001.0001/oxfordhb-9780195373141-e-5>. Acesso em: 8 ago. 2018.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas sobre os typos anthropologicos do Brasil. *In*: COUTO, M. (Ed.). **Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia - Actas e Trabalhos**. Rio de Janeiro: [s.n.], p. 119–148.

SALANSKIS, Emmanuel. Sobre o Eugenismo e Sua Justificação Maquiaveliana Em Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, v. 32, p. 167–201, 2013.

SANDEL, Michael. J. **Contra a perfeição: Ética na era da engenharia genética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil; 1870 - 1930**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004.

SCRUTON, Roger. Zeitgeist. *In*: SCRUTON, R. **The Palgrave Macmillan dictionary of political thought**. 3. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007a. p. 743.

SCRUTON, Roger. Hegel. *In*: SCRUTON, R. **The Palgrave Macmillan dictionary of political thought**. 3. ed. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007b. p. 293–295.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 1, n. 2, p. 144–166, dez. 2008.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As ideias eugênicas no Brasil: ciência, raça e projeto nacional no entre-guerras. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 6, n. 11, 12 jul. 2012. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/1877>. Acesso em: 11 maio. 2018.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 23, n. 1, p. 93–110, dez. 2016.

STANCIK, Marco Antonio. Os Jecas do Literato e do Cientista: Movimento Eugênico, Higienismo e Racismo na Primeira República. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes**, v. 13, n. 1, 22 jul. 2009. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/535>. Acesso em: 13 ago. 2018.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. *In*: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (Org.). **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. p. 331–391.

TODOROV, Tzvetan. **Imperfect garden: the legacy of humanism**. Princeton: Princeton University Press, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **The fear of barbarians: beyond the clash of civilizations**. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

TURDA, Marius. **Modernism and eugenics**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2010a.

TURDA, Marius. Race, Science, and Eugenics in the Twentieth Century. **The Oxford Handbook of the History of Eugenics**, 24 set. 2010b. Disponível em: <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780195373141.001.0001/oxfordhb-9780195373141-e-4>. Acesso em: 8 ago. 2018.

VALENTE, Thiago Alves. **Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2005.

VOEGELIN, Eric. The Origins of Scientism. **Social Research**, v. 15, n. 4, p. 462–494, 1948.

VOEGELIN, Eric. **A Nova Ciência da Política**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

VOEGELIN, Eric. **Plato and Aristotle**. Columbia: University of Missouri Press, 2000.

WESTPHAL, Euler Renato Westphal. O aborto de vida inútil: a vida entre a secularização e o sagrado. **Mirabilia Journal - Medicine**, v. 2, p. 88–104, 1 jul. 2015.

WESTPHAL, Euler Renato. **Brincando no paraíso perdido: As estruturas religiosas da ciência**. São Bento do Sul: União Cristã, 2006.

ANEXOS

ANEXO I – CORRESPONDÊNCIAS: LOBATO E KEHL

NOTA

As cartas aqui reunidas foram coletadas na Fundação Oswaldo Cruz. A maior parte delas foi fotografada pelo autor, a partir de uma visita à Casa de Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Cartas adicionais, bem como contribuições para as transcrições, foram gentilmente cedidas pela professora Dra. Geandra Denardi Munareto, e pelo professor Dr. Vanderlei Sebastião de Souza, aos quais reitero meus agradecimentos. Adaptando a prática adotada pelo professor Dr. Emerson Tin em sua tese, foram utilizados os seguintes critérios:

- I. A ortografia foi mantida conforme os originais (com exceção dos casos de erros claros de datilografia, para facilitar a compreensão);
- II. Trechos cuja interpretação não foi alcançada, seja por questões de caligrafia ou de manchas ou rasuras, estão sinalizados pela expressão “[ilegível]”. Suposições estão marcadas com chaves: “{exemplo}”.
- III. Notas de rodapé foram adicionadas nos trechos em que foi possível identificar alguma referência;
- IV. Para garantir o melhoramento das transcrições por parte dos futuros leitores e pesquisadores, foram disponibilizadas as fotografias das cartas.

[06-04-1918] Número 2. De Monteiro Lobato para Renato Kehl.

Guardar
1ª carta
que recebi do
Lobato.
1918
2

Maio 6. 4. 18

Meu Sr Renato Kehl
 Srto.

Saudações

Chego de ler a sua conferência sobre a Eugenia, lida na A. C. d. U. e confesso-me surpreendido por si apra. tratar crebriamente com um espirito tão brilhante como o seu, tratando para tão nobres ideias e servido, na exposição de pensamentos, por um estilo vertoroso "eugenico" pela clareza, espilidade e rigo vernacular.

Quanto ao consentimento que me pede a Sociedade Eugenia para reproduzir o artigo publicado no "Estado" hi tento a objectar que i isso uma honra inmensa, e, entretanto, a liberdade julga d'algum proveito pratico a divulgação de tal, hi que rest. deixar a pui autorisa-
 cõ plena para usar de tal como lhe aprouver.

Seu mais, em a cruzim-rtim
 publcou-u
 a i a
 Monteiro Lobato

R. Formosa 59

Foi Renato Kehl quem editou e prefaciou o 1.º livro de autoria de Monteiro Lobato: "Problema Vital".

[MANUSCRITO]

S. Paulo 6.4.918

Illmo. Dr. Renato Kehl
[ilegível]

Saudações

Acabo de ler a sua conferencia sobre Eugénia, lida na A. C. de M.⁸⁹ e confesso-me envergonhado por só agora travar conhecimento com um espirito tão brilhante como o teu, untado para tão nobres ideaes e servido, na expressão do pensamento, para um estylo verdadeira^{te}, "eugenico" pela clareza, equilibrio e rigor vernacular.

Quanto ao consentimento que me pede a Sociedade eugenica para reproduzir os artigos publicados no "Estado"⁹⁰ só tenho a objectar que é isso uma honra imerecida. Se, entretanto, a Sociedade julga d'algum proveito pratico a divulgação delles, só me resta deixar ahi autorização plena para usar delles como lhe aprouver.

Sem mais, [ilegível] publicar-me

a e a^a.

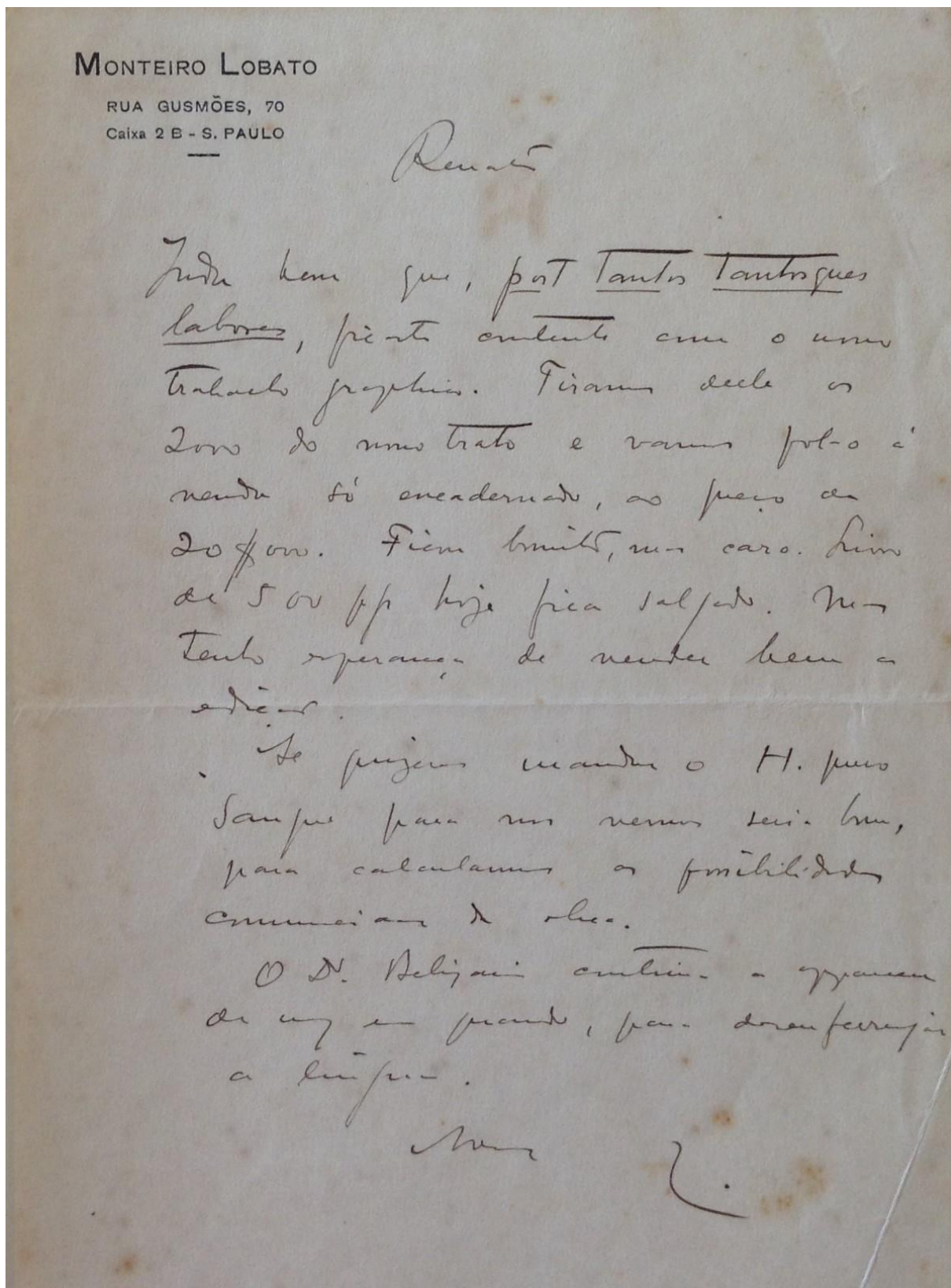
J B Monteiro Lobato

R. Formosa 59

⁸⁹ Associação Cristã de Moços. Kehl realizou uma palestra nesta instituição em 1917. Esta é considerada uma das primeiras defesas públicas da Eugenia no Brasil.

⁹⁰ Referência aos artigos reunidos em *Problema Vital*, lançado em 1918 com apoio da Sociedade Eugênica de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento.

{1922-1923}⁹¹ Número 4. De Monteiro Lobato para Renato Kehl.



⁹¹ Endereço da Monteiro Lobato & Cia a partir de 1922, marcado na carta. Como o texto trata, provavelmente, da obra *A Cura da Fealdade*, que em 1923 estava sendo vendida, em edição encadernada, por 20\$000, é bastante provável que a data máxima seja este ano.

[TIMBRADO NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO]:

MONTEIRO LOBATO
RUA GUSMÕES, 70
CAIXA 2 B - S. Paulo

[MANUSCRITO]

Renato

Ainda bem que, *post tantos tantosques labores*⁹², ficaste contente com o meu trabalho graphico. Tiram os dells as 2000 do nosso trato e vamos pol-o à venda só encadernado, ao preço de 20\$000. Ficam bonitos, mas caro. Livro de 500 pp hoje fica salgado. Mas tenho esperanças de vender bem a edição

Se {puderes} mandar o [ilegível] para nós vermos seria bom, para calcularmos as possibilidades commerciaes da obra.

O Dr. Belisario contribui a [ilegível] de vez em quando, para desferrujar a língua.

[visto] L.

⁹² Expressão latina, que pode ser traduzida por “depois de tantos e tamanhos trabalhos”, ou ainda “depois de tanta labuta”.

{1922-1923}⁹³ Número 5. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

Renato

Recebi carta e conferência, e mandei-a ao Estado para elle fazer mais divulgação que a sua revista de.

Um parabens pelo sucesso de vendas ao lar. É a justa recompensa de quem se dedica a trabalhar a sério com você. A cura da fealdade não tem uma fórmula cabida, está cheia de bichos caetés. É de os feios, incluído eu, um campo o livro p. você se esmentam o feio. Mas se não lhe animar um mais prático de estabelecer um tanto mais, lyubam. tá, no certo!

De ao D. Nelson e um parabens e a de revista pela vitória de seu curso no curso sempre. Inquirido esse sucesso a humaria não.

É de que você sempre está cheio e feiíssimo a:

Lobato

⁹³ Por conta da menção à venda do livro *A Cura da Fealdade*, de Renato Kehl, publicado em 1923, é possível estimar a data dessa carta entre estes anos.

[MANUSCRITO]

Renato

Recebi carta e conferencia, e mandei-a ao Estado⁹⁴ porque ella merece mais divulgação que a que a revista dá.

Meus parabéns pelo [ilegível] {Médico no Lar}⁹⁵. É a justa recompensa de quem se esforça e trabalha a serio como voce. A cura da fealdade vae ter uma formidavel sahida, esta tem de [ilegível] caretas. Todos os feios, inclusive eu, vão comprar o livro p: ver se aumentam o focinho. Mas se não lhes ensinar um meio pratico de embelezar instantaneamente, lyncham-te, na certa!

Dê ao Dr. Belisario os meus parabens e os da revista pela [ilegível] de seu [ilegível] ao mundo europeu. [ilegível] elle merece a honraria rara.

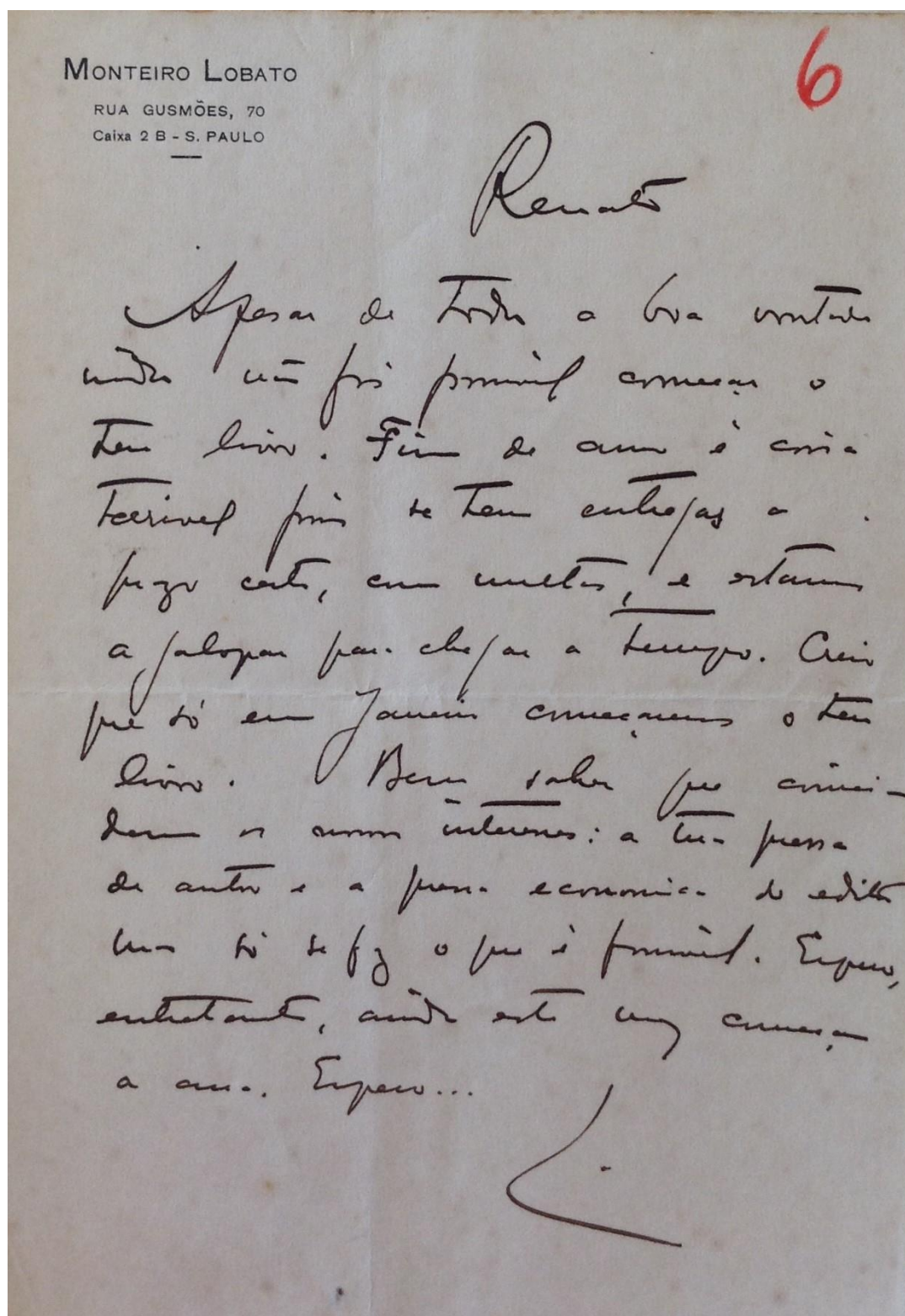
E [ilegível] voce sempre deste velho e feíssimo a⁹⁶:

Lobato

⁹⁴ Jornal O Estado de São Paulo.

⁹⁵ Livro primeiramente publicado por Kehl em 1919.

⁹⁶ Provável abreviação de “amigo”.

{1922-1923}⁹⁷ Número 6 – De Monteiro Lobato para Renato Kehl

⁹⁷ Ano anterior à publicação de *A Cura da Fealdade*. Sugere-se essa datação, porque o endereço na Rua Gusmões foi ocupado a partir de 1922, e o livro de Kehl começa a aparecer nos jornais em 1923. Se assim for, o conteúdo da carta permite inferir que ela antecede as cartas em que Lobato fala do preço e do trabalho gráfico dedicado ao mesmo, já que aqui o material parece estar pronto para ser publicado.

[TIMBRADO NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO]:

MONTEIRO LOBATO
RUA GUSMÕES, 70
CAIXA 2 B - S. Paulo

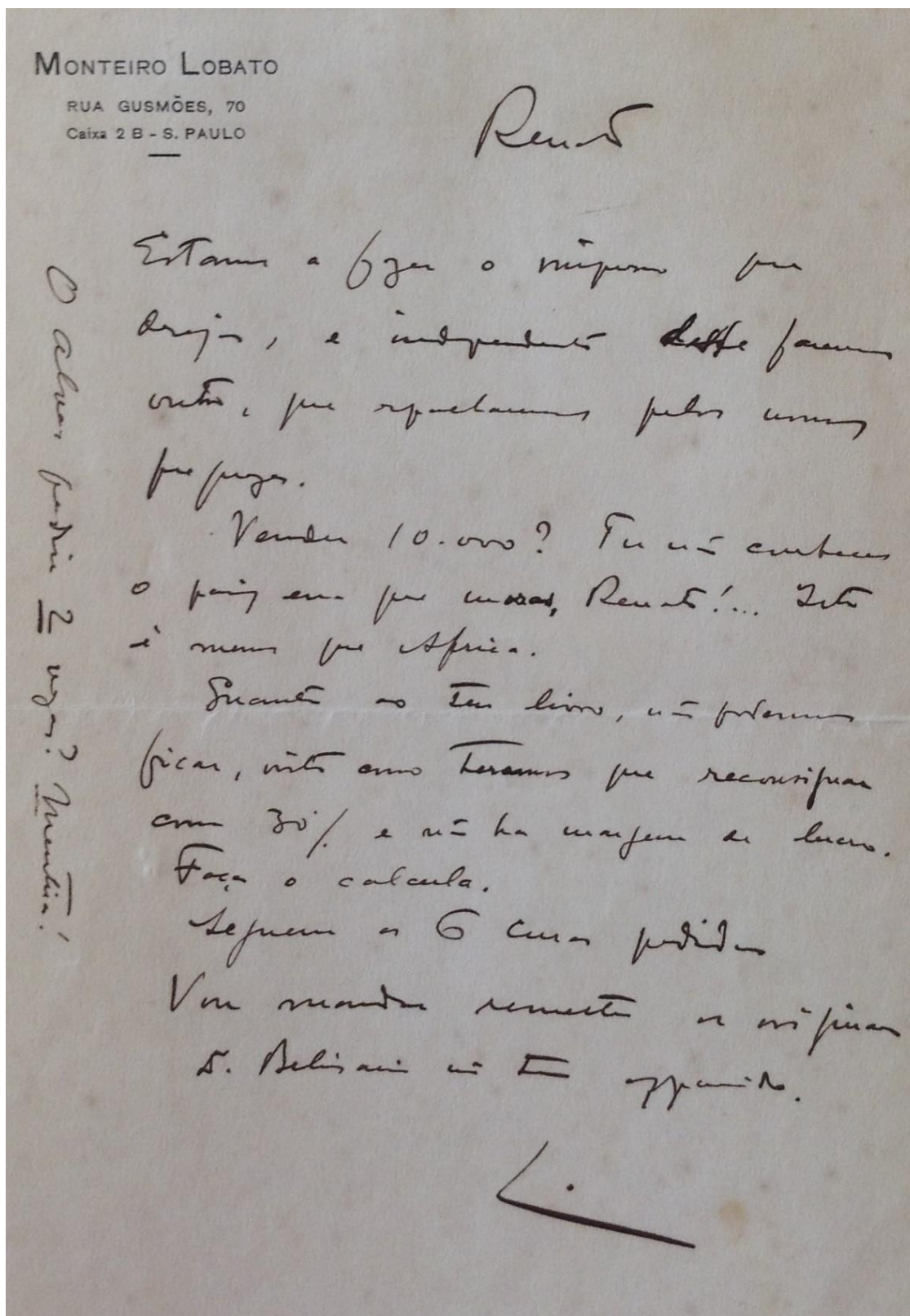
[MANUSCRITO]

Renato

Apesar de toda a boa vontade ainda não foi possível começar o teu livro. Fim de ano é coisa terrível pois se tem entregas a prazo certo, com multas, e estamos a galopar para chegar a tempo. Assim que só em Janeiro começaremos o teu livro. Bem sabes que coincidem os nossos interesses: a tua pressa de autor e a pressa económica de editor mas só se faz o que é possível. Espero, entretanto, ainda este mez começar a Cura⁹⁸. Espero...

L.

⁹⁸ *A Cura da Fealdade.*

{1922/1923}⁹⁹ Número 7. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

⁹⁹ Ao que parece, a carta faz referência ao livro *A Cura da Fealdade*, e estes são os anos mais prováveis para o conteúdo.

[TIMBRADO NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO]:

MONTEIRO LOBATO
RUA GUSMÕES, 70
CAIXA 2 B - S. Paulo

[MANUSCRITO]

Renato

Estamos a fazer o [ilegível] que deseja, e independente desse [ilegível].
Vender 10.000? Tu não conheces o paiz em que vives, Renato!... Isto é menos que Africa.
Quanto ao teu livro, não podemos ficar, visto como teremos que [ilegível] com
30% e não há margem de lucro. Faça o calculo.
Seguem as 6 Curas pedidas
Vou mandar somente os [ilegível].
Dr. Belisario não {tem apparecido}.

L.

[MANUSCRITO NA LATERAL]

O [ilegível] pediu 2 vezes? Mentira!

{1923}¹⁰⁰ Número 8. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

MONTEIRO LOBATO

RUA GUSMÕES, 70
Caixa 2 B - S. PAULO

Renato

Que livro está lendo. Vou
faltar. Foi brevemente
fartado e saiu a contento.
Sabe a razão de deixar?

Acabou o "ouro" # de um
caderneta, e foi muito
quando brincar no Rio.

Em todo o caso está fazendo.
A falta receber a
crista e ter esse parte
a vend.

O Sr. D. tem estado
a fim e fim. um e
breve. furtivo.

M. L.

¹⁰⁰ Ano da publicação de *A Cura da Fealdade*.

[TIMBRADO NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO]:

MONTEIRO LOBATO
RUA GUSMÕES, 70
CAIXA 2 B - S. Paulo

[MANUSCRITO]

Renato

Seu livro está lindo. Vaes gostar. Foi longamente gestado e saíu a contento. Sabe a razão de demorar? Se acabou o {"couro"} de encadernação e foi [ilegível] mandar buscar no Rio. Em todo caso esta semana sem falta receberás a coisa e será elle posto à venda.

O Dr. B¹⁰¹. Tem estado aqui e já o viu em brochura. Gostou.

[visto] L.

¹⁰¹ Dr. Belisário Penna.

{1923}¹⁰² Número 9. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

MONTEIRO LOBATO

RUA GUSMÕES, 70
Caixa 2 B - S. PAULO

Renato

Recebi tu carta. A quem já
 fui já todos os livros. Mas eles
 boycotam Waucho, e não repetem pedidos.
 Vender o que mandamos e muito!
 É incrível! É se, sabendo que
 qualque de nós não fomos mais o livro,
 mandamos nova remessa, sabe o que aca-
 tase? Devolvem-nos, dizendo que não
 pediram! É o que he de odiar. O Rio
 está fecho para nós. Procurando obter
 isso, está combinando com o Wladimir
 Bernardes um depósito de livros novos
 em fogeta, em annuários constantes.
 At mesmo um pouco de livros sem
 encomendas.

Vou mandar-te o exemplar
 de o folha

X
 L. Kehl

¹⁰² Ano de publicação de A Cura da Fealdade.

[TIMBRADO NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO]:

MONTEIRO LOBATO
RUA GUSMÕES, 70
CAIXA 2 B - S. Paulo

[MANUSCRITO]

Renato

Recebi tua carta. A cura já foi p: todas as livrarias. Mas ellas boycotam S. Paulo, e não repetem pedido. Vendem as que mandamos e muito! É incrível! E se, sabendo nós que qualquer delas não possui mais o livro, mandamos nova remessa, sabe o que acontece? Devolvem-nos, dizendo que não pediram! É o que ha de odioso. O Rio está fechado para nós. Procurando abreviar isso, estou combinando com o Wladimir Bernardes¹⁰³ meu depósito de livros novos na Gazeta [ilegível] constantes.

Ao menos num ponto os livros serão encontrados.

Vou mandar-te os exemplares p: os [ilegível].

[visto]
Lobato

¹⁰³ Wladimir Bernardes ou Vladimir Bernardes, se tornou proprietário da Gazeta de Notícias em 1923, mantendo a posse até 1949.

{1926-1927}¹⁰⁴. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

Renato.

Tu és o pae da Eugénia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu Choque, grito de guerra pró-eugénia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, vaes perdoar a este estrompado amigo. Quando passares no Leite Ribeiro entra e pega com a caixa o exemplar que te destinei. Precisamos lançar, vulgarizar essas ideias. A humanidade precisa de uma coisa só: póda. É como a vinha.

Lobato

[MANUSCRITO]

Renato

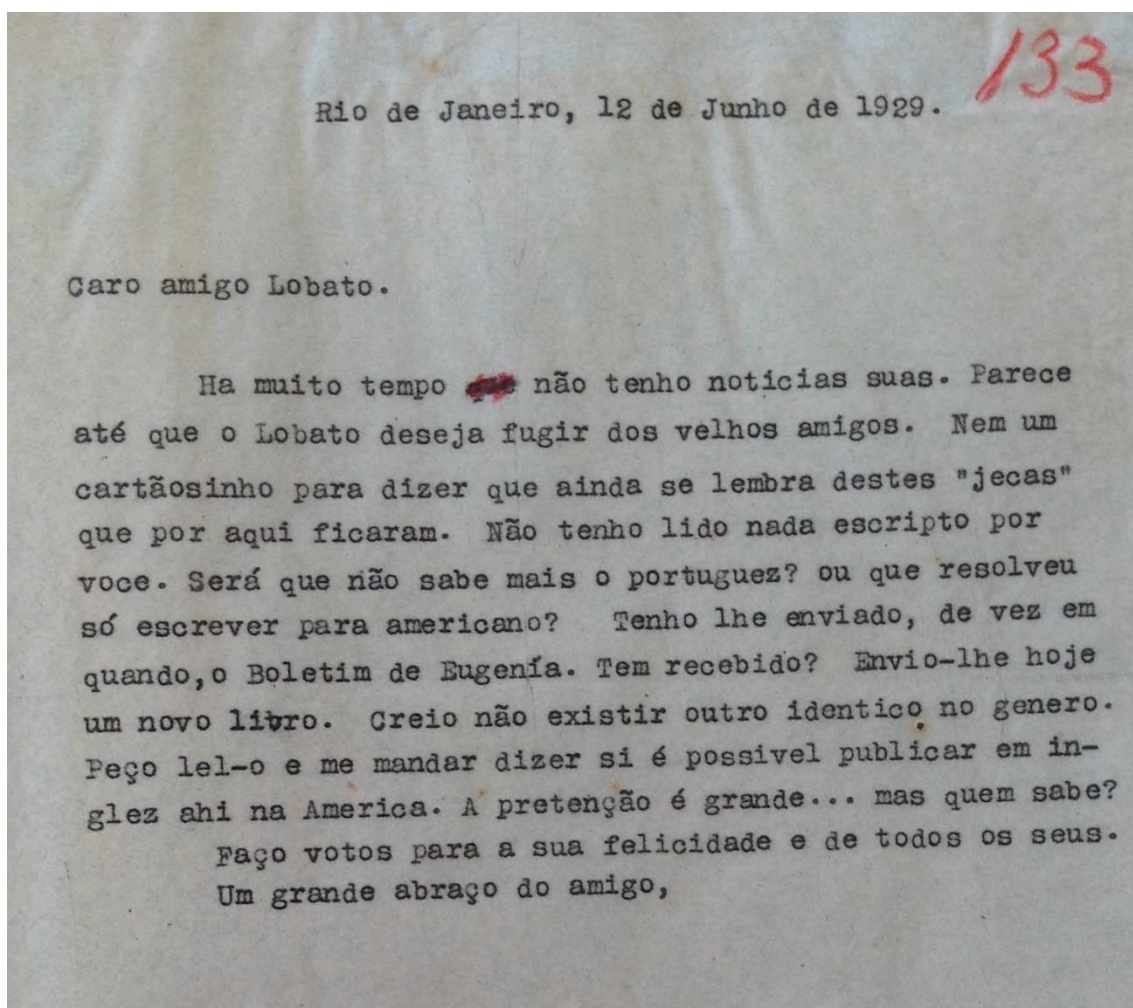
Tu és o pae da Eugénia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu Choque, grito de guerra pró-eugénia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, vaes perdoar a este estrompado amigo. Quando passares no Leite Ribeiro¹⁰⁵ entra e pega com a caixa o exemplar que te destinei. Precisamos lançar, vulgarizar essas ideias. A humanidade precisa de uma coisa só: póda. É como a vinha.

Lobato

¹⁰⁴ Lobato publicou *O Choque das Raças* em 1926. Em 1927 ele partiu para os Estados Unidos. Supomos que Lobato tenha deixado pessoalmente a caixa de exemplares para Kehl. Também é possível sugerir que o livro havia sido publicado há pouco tempo.

¹⁰⁵ Livraria e Editora fundada em 1917. Localizava-se no Rio de Janeiro.

[12/06/1929] Número 133 – de Renato Kehl para Monteiro Lobato



[DATILOGRAFADO]

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1929.

Caro amigo Lobato.

Há muito tempo ["que" riscado] não tenho noticias suas. Parece até que o Lobato deseja fugir dos velhos amigos. Nem um cartãosinho para dizer que ainda se lembra destes "jecas" que por aqui ficaram. Não tenho lido nada escripto por voce. Será que não sabe mais o portuguez? Ou que resolveu só escrever para americano? Tenho lhe enviado, de vez em quando, o Boletim da Eugénia. Tem recebido? Envio-lhe hoje um novo livro. Creio não existir outro identico no genero. Peço lel-o e me mandar dizer si é possivel publicar em inglez ahi na America. A pretensão é grande... Mas quem sabe?

Faço votos para a sua felicidade e de todos os seus.

Um grande abraço do amigo,

[08/07/1929] Número 135. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

N.B. 135
New York, 8, July, 1929

Meu caro Renato,

Recebi tua carta e o livro. Muito obrigado por ainda te lembrares do velho Lobato, desertor das fileiras belletristicas onde continuas firme como um rochedo, para bem do paiz. Teus livros se caracterizam por um admiravel sendo de oportunidade e se fossem lidos na medida necessaria, grandes beneficios trarãam ao feio e doentio povo dessa nossa boa terra. Infelizmente a parte da população que mais necessita das tuas lições não as tomará, porque não tem dinheiro para livros, nem sabe ler...

Não creio, meu caro Renato, que possas editar teu livro aqui. Não pode haver paiz onde a eugenia esteja mais proclamada, estudada, praticada, "livrada" do que este. O numero de estudos especializados que sobre tal assumpto apparecem é enorme e manus como o teu circulam aos centos e estão em todas as escolas. A idéa está tão adiantada que já começam a apparecer "filhos eugenicos". Um senhora da alta sociedade mezes atraz occupou durante varios dias a front page dos jornaes mexeriqueiros graças á audacia com que, rompendo contra todos os preconceitos, resolveu ter um filho eugehico segundo todos os preceitos da sciencia e sem se ligar legalmente a nenhum homem. Escolheu um admiravel typo de ^{macho} ~~homem~~, fel-o estudar sobre todos os aspectos e achando fit para o fim que tinha em vista fez-se fecundar por elle. Disso resultou uma menina que está sendo criada numa farm especial- mente adaptada para nursery eugenica e lá vae ^{ella} conduzindo a sua experiencia de ouvidos fechados a todas as censuras da bigotry.

Seu exemplo já foi imitado e dentro dalguns annos a sciencia terá alguns factos novos a estudar.

Eu, meu caro, retirei-me da activa. Aqui permanço, sempre embasbacado deante da grandeza deste povo, em marcha segura para a criação de algo inteiramente novo nos annaes da humanidade. A razão de não escrever para ahi é uma razão psychologica: é psychologicamente impossivel dar com palavras velhas de uma lingua velha e pauperrima como a nossa, uma vaga idéa do que é e do que está fazendo o ~~americano~~ americano. A força, a grandeza, a novidade do phenomeno americano no mundo só podem ser contadas em inglez e para---allemaes. Creio que no mundo só o allemão, cujo cerebro é o que voce sabe, pode comprehender a America. Dahi vem a onda de imbecilidades que corre mundo sobre este paiz. E' daqui que se alcança bem ^{a humana} ~~uma~~ incapacidade de comprehensão dos phenomenos novos, ^{quando não ha} ~~sem~~ paragon anteriores a que possam ser referidos. Acabo de verificar isso com o caso da Miss Brasil. Assombrei-me com o que li nos jornaes do Brasil. Tres reporters que vieram com ella phantasiaram á vontade o que " elles desejariam que fosse a estadia della aqui" e impingiram o sonho como cousa realisada. O desconhecimento e incomprehensão da America no Brasil é tamanho que juro que 85% dos leitores dos nossos jornaes enguliram a mystificação e ficaram convencidos que a nossa pobre menina teve recepção em New York. A monstruosidade dessa peta vem provar a minha these.

Adeus, meu caro. Vou ler o teu livro logo que tenha oportunidade, completando assim as lambidelas ao acaso com que já o esteeiei. Adeus. Muitas recommendações ao Dr Relisario e mande

no velho camarada

Colato

3505 Broadway
New York City

Seu exemplo já foi imitado e dentro dalguns annos a sciencia terá alguns factos novos a estudar.

Eu, meu caro, retirei-me da activa. Aqui permanço, sempre embasbacado deante da grandeza deste povo, em marcha segura para a criação de algo inteiramente novo nos annaes da humanidade. A razão de não escrever para ahi é uma razão psychologica: é psychologicamente impossivel dar com palavras velhas de uma lingua velha e pauperrima como a nossa, uma vaga idéa do que é e do que está fazendo o americano. A força, a grandeza, a novidade do phenomeno americano no mundo só podem ser contadas em inglez e para---allemaes. Creio que no mundo só o allemão, cujo cerebro é o que voce sabe, pode comprehender a America. Dahi vem a onda de imbecilidades que corre mundo sobre este paiz. E' daqui que se alcança bem a humana incapacidade de comprehensão dos phenomenos novos, quando não ha sem paragon anteriores a que possam ser referidos. Acabo de verificar isso com o caso da Miss Brasil. Assombrei-me com o que li nos jornaes do Brasil. Tres reporters que vieram com ella phantasiaram á vontade o que " elles desejariam que fosse a estadia della aqui" e impingiram o sonho como cousa realisada. O desconhecimento e incomprehensão da America no Brasil é tamanho que juro que 85% dos leitores dos nossos jornaes enguliram a mystificação e ficaram convencidos que a nossa pobre menina teve recepção em New York. A monstruosidade dessa peta vem provar a minha these.

Adeus, meu caro. Vou ler o teu livro logo que tenha oportunidade, completando assim as lambidelas ao acaso com que já o esteeiei. Adeus. Muitas recommendações ao Dr Relisario e mande no velho camarada

Colato

3505 Broadway
New York City

[DATILOGRAFADA]

New York, 8, Julho, 929

Meu caro Renato,

Recebi tua carta e o livro. Muito obrigado por ainda te lembrares do velho Lobato, desertor das fileiras belletrísticas onde continuas firme como um rochedo, para bem do paiz. Teus livros se caracterizam por um admiravel senso de oportunidade e se fossem lidos na medida necessaria, grandes beneficios trariam ao feio e doentio povo dessa nossa boa terra. Infelizmente a parte da população que mais necessita das tuas lições não as tomará, porque não tem dinheiro para livros, bem sabe ler...

Não creio, meu caro Renato, que possas editar teu livro aqui. Não pode haver paiz onde a eugenia esteja mais proclamada, estudada, praticada, "livrada" do que este. O numero de estudos especializados que sobre tal assumpto apparecem é enorme e manuaes como o teu circulam aos centos e estão em todas as escolas. A idéa está tão adiantada que já começam a apparecer "filhos eugenicos". Uma senhora da alta sociedade mezes atraz occupou durante varios dias a front page dos jornaes mexeriqueiros graças á audacia com que, rompendo contra todos os preconceitos, resolveu ter um filho eugenico segundo todos os preceitos da sciencia e sem se ligar legalmente a nenhum homem. Escolheu um admiravel typo de ["homem" riscado] macho, fel-o estudar sobre todos os aspectos e achando fit para o fim que tinha em vista fez-se fecundar por elle. Disso resultou uma menina que está sendo criada numa farm especialmente adaptada para nursery eugenica e lá vae ella conduzindo a sua experiencia de ouvidos fechados a todas as censuras da bigotry. Seu exemplo já foi imitado e dentro dalguns annos a sciencia terá alguns factos novos a estudar.

Eu, meu caro, retirei-me da activa. Aqui permaneço, sempre embasbacado deante da grandeza deste povo, em marcha segura para a creação de algo inteiramente novo nos annaes da humanidade. A razão de não escrever para ahi é uma razão psychologica: é psychologicamente impossivel dar com palavras velhas de uma lingua velha e pauperrima como a nossa, uma vaga idéa do que é e do que está fazendo o americano. A força, a grandeza, a novidade do phenomeno americano no mundo só podem ser contadas em inglez e para --- allemães. Creio que no mundo só o allemão, cujo cerebro é o que voce sabe, pode comprehender a America. Dahi vem a onda de imbecilidades que correm mundo sobre este paiz. É daqui que se alcança bem a humana incapacidade de comprehensão dos phenomenos novos quando não há paragons anteriores a que possam ser referidos. Acabo de verificar isso com o caso da Miss Brasil. Assombrei-me com o que li nos jornaes do Brasil. Tres reporters que vieram com ella phantasiaram á vontade o que "elles desejariam que fosse a estadia della aqui" e impingiram o sonho como cousa realisada. O desconhecimento e incomprehensão da America no Brasil é tamanho que juro que 85% dos leitores dos nossos jornaes enguliram a mystificação e ficaram convencidos que a nossa pobre menina teve recepção em New York [sublinhado feito a mão]. A monstruosidade dessa peta vem provar minha these.

Adeus, meu caro. Vou ler o teu livro logo que tenha oportunidade, completando assim as lambidelas ao acaso com que já o estreeiei. Adeus. Muitas recommendações ao Dr Belisario e mande no velho camarada [assinado] Lobato.

[MANUSCRITO NA LATERIAL ESQUERDA]: Tenho recebido, sim, o Boletim de Eugenia e admirado o teu heroísmo e fidelidade a uma grande idea...

[MANUSCRITO] 3503 Broadway New York City

[09/10/1929] Número 147. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

147

New York, 9, Out, 1929

Meu caro Renato,

Recebi tua comunicação ao 1º Congresso de Eugenia e li-a... Meu caro, dá-me a impressão de um D. Quixote científico, com todo o nobre entusiasmo do manchego mas sem a loucura delle, a pregar para uma legião de Panças. O que dizes é o que ha de sensato, de sabio, de util, de interessante, mas haverá quem te ouça? Haverá quem acorde? O nosso pobre paiz dorme o somno da lambança mais completa e sordida. Não vê nada, não quer ver nada, procura illudir-se com um milhão de mentiras e só recompensa aos que lhe mentem e lhe lisongeam as fraquezas. O livro do Prado é terrivel, é retrato fidelissimo. Prado portanto deve estar muito mal visto. Falar a verdade passou a ser crime entre nós. Voce vae-lhe nas aguas. Diz tudo que é preciso dizer. Cuidado! Elles acabam te linchando. Nossa gente quer dopes, cocainas - illusão. Está apodrecendo e em vez de curar-se, perfuma-se. É vivendo num paiz como este que se pode alcançar em toda a sua extensão a miseria economica, physica, biologica e moral da nossa pobre terra.

Rasgue esta incontinentemente, meu caro, antes que alguém metta o nariz nella. Tudo que te digo é estrictamente confidencial e só pode ser dicto a um espirito superior como o teu.

Adeus. Um abraço do desilludido

Lobato

[DATILOGRAFADA]

New York, 9, Out, 929

Meu caro Renato,

Recebi tua comunicação ao 1º Congresso de Eugenia¹⁰⁶ e li-a... Meu caro, dá-me a impressão de um D. Quixote científico, com todo o nobre entusiasmo do manchego mas sem a loucura delle, a pregar para uma legião de Panças. O que dizes é o que há de sensato, de sabio, de util, de interessante, mas haverá quem te ouça? Haverá quem acorde?

O nosso pobre paiz dorme o somno da lambança mais completa e sordida. Não vê nada, não quer ver nada, procura illudir-se com um milhão de mentiras e só recompensa aos que lhe mentem e lhe lisongeam as fraquezas. O livro do Prado¹⁰⁷ é terrivel, é retrato fidelissimo. Prado portanto deve estar muito mal visto. Falar a verdade passou a ser crime entre nós. Voce vae-lhe nas aguas. Diz tudo que é preciso dizer. Cuidado! Elles acabam te linchando. Nossa gente quer dopes, cocainas - illusão. Está apodrecendo e em vez de curar-se, perfuma-se. É vivendo num paiz como este que se pode alcançar em toda a sua extensão a miseria economica, physica, biologica e moral da nossa pobre terra.

Rasgue esta incontinente, meu caro, antes que alguém meta o nariz nella. Tudo que te digo é estrictamente confidencial e só pode ser dicto a um espirito superior como o teu.

Adeus. Um abraço desiludido

Lobato

¹⁰⁶ O Primeiro Congresso de Eugenia ocorreu entre os dias 1 e 7 de julho de 1929, no Rio de Janeiro. A comunicação de Kehl trazia o título: “A Eugenia no Brasil”, e está publicada nas Atas do evento.

¹⁰⁷ Livro de Paulo Prado, “Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira”, publicado em 1928.

[03/09/1930] Número 24. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

24
New York, 3, Setembro, 1930

Meu caro Renato,

Recebi o teu novo passo em beneficio do
nosso povo concretizado no livro do pae de familia. Optimo.
Está feito com a intelligencia e criterio scientifico que
distingue toda a tua obra. Apesar da pequena receptividade
da nossa gente, prevejo que esse livro vae metter sciencia
em muitos lares, despertando curiosidade para uma serie de
medidas hygienicas e eugenicicas que sem elle nunca seriam
lembradas. É um processo indirecto de fazer eugenia e tenho
commigo que os processos indirectos, no Brasil, "work" muito
mais efficientemente que os directos.

Estou num dia de trapalhada hoje. Uma filha e
uma neta - a primeira, uma americanazinha nascida seis mezes
ago, parte hoje para o Brasil. Como vês, estou avô. É o cumulo.
E avó duma miss newyorkina...

Adeus, meu caro. Continue no teu intelligente e
fecundo trabalho de abrir os olhos do nosso povo. Os resul-
tados não serão apparentes nem immediatos - mas um dia todos
te abençoarão.

Do velho camarada,

M. Lobato

*Espero muito
M. Lobato.*

[DATILOGRAFADA]

New York, 3, Setembro, 930

Meu caro Renato,

Recebi o teu novo passo em beneficio do nosso povo concretizado no livro do pae de familia¹⁰⁸. Optimo. Está feito com a intelligencia e criterio scientifico que distingue toda a tua obra. Apesar da pequena receptividade da nossa gente, prevejo que esse livro vae metter aciencia em muitos lares, despertando curiosidade para uma serie de medidas hygienicas e eugenicadas que sem elle nunca seriam lembradas. É um processo indirecto de fazer eugenia e tenho commigo que os processos indirectos, no Brasil, "work" muito mais efficientemente que os directos.

Estou num dia de trapalhada hoje. Uma filha e uma neta¹⁰⁹ - a primeira, uma americanazinha nascida seis mezes ago, partem hoje para o Brasil. Como vês, estou avô. É o cumulo. E avó duma miss newyorkina...

Adeus, meu caro. Continue no teu intelligente e fecundo trabalho de abrir os olhos do nosso povo. Os resultados não serão apparentes nem immediatos - mas um dia todos te abençoarão.

Do velho camarada

[ASSINATURA] Lobato

[MANUSCRITO À LÁPIS – CANTO INFERIOR ESQUERDO]

Dar o meu novo endereço.¹¹⁰

¹⁰⁸ Referência ao "Livro do Chefe de Família", publicado por Kehl em 1930.

¹⁰⁹ Refere-se à sua neta Joyce, filha de Martha, sua primogênita, e do artista Jurandyr Ubirajara Campos.

¹¹⁰ Provavelmente um manuscrito feito por Renato Kehl, já que ele informaria Lobato, na carta seguinte, sobre seu novo endereço.

[27/09/1930] Número 26. De Renato Kehl para Monteiro Lobato

26

Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1930

Meu caro Lobato

A sua carta encheu-me de alegria. Não calcula como me faz bem receber notícias suas e recordar o bom tempo da nossa convivência em S. Paulo. E Você. já é avô! Como corre o tempo! Ainda ha poucos dias, completando o meu 41º aniversário, tive nitida impressão da disparada da vida: fui apresentado a uma joven de 18 annos que eu, como parteiro novato, assistira nascer! Precisamos tomar cuidado, Lobato, do contrario chegaremos aos 80 annos sem perceber! A sua cartinha fez-me bem, ainda mais, por que veio estimular o meu desejo de perseverar na campanha pela eugeniização do nosso povo, á qual me dedico ha cerca de 17 annos. Muito e muito obrigado pela sua benevola apreciação ao Livro do Chefe de Família.

Faço sinceros votos pela sua felicidade e de todos os seus.

Um saudoso abraço do

Renato

Peço tomar nota do meu novo endereço
Caixa Postal, 2926
R. Smith de Vasconcellos, 63
Rio de Janeiro

[DATILOGRAFADA]

Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1930

Meu caro Lobato

A sua carta encheu-me de alegria. Não calcula como me faz bem receber notícias suas e recordar o bom tempo da nossa convivência em S. Paulo. E vcê. já é avô! Como corre o tempo!

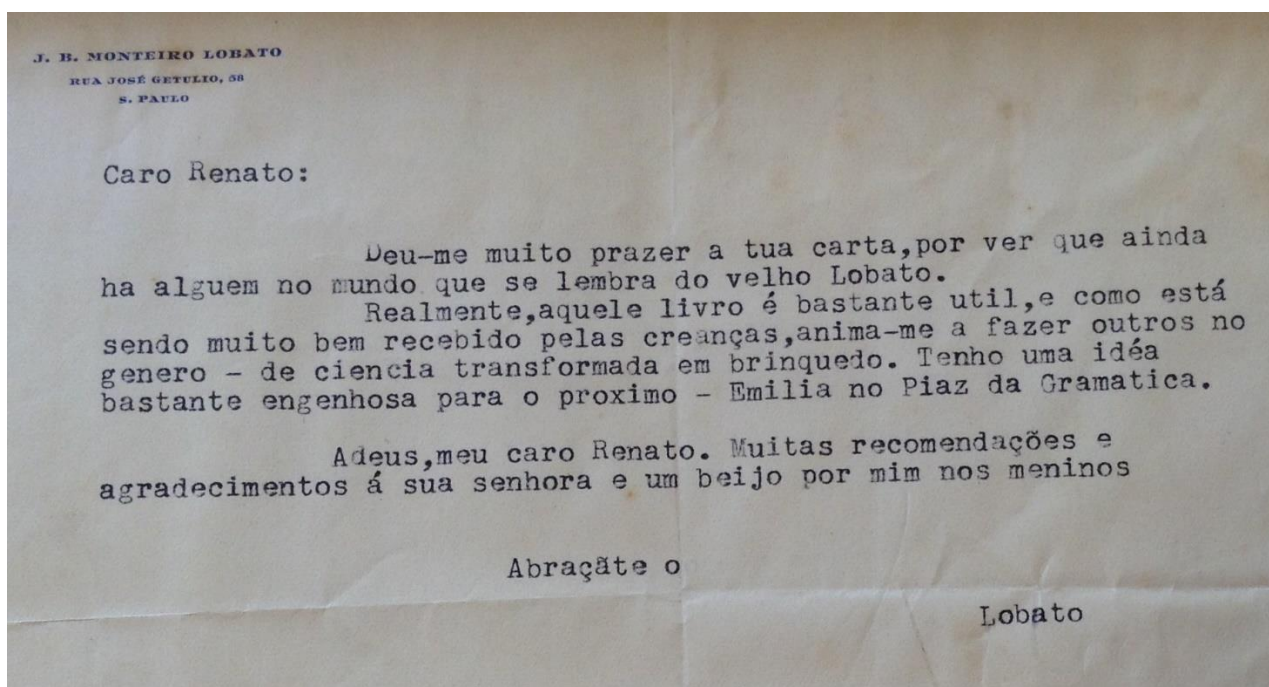
Ainda ha poucos dias, completando o meu 41° aniversário, tive nitida impressão da disparada da vida: fui apresentado a uma jovem de 18 annos que eu, como parteiro novato, assistira nascer! Precisamos tomar cuidado, Lobato, do contrario chegaremos aos 80 annos sem perceber! A sua cartinha fez-me bem, ainda mais, por que veio estimular o meu desejo de perseverar na campanha pela eugenição do nosso povo, á qual me dedico ha cerca de 17 annos. Muito e muito obrigado pela sua benevola apreciação ao livro do Chefe de Familia.

Faço sinceros votos pela sua felicidade e de todos os seus.

Um saudoso abraço do

Renato

Peço tomar nota do meu novo endereço
Caixa Postal, 2926
R. Smith de Vasconcellos, 63
Rio de Janeiro

{1931~1934}¹¹¹ Número 13. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

[TIMBRADO NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO]:

J. B. MONTEIRO LOBATO
RUA JOSÉ GETULIO, 58
S. PAULO

[DATILOGRAFADO]:

Caro Renato:

Deu-me muito prazer a tua carta, por ver que ainda há alguém no mundo que se lembra do velho Lobato.

Realmente, aquele livro é bastante util, e como está sendo muito bem recebido pelas creanças, anima-me a fazer outros no genero - de ciencia transformada em brinquedo. Tenho uma idéa bastante engenhosa para o proximo - Emilia no Piaz da Gramatica.

Adeus, meu caro Renato. Muitas recomendações e agradecimentos á sua senhora e um beijo por mim nos meninos

Abraçãte o

Lobato

¹¹¹ Esta carta deve datar a partir de 1931, dado que Lobato instalou-se no endereço da Rua José Getulio quando retornou dos Estados Unidos, neste ano. Emília no País da Gramática foi publicado primeiramente em 1934.

{1945 a 1948}¹¹². De Monteiro Lobato para Renato Kehl

Querido Renato:

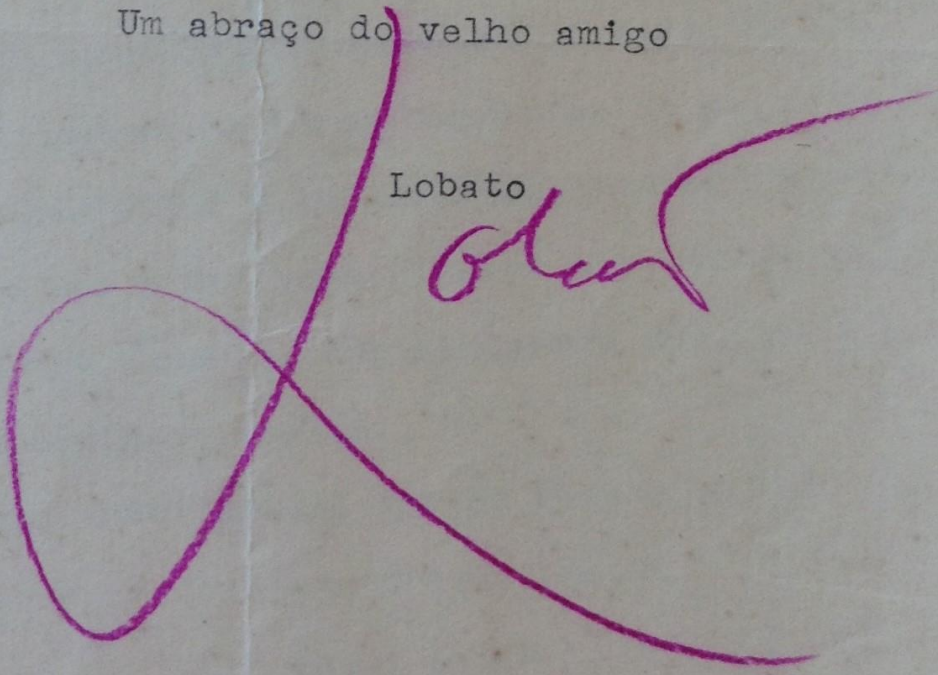
Obrigado pela informação de que já está instalado em S. Paulo. Faço votos para que não se arrependa e se beneficie com o clima daqui, menos deshumano que o do Rio.

Falei ha tempos com o Fontoura sobre o seu caso e ele me disse que tinha estado contigo. Pareceu-me que ha jeito de V. trabalhar com ele. Fontoura anda doente, com a ulcera reavivada. Esta semana veio do Rio o Silva Melo, vê-lo, e creio que ainda está por aqui. Vá visita-lo.

Adeus. Darei ao Campos o teu recado.

Um abraço do velho amigo

Lobato



¹¹² Supõe-se que esta carta seja datada do período posterior a 1945, que é quando Kehl retorna à São Paulo, de acordo com a breve biografia sobre o cientista, disponível no site da Academia Nacional de Medicina. Note-se que Lobato morre em 1948.

[DATILOGRAFADO]

Querido Renato:

Obrigado pela informação de que já está instalado em S. Paulo. Faço votos para que não se arrependa e se beneficie com o clima daqui, menos desumano que o do Rio.

Falei há tempos com o Fontoura sobre o seu caso e ele me disse que tinha estado contigo. Pareceu-me que ha jeito de V. trabalhar com ele. Fontoura anda doente, com a ulcera reavivada. Esta semana veio do Rio o Silva Melo, vê-lo, e creio que ainda está por aqui. Vá visita-lo.

Adeus. Darei ao Campos o teu recado.

Um abraço do velho amigo

Lobato

[ASSINATURA] Lobato

[22/07] {1945-1946}. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

S.P.22,7

Amigo Renato:

Estou aqui com o teu guia sinoptico da filosofia, que acho interessantissimo. Já o li e vou reler na fazenda do Chapadão, em Campinas, para onde sigo amanhã por uma quinzena. Obrigado pelo presente.

Escuta aqui. Tens aí aquele teu livro que eu prefaciei? Se tens, arranja-me um exemplar, nem que seja de empréstimo. Trata-se do seguinte. Um editor vai lançar as Obras Completas do M.L. e ha um volume PREFACIOS E ENTREVISTAS. Preciso do prefacio que fiz ao teu livro para figurar ali. Manda isso cá para o meu endereço, Rua Alabastro 296. em que seja para copia-lo apenas.

A adeus. Andei doente uns 30 dias e estou agora mais cuidadoso com a saudinha...

Do velho amigo

Lobato

[DATILOGRAFADO]

S. P. 22,7

Amigo Renato:

Estou aqui com o teu guia sinoptico da filosofia¹¹³, que acho interessantissimo. Já o li e vou reler na fazenda do Chapadão, em Campinas, para onde sigo amanhã por uma quinzena. Obrigado pelo presente.

Escuta aqui. Tens aí aquele teu livro que eu prefaciei¹¹⁴? Se tens, arranja-me um exemplar, nem que seja de emprestimo. Trata-se do seguinte. Um editor vai lançar as Obras Completas do M. L. e ha um volume PREFACIOS E ENTREVISTAS. Preciso do prefacio que fiz ao teu livro para figurar ali. Manda isso cá para o meu endereço, Rua Alabastro 296. Nem que seja para copia-lo apenas.

A adeus. Andei doente uns 30 dias e estou agora mais cuidadoso com a saudinha...
Do velho amigo

Lobato

[ASSINATURA QUASE APAGADA] Lobato

¹¹³ O Guia Sinóptico de Filosofia foi publicado em 1945, por Kehl.

¹¹⁴ Lobato refere-se ao livro “Bio-Perspectivas”, de Renato Kehl.

{1938}¹¹⁵. De Monteiro Lobato para Renato Kehl



¹¹⁵ Ano de publicação de “Bio-Perspectivas: Dicionário Filosófico”, que contou com o prefácio de Monteiro Lobato.

[FOLHA TIMBRADA]

[CABEÇALHO CENTRAL]

LOGO DA UJB

UNIÃO JORNALISTICA BRASILEIRA LTDA

PREDIO MARTINELLI - 7.º ANDAR

S. PAULO

[CANTO SUPERIOR ESQUERDO]

DIRECÇÃO DE MONTEIRO LOBATO

FAZER REFERENCIA NA RESPOSTA

[PEQUENAS CAIXAS EM BRANCO]

[CANTO SUPERIOR ESQUERDO]

CAIXA 2924

CABLE: UJOTABÊ

FONE: 2-7004

[DATILOGRAFADO]

Renato:

Cá me chegaram os dois exemplares da Bio-Perspectiva que v.me mandou. Está linda a obra. Parece uma aspirina - e é uma verdadeira aspirina para a cura de uma porção de noções erradas que temos no cerebro. Para cada item v.dá um punhado de ideis solidas, irreductíveis. Quem outro no Brasil sabe pensar com essa precisão matematica?

Adeus. E votos para que não pare com a aspirina de que precisamos.

Do

[ASSINATURA] M Lobato

[DATILOGRAFADO] Monteiro Lobato

[14/04/1936]. De Monteiro Lobato para Renato Kehl

S. Paulo, 14, 4, 936

Querido Renato:

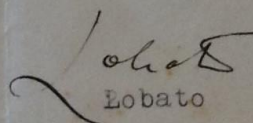
Recebi teu recado de solidariedade. Obrigado, Renato. A cainçalha não me perdôa ser querido das crianças e vender meus livros mais que eles. Daí tudo ser pretexto para insultos e difamações. Que gentinha ruim e miuda a nossa! Se com tua eugenia não concertas esta raça, tela-emos uma das mais sordidas do mundo.

Ha tempos recebi um folheto teu em que me citavas uma frase sobre o escuro criador de deuses e religiões. Se soubesses como essas audacias de "pensar conforme a ciencia" me tem rendido prejuizos, campanhas e tricas, abri-zias a boca. Sabes aquela Historia do Mundo para as crianças? Muitos livreiros trazem-na escôndida na gaveta secreta dos livros pornograficos que a policia proibe. Não podem expol-a nas vitrinas nem nos balcões. Os padres não admitem. Sabem por que? Porque dá o mundo criado evolutivamente, em vez de formado em seis dias por um velho de triangulo na cabeça, que descansou nonsetimo...

Como vai o Dr Belisario? Tembro-me dele sempre, como o homem que deve ter sofrido a maior decepção deste pais. Aquele fogo, aquele ardor sagrado, aquele impeto reformador que ele tinha! Que magnifico! Mas a Révolução veio demonstrar-lhe que pais que torto nasce, não endireita nem a pau. Quanto mais penso no Brasil, mais me convenço da sabedoria do Maaço Lopes, aquele barbadinho. A receita dele para concertar o Brasil é a unica que me parece eficaz. Sabes qual é? Um terremoto de 15 dias, para afofar a terra; e uma chuva de...adubo humano de outros 15 dias, para aduba-la. E começa tudo de novo.

Perfeita, não?

ádeus. Um grande abraço do teu velho amigo



Lobato

[MANUSCRITO EM VERMELHO POR KEHL NO TOPO] Guardar

[DATILOGRAFADO]

S. Paulo, 14, 4, 936

Querido Renato:

Recebi teu recado de solidariedade. Obrigado, Renato. A cainçalha não me perdoa ser querido das crianças e vender meus livros mais que eles. Daí tudo ser pretexto para insultos e difamações. Que gatinha ruim e miuda a nossa! Se com tua eugenia não concertas esta raça, tela-emos uma das mais sordidas do mundo.

Ha tempos recebi um folheto teu em que me citavas uma frase sobre o escuro criador de deuses e religiões. Se soubesses como essas audacias de "pensar conforme a ciencia" me tem rendido prejuizos, campanhas e tricas, abririas a boca. Sabes aquela Historia do Mundo para as crianças¹¹⁶? Muitos livreiros trazem-na escondida na gaveta secreta dos livros pornograficos que a policia proibe. Não podem expol-a nas vitrinas nem nos balcões. Os padres não admitem. Sabes por que? Porque dá o mundo criado evolutivamente, em vez de formado em seis dias por um velho de triangulo na cabeça, que descansou no setimo...

Como vai o Dr Belisario? Lembro-me dele sempre, como o homem que deve ter sofrido a maior decepção deste pais. Aquele fogo, aquele ardor sagrado, aquele impeto reformador que ele tinha! Que magnifico! Mas a Revolução¹¹⁷ veio demonstrar-lhe que pais que torno nasce, não endireita nem a pau. Quanto mais penso no Brasil, mais me convenço da sabedoria do Maneco Lopes, aquele barbadinho. A receita dele para concertar o Brasil é a unica que me parece eficaz. Sabes qual é? Um terremoto de 15 dias, para afofar a terra; e uma chuva de... Adubo humano de outros 15 dias, para aduba-la. E começa tudo de novo.

Perfeita, não?

Adeus. Um grande abraço do teu velho amigo

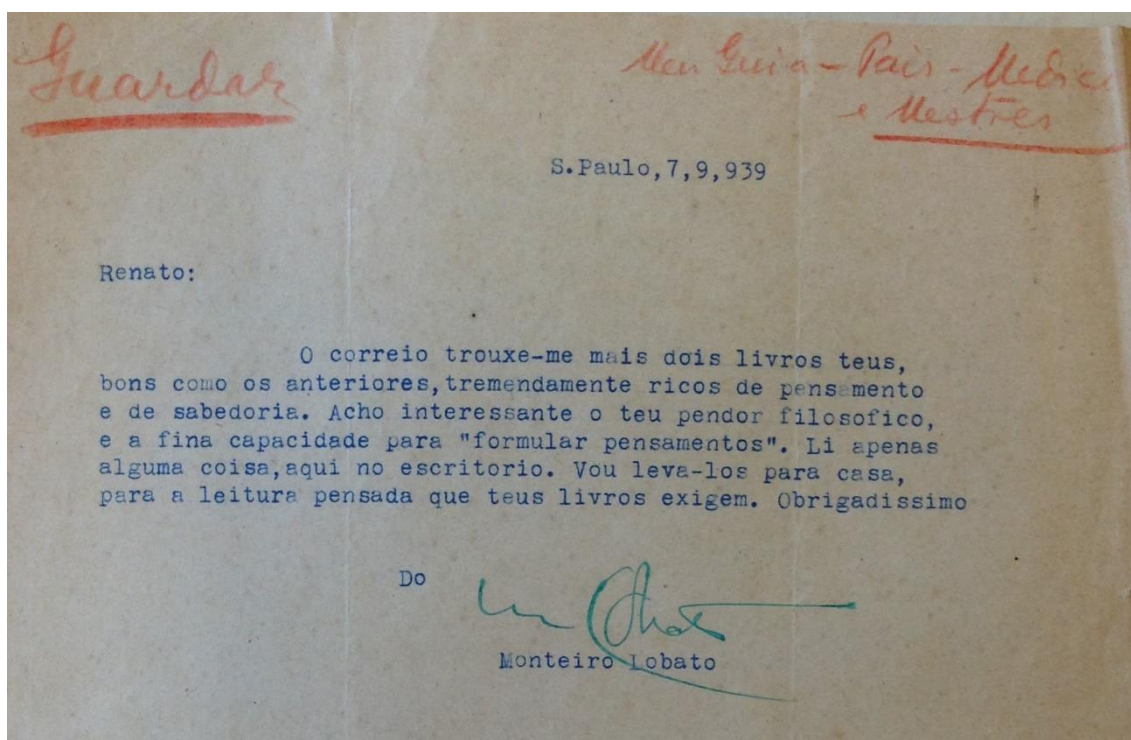
[ASSINATURA] Lobato

[DATILOGRAFADO] Lobato

¹¹⁶ O livro foi criticado e perseguido por alguns nomes da Igreja Católica e do governo.

¹¹⁷ Belisário Penna esteve ligado ao movimento revolucionário de 1930, que colocou Getúlio Vargas no poder. A insatisfação com a revolução, no entanto, o fez formar fileiras junto aos integralistas de Plínio Salgado.

[07/09/1939]. De Monteiro Lobato para Renato Kehl



[DATILOGRAFADA]

S. Paulo, 7, 9, 939

Renato:

O correio trouxe-me mais dois livros teus, bons como os anteriores, tremendamente ricos de pensamento e de sabedoria. Acho interessante o teu pendor filosofico, e a fina capacidade para "formular pensamentos". Li apenas alguma coisa, aqui no escritorio. Vou leva-los para casa, para a leitura pensada que teus livros exigem. Obrigadissimo

Do

[ASSINATURA] M Lobato

[DATILOGRAFADO] Monteiro Lobato

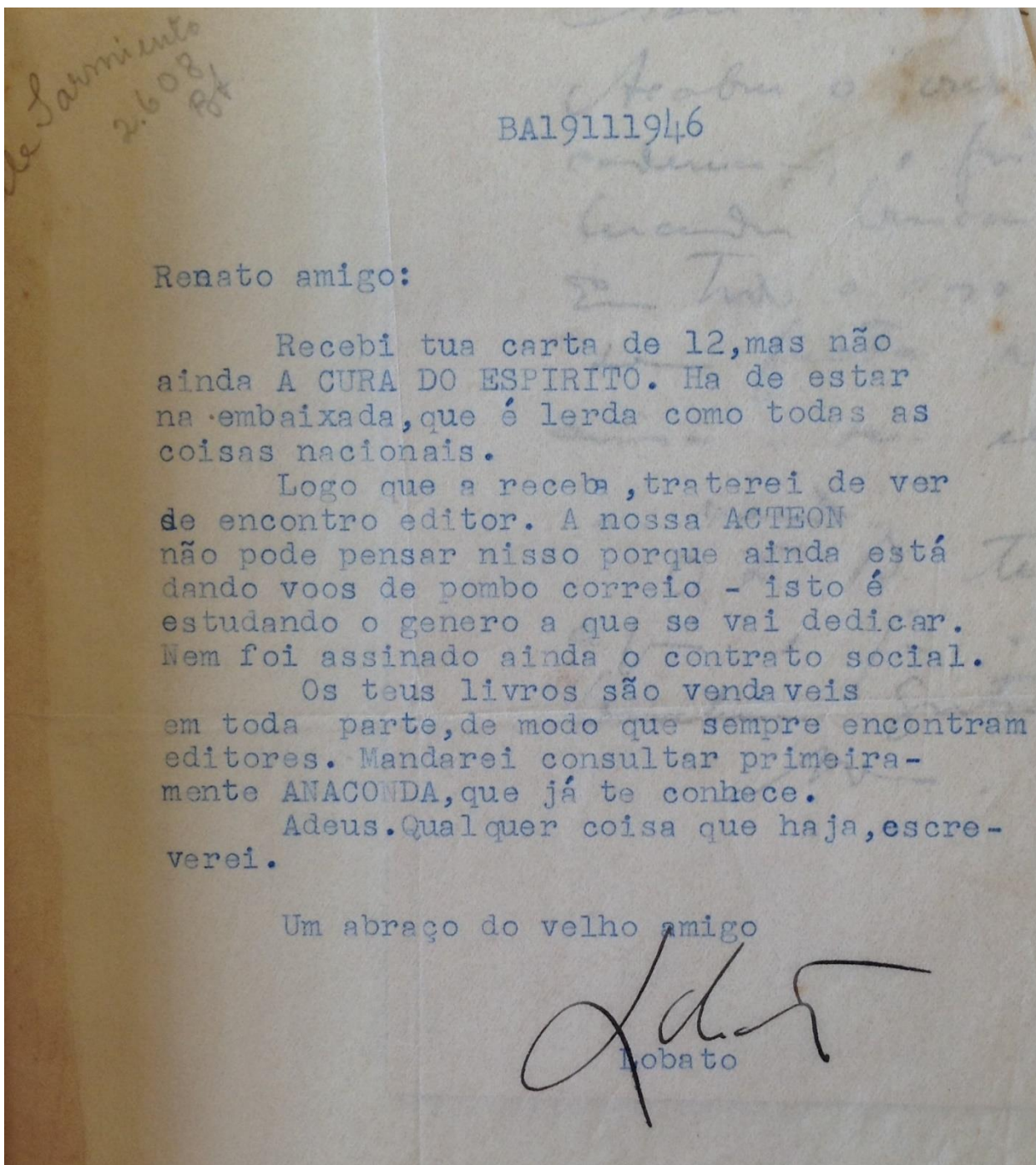
[ANOTAÇÕES DE KEHL EM VERMELHO NO TOPO]

Guardar

Meu Guia – Pais – Medicos e Mestres¹¹⁸

¹¹⁸ Livro “Pais, Médicos e Mestres: Problemas de Educação e Hereditariedade”, publicado em 1939 por Renato Kehl.

[19/11/1946]. De Monteiro Lobato para Renato Kehl



[DE LÁPIS, NO CANTO SUPERIOR ESQUERDO]: Calle Sarmiento 2.608 {Pot}
[DATILOGRAFADO]
BA19111946¹¹⁹

Renato amigo:

Recebi tua carta de 12, mas não ainda A CURA DO ESPIRITO¹²⁰. Há de estar na embaixada, que é lerda como todas as coisas nacionais.

Logo que a receba, tratarei de ver se encontro editor. A nossa ACTEON¹²¹ não pode pensar nisso porque ainda está dando voos de pombo correio - isto é estudando o genero a que se vai dedicar. Nem foi assinado ainda o contrato social.

Os teus livros são vendáveis em toda parte, de modo que sempre encontram editores. Mandarei consultar primeiramente ANACONDA¹²², que já te conhece.

Adeus. Qualquer coisa que haja, escreverei.

Um abraço do velho amigo Lobato [assinatura]

¹¹⁹ Buenos Aires, 19/11/1946. Lobato viveu um ano na capital argentina, ocupando o endereço anotado à lápis nesta carta.

¹²⁰ Livro de Renato Kehl publicado em 1946.

¹²¹ Editora argentina coordenada por Ramon Prieto. Obras do autor foram publicadas em espanhol por esta empresa.

¹²² Editora argentina que publicou *Conducta: guia para la formación del carácter*, de Renato Kehl, em 1940.

Autorização

Nome do autor: Arlindo Ferretti Junior

RG: 4.295.589

Título da dissertação: Eugenia e Identidade Nacional
nos escritos de Monteiro Lobato

Autorizo a Universidade da Região de Joinville -
Univille, através da Biblioteca Universitária,
disponibilizar cópias da dissertação de minha autoria.

Joinville, 3 de abril de 2020.

Arlindo Ferretti Junior